

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA



O MUNDO BÍBLICO VISTO DE HOJE

Hans Vogel

Trabalho de Projeto
Mestrado no ramo de História,
na especialidade em História Antiga,

2013

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA



O MUNDO BÍBLICO VISTO DE HOJE

Hans Vogel

Trabalho de Projeto orientado
pelo Prof. Doutor José Augusto Martins Ramos
Mestrado no ramo de História,
na especialidade em História Antiga

2013

Resumo

No âmbito da especialidade de História Antiga do mestrado em História realizei o presente trabalho de projeto, intitulado ‘o Mundo Bíblico visto de hoje’. O problema investigado lida com o facto de os textos da Bíblia se articularem com os seus contextos históricos, culturais, civilizacionais e ambientais. Os objetivos do estudo foram primeiro analisar temas da geografia, história e cultura bíblica; seguidamente, pesquisar representações do mundo da Bíblia na atualidade - averiguando necessidades -, e por fim, apresentar intervenções, respondendo à pergunta ‘mundo bíblico, que fazer com esta memória?’

A metodologia tem sido interdisciplinar pois a história articula-se com a geografia, arqueologia, línguas, estudos culturais, ciências sociais e com o ensino. Foram igualmente obtidos esclarecimentos em várias áreas, tanto em filologia, estudos bíblicos, bem como representações atuais - tanto em Portugal, como em Israel -. Ao longo da abordagem sobre o contexto bíblico, a perspetiva histórica tem sido consistente, tanto na articulação com o passado, como com o presente e o futuro. Posso afirmar que o mundo da Bíblia se tem revelado multidisciplinar. É de lembrar que a cultura bíblica surgiu num pequeno espaço geográfico, no entanto assumiu um papel crucial devido à sua posição entre diferentes povos. Com efeito, o mundo da Bíblia é uma ponte entre culturas. Dessa maneira, pode servir quer como uma entrada para a compreensão do mundo antigo, quer para o entendimento da atualidade. Assim sendo, a história e cultura bíblica pode e deve dar o seu contributo civilizacional. É substancial recordar que a memória do mundo bíblico faz parte da nossa tradição e pertence também ao domínio das ciências humanas. Evidentemente, as sociedades ocidentais têm duas raízes: a clássica e a bíblica. A atualidade precisa integrar a memória bíblica no mundo globalizado e promover o ensino e a investigação nesta área.

Com esta pesquisa, foi realizado o propósito de articular o mundo bíblico do passado com o presente e o futuro. Os objetivos propostos foram atingidos e as interrogações iniciais foram respondidas. O projeto ‘mundo bíblico visto de hoje’ tem pertinência educacional para o ensino básico, para a formação de multiplicadores e para a sociedade em geral. Pretende-se assim, promover o diálogo e a partilha de conhecimentos entre os vários intervenientes.

Palavras-chave: Texto bíblico, contexto, memória, representações e ensino.

Abstract

'The Biblical World seen from today ' is the final project of the master's program in History, with specialization in Ancient History. The research topic deals with the fact that the biblical texts articulate with their historical, cultural, civilizational and environmental context. The objectives of the study were: Firstly to analyze the themes of geography, history and culture from the Bible. Secondly, to study modern representations of the biblical world. Thirdly, to plan interventions addressing the question, 'the biblical world, what to do with this memory?'.

The methodology has been interdisciplinary. History has been linked to geography, archeology, languages, cultural studies, social sciences and teaching. Clarifications were also obtained from several areas: philology, biblical studies and current representations, both in Portugal and in Israel. Together with the approach to the biblical context, the historical perspective has been consistent, both in conjunction with past, present and future. The world of the Bible has proved to be multidisciplinary.

The biblical culture comes from a small geographic area. However, it assumed a crucial role due to its position in relation to different people and cultures. The world of the Bible is a bridge between cultures, as it helps to understand the ancient and the present world. Therefore, the biblical history and culture can and should give a contribution to our society. It is significant to remember that the memory of the biblical world is part of our tradition and also belongs to the field of science and culture. In reality western societies have two roots: the classical and the biblical. Presently we need to integrate the biblical memory in a globalized world and to promote its teaching and research.

My aim with this investigation is to articulate the biblical world of the past with the present and the future. My initial questions were answered and my objectives were met. The project 'The Biblical World seen from today ' has relevance for school education, for the formation of educators and for society in general. The aim is to promote dialogue and knowledge.

Keywords: Biblical text, context, memory, representation and teaching

Índice

Resumo e Palavras-chave	I
Abstract and Key words	II
Índice	III
Agradecimentos	VI
Introdução	1
I Uma aproximação ao Mundo da Bíblia	5
1. O texto do contexto.....	6
2. O que entendemos quando falamos de Mundo Bíblico?.....	6
3. A importância do contexto para a compreensão do texto.....	9
4. O contributo da Arqueologia na compreensão do Mundo Bíblico.....	10
5. Como o Mundo Bíblico se articula com a Geografia?	14
6. Como é o ambiente natural na Palestina?.....	19
6.1 Plantas no contexto bíblico	20
6.2 Animais no contexto bíblico.....	21
7. O papel das estradas que atravessaram a Palestina	23
8. Excurso: Será o Mundo Bíblico uma Memória a ser lembrada?.....	26
9. Excurso: Peregrinos, estrangeiros e outros povos.....	35
Conclusões parciais.....	37
II Representações atuais do Mundo Bíblico	38
1. Representações do Mundo Bíblico e sua receção em comunidades educativas atuais.....	39
1.1 Os critérios dos questionários	41
1.2 O que é que alunos da Catequese de uma Igreja Católica Romana sabem sobre o Mundo Bíblico?.....	42
1.3 O que alunos da Escola Dominical de uma Igreja Evangélica sabem do Mundo Bíblico?.....	43
1.4 Representações do Mundo Bíblico no meio de alunos da Educação Mo- ral e Religiosa numa Escola Pública	44
1.4.1 O que alunos da disciplina de Educação Moral e Religiosa Cató- lica sabem do Mundo Bíblico.....	46
1.4.2 O que alunos da disciplina de Educação Moral e Religiosa Evan- gélica sabem do Mundo Bíblico?.....	47

1.4.3	Experiências pessoais como docente de Educação Moral e Religiosa Evangélica	48
2.	Entrevistas com entidades ligadas ao ensino.....	50
2.1	Comissão para a Ação Educativa Evangélica nas Escolas Públicas.....	50
2.2	Faculdade de Teologia da Universidade Católica	51
2.3	Formação de docentes de Educação Moral e Religiosa Católica.....	53
2.4	Instituto Bíblico Português.....	53
3.	Representações do Mundo Bíblico em editores e movimentos.....	55
3.1	A Difusora Bíblica e o Movimento de Dinamização Bíblica	55
3.2	Uma Livraria Evangélica	57
3.3	A Sociedade Bíblica de Portugal.....	57
3.4	Sondagens na 83ª Feira do Livro em Lisboa.....	59
3.5	Representações do Mundo Bíblico em publicações do passado.....	60
4.	Entrevistas sobre o Mundo Bíblico em Israel	63
4.1	<i>German Protestant Institute of Archaeology in the Holy Land</i>	63
4.2	<i>École Biblique & Archéologique Française de Jérusalem</i>	65
4.3	<i>Israel College of the Bible</i>	67
4.4	<i>Nazareth Village</i>	69
4.5	<i>Israel Bible Society</i>	70
4.6	<i>Jerusalem University College</i>	72
4.7	Museu arqueológico do <i>Studium Biblicum Franciscanum</i>	73
4.8	Outras representações do Mundo Bíblico.....	74
	Conclusões parciais.....	75
III	Mundo Bíblico, o que fazer com esta memória?	77
1.	Formação contínua de docentes com exposição e aulas.....	79
1.1	Ação de formação para professores.....	80
1.2	Exposição móvel ‘Uma expedição pelo Mundo Bíblico’.....	84
1.3	Aulas sobre o Mundo Bíblico para a Educação Moral e Religiosa	88
2.	Formação com viagens de estudo para multiplicadores.....	91
2.1	Parte 1 - Comparação entre Portugal Romano e o Mundo do Novo Testamento.....	93
2.2	Parte 2 - O Médio Oriente Antigo e o Mundo Bíblico.....	94
2.3	Parte 3 - Viagem de estudo a Israel.....	96
2.3.1	Sítios arqueológicos da época do Antigo Testamento.....	97

2.3.2	Excurso: Introdução ao contexto da época do Novo Testamento.....	102
2.3.3	Visitas relacionados com a época do Novo Testamento.....	105
3.	Curso livre - A Bíblia e o seu contexto	109
	Conclusões parciais.....	111
	Conclusão	113
	Fontes e Referências Bibliográficas	117
I	Fontes.....	117
	1. Bíblias, edições críticas.....	117
	2. Bíblias, traduções em português.....	117
	3. Literatura clássica.....	117
II	Bibliografia geral.....	118
	1. Obras de Referência.....	118
	2. Obras gerais.....	120
	3. Publicações eletrónicas.....	125
	Apêndices	127
I	Resultados dos questionários sobre o Mundo Bíblico.....	127
	1. Alunos do 2º ciclo da Paróquia de Sintra.....	127
	2. Alunos do 2º ciclo da Igreja Evangélica de Sintra-Mem Martins.....	128
	3. Alunos do 3º Ciclo e Secundário da Igreja Evangélica de Sintra-M M.....	129
	4. Alunos do 2º Ciclo da Educação Moral e Religiosa Católica.....	131
	5. Alunos do 3º Ciclo da Educação Moral e Religiosa Católica.....	133
	6. Alunos do 2º Ciclo da Educação Moral e Religiosa Evangélica.....	134
	7. Alunos do 3º Ciclo da Educação Moral e Religiosa Evangélica.....	136
II	Bibliografia para aulas e atividades sobre o Mundo Bíblico.....	137
	1. Livros.....	137
	2. Filmes em formato DVD.....	138
	3. Mapas didáticos.....	139
	Anexo	140
	Mapas do Mundo Bíblico.....	140

Agradecimentos

Agradeço à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e ao Departamento de História pela possibilidade de ter participado neste ciclo de estudo e de ter realizado o meu trabalho de projeto nesta área.

O presente trabalho final de mestrado só se tornou possível graças ao apoio e à colaboração de muitas pessoas, pelo que neste espaço quero exprimir a minha gratidão sincera a todos aqueles que contribuíram para a realização deste estudo.

Estou especialmente grato ao meu Orientador, Professor José Augusto Ramos, pelas suas preciosas instruções e diretrizes ao longo da elaboração deste trabalho.

Agradeço aos Professores do mestrado em História com os quais estudei, em especial ao diretor do mestrado em História, especialidade História Antiga, o Professor Amílcar Guerra, por ter dirigido esta pesquisa para a forma de ‘trabalho de projeto’. A minha gratidão estende-se também ao secretário-geral da Sociedade Bíblica, Dr. Timóteo Cavaco, pelo acompanhamento.

Agradeço a todos os que participaram nos questionários realizados, respondendo às perguntas e compartilhando as suas experiências.

Gostaria também de agradecer à Inês Bettencourt e ao Dr. Carlos Bettencourt pelas correções e revisões da língua portuguesa e à Mestre Paula Lopes pela leitura final. Pois, apesar de estar bastante familiarizado com o assunto, a língua portuguesa continua a ser língua estrangeira para mim.

E, por fim, mas não menos importante, agradeço à minha esposa Verena Ruth e aos meus filhos, pelo apoio que me deram e pela paciência demonstrada ao longo deste tempo de estudo e laboriosa redação.

INTRODUÇÃO

O tema objeto deste trabalho é o mundo bíblico e a sua situação na atualidade. Foram, sobretudo, as seguintes razões que motivaram a escolha: a natureza multidisciplinar, a possibilidade de investigar novos campos do saber e a tarefa de articular o passado, o presente e o futuro. O desafio cultural e social também determinou o tratamento da problemática em discussão, dado que a literatura bíblica acompanhou a história ocidental e continua a fazer parte da memória, razão pela qual este assunto merece uma abordagem aprofundada.¹ O problema em estudo confronta-se com o facto de a Bíblia ser considerada um livro religioso e os estudos bíblicos serem, sobretudo, do domínio da teologia. Perguntas teológicas merecem trabalhos sérios, porém não é esta a tarefa da presente investigação, dado que se trata de uma análise histórica.² No entanto é de lembrar que os textos bíblicos lidam também com questões históricas e culturais e o mundo bíblico faz parte dos estudos históricos. Na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, a história e cultura de Israel estão integradas no primeiro ciclo de estudos da área de História e, no segundo ciclo, o mundo bíblico é uma das unidades curriculares opcionais em História. É de salientar ainda que a Faculdade de Letras de Lisboa teve dois catedráticos de História Antiga - especialistas em estudos bíblicos³ e foram realizados mestrados e doutoramentos nesta temática. Ao longo dos anos, muitas obras científicas, ligadas à Bíblia e seu mundo, foram publicadas por autores associados à Faculdade de Letras⁴. Portanto o mundo bíblico na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa merecia um es-

¹ Na minha vida profissional tenho constatado o problema da lacuna de conhecimento sobre o mundo bíblico no meio juvenil e escolar. No início do segundo ano de estudo, surgiu a possibilidade de poder elaborar o trabalho de projeto como tarefa final de mestrado. Com o atual estudo, procurou-se igualmente integrar conhecimentos e competências adquiridas ao longo do mestrado em História - especialidade História Antiga -. Nomeadamente estudar uma problemática que se revelou pertinente na prática e articular os saberes teóricos com a utilização de ferramentas que possam dar solução à necessidade detetada.

² Pois, os estudos de mestrado em história devem ocupar-se com o tema da memória, vide sobre o mestrado em História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, o artigo 2.º do despacho n.º 9023/2013, disponível em <http://dre.pt/pdf2sdip/2012/07/128000000/2346923469.pdf>, [consult. 31 de agosto de 2013].

O Professor José Nunes Carreira e o Professor José Augusto Martins Ramos.

⁴ A revista CADMO, do Centro de História da Universidade de Lisboa teve em 1991 o primeiro número e chegou em 2012 ao n.º 22. Dos autores que escreveram sobre a Bíblia e o seu mundo destacam-se os Professores José Nunes Carreira, José Augusto Martins Ramos, Francolino Gonçalves e Nuno Simões Rodrigues, vide <http://www.centrodehistoria-flul.com/cadmo.html>, [consult. 25 de setembro de 2013]. Na Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL), n.º 21-22, 5ª série, 1996/1997, pp. 155-195, vem o plano de uma cadeira lecionada na FLUL, num texto intitulado 'A Bíblia e o seu mundo', da autoria do respetivo docente Professor José Augusto Martins Ramos. Menciona-se ainda a edição portuguesa do 'Atlas Bíblico da Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira' que foi realizada pelos Professores da FLUL: José Nunes Carreira, José Augusto Martins Ramos e António Ramos dos Santos, vide "Colaboradores", *Atlas Bíblico da Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, James B. Pritchard (diretor principal), José Nunes Carreira (ed. port.), Lisboa, Edições Zairol, 1996, p. 5.

tudo próprio, no entanto, o presente trabalho de projeto visa a formação dum público que está a exercer funções em comunidades educativas.⁵

Neste trabalho, o foco é centrado no contexto bíblico e a abordagem trata tanto o passado, como a situação do presente e a atuação no futuro. Os principais objetivos são examinar de forma metódica e abrangente tanto o mundo da Bíblia no contexto original, como as representações do mundo bíblico num âmbito da sociedade em geral e apresentar propostas de atuação para multiplicadores. Os temas que incluem a história e cultura bíblica são amplos, por isso os critérios de escolha dos assuntos aprofundados na primeira parte foram selecionados conforme o interesse pessoal. A problemática em causa trouxe o desafio da extensão de questões e por outro lado tem sido um privilégio poder investigar esta área do saber neste ciclo de estudos “(...) em contextos alargados e multidisciplinares, ainda que relacionados com a sua área de estudo, (...)”⁶ Os objetivos delineados pelo projeto foram: estudar temas chave do mundo bíblico; conhecer a situação da compreensão do mundo bíblico em algumas comunidades educativas da Grande Lisboa, operando os resultados obtidos como indicadores sociais e entrevistar responsáveis de instituições em Portugal e em Israel; elaborar propostas de atuação para o ‘Sector Animação Bíblica e Cultural’ da Sociedade Bíblica de Portugal⁷ para melhorar o conhecimento do mundo bíblico na sociedade.

Com o tema a ser dissertado ao longo destas páginas ‘o Mundo Bíblico visto de hoje’ pretende-se: na primeira parte, analisar questões da geografia, história e cultura bíblicas; na segunda parte, investigar representações do mundo da Bíblia em Portugal e em Israel e, na terceira parte, apresentar propostas de ação para a interrogação ‘mundo bíblico, que fazer com esta memória?’ Para uma dissertação de mestrado, este tema seria demasiadamente vasto, razão pela qual a forma assumida para este estudo final é o ‘trabalho de projeto’, uma vez que tem características próprias e é de natureza interdisciplinar. Presumivelmente, são estas as razões pelas quais não se encontraram investigações idênticas. Contudo, na pesquisa sobre o mundo bíblico - realizada na primeira parte -, foram consultados estudos que abordam estes

⁵ Pois, neste ciclo de estudos não estou preparado para projetar intervenções no nível universitário.

⁶ Citando o ‘Ciclo de estudos conducente ao grau de mestre’ da Reitoria da Universidade de Lisboa, vide artigo 20.º, do capítulo IV do despacho n.º 4624/2012, disponível em <http://www.ff.ul.pt/wp-content/uploads/2012/03/REPGUL-Mar%C3%A7o2012.pdf>, [consult. 31 de agosto de 2013].

⁷ O alvo da terceira parte é apresentar propostas de ações para o ‘Sector Animação Bíblica e Cultural’ da Sociedade Bíblica de Portugal (SBP). Uma possível cooperação com a SBP tinha motivado a escolha do trabalho de projeto e seguidamente a projeção de atuações para o ‘Sector Animação Bíblica e Cultural’ da SBP com o propósito de que pudessem contribuir para uma melhor compreensão acerca do mundo bíblico no ensino e na sociedade. Há algum tempo, tenho estado em diálogo acerca da situação do mundo bíblico com o secretário-geral da Sociedade Bíblica e a intenção de realizar um estudo neste âmbito surgiu neste contexto.

temas. As fontes usadas são textos da Bíblia e bibliografias sobre o contexto dos textos bíblicos. Na segunda parte - para os critérios das entrevistas -, procurou-se orientação das ciências sociais e, a terceira parte, baseou-se na orientação teórica inicial, em modelos consultados e na experiência pessoal. Por conseguinte, o presente estudo concentra-se na história, geografia e cultura bíblica, na sua representação na atualidade e nas atividades aconselhadas.

Na parte teórica, não existiu o propósito de abordar questões da religião, ou teologia. Na segunda parte, é feita uma tentativa de perceber as representações do mundo bíblico no presente, porém não se analisaram os respetivos antecedentes e causas históricas e sociais. As propostas de atuação na terceira parte foram influenciadas pelas averiguações efetuadas na segunda parte e pela experiência e preferência do próprio autor. As atividades sugeridas foram acordadas com a Sociedade Bíblica.⁸ Nos procedimentos metodológicos do mundo bíblico, procurou-se consultar fontes originais e autores que realizaram estudos científicos.⁹ Relativamente à segunda parte, depois do entusiasmo inicial em poder realizar uma pesquisa de campo, verificou-se a carência de preparação académica na área dos estudos sociais. Não obstante, tendo sido adquirido pouco depois algum conhecimento pela via autodidática foi possível fazer a investigação empírica, sem ambições do rigor das ciências sociais. Houve uma concentração na época do mundo bíblico do início da monarquia de Israel até ao fim do tempo relatado no Novo Testamento¹⁰. O espaço geográfico destacado são as regiões orientais do Mar Mediterrâneo e Crescente Fértil, com incidência no Levante. É assumido que os textos bíblicos contêm informação histórica, geográfica e cultural da época¹¹. O estudo é diacrónico, no entanto em questões essenciais assume características sincrónicas. Pesquisas realizadas pelo presente autor - em estudos bíblicos, história e cultura bíblica e história antiga -, serviram como base para o presente trabalho de projeto. A nível pessoal, esta investigação foi estimulada pela sua natureza interdisciplinar - pela possibilidade em poder incluir questões de geo-

⁸ Na temática das representações atuais do mundo bíblico, tentou perceber-se o conhecimento do mundo bíblico em algumas comunidades educativas, operando estes como indicadores. Foram também realizadas entrevistas a membros de entidades que têm como objetivo o ensino ou promoção de áreas ligadas ao mundo bíblico. Na pesquisa sobre livros não académicos que abordam o mundo da Bíblia, pretendeu-se saber o que existe em português de Portugal com o fim de ter uma base de dados de literatura para futuras atuações. As entrevistas em Israel serviram como inspiração e orientação para a terceira parte do projeto de trabalho. As visitas realizadas e propostas foram documentadas com referências eletrónicas.

⁹ Na biblioteca da Faculdade de Letras, o mundo bíblico encontra-se em várias secções, na religião, história, cultura clássica, porém também na literatura e filosofia e nas bibliotecas dos vários centros de investigação. Na biblioteca da Universidade Católica consultei as secções de teologia, história, literatura e ciências sociais. O meu próprio acervo bibliográfico também me foi muito útil e adquiri vários livros. O 'Atlas Bíblico da Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira' relevou-se ser uma fonte de informação valiosa para o assunto em questão.

¹⁰ Ou seja, cerca de 1000 a. C. até ao fim do primeiro século d. C..

¹¹ Os testemunhos da Bíblia foram contextualizados com textos relacionados do Médio Oriente Antigo e achados arqueológicos.

grafia, ambiente natural e arqueologia -, em poder estudar o contexto bíblico numa perspectiva histórica e pela articulação do passado com o presente e seguidamente pelas projeções para o futuro. Assim sendo, a problemática a ser desdobrada ao longo destas páginas revela a motivação pessoal, nomeadamente na importância da contextualização do texto e a pertinência do ‘propósito do texto’ que foi igualmente inspiração para o presente e o futuro, sendo o trabalho no meio escolar e juvenil uma vocação do autor. O projeto ‘mundo bíblico visto de hoje’ tem relevância educacional em vários níveis, tanto na educação básica e na formação contínua. O problema a ser tratado tem ainda importância social, pois os textos da Bíblia e os seus mundos são parte integrante dos alicerces da sociedade. A importância do mesmo não se restringe ao público escolar e juvenil, dado que o mundo bíblico faz parte da ‘história e cultura universal’. O título ‘mundo bíblico visto de hoje’ pode parecer simples e peculiar, porém a realidade tratada nestas páginas faz parte da civilização e é de interesse cultural. Neste estudo, os conceitos ‘mundo bíblico’, ‘mundo da Bíblia’ e ‘história e cultura bíblica’ são assumidos como sinónimos. O mundo bíblico é encarado como o conjunto dos contextos com os quais os textos bíblicos se articularam. Os conteúdos com os quais os textos dos livros da Bíblia estavam ligados foram a história na qual ocorreram; os lugares geográficos nos quais aconteceram; as culturas com as quais dialogaram; o meio ambiente natural em que estavam inseridos e a vida diária na qual as pessoas se moveram. As palavras-chave do presente estudo são: ‘texto bíblico’ - ou seja os escritos dos livros das Bíblias cristãs -; ‘o contexto bíblico’ - que abrange a história, geografia, ambiente natural e cultura -; ‘representação’ - onde questões da história e cultura bíblica se encontram presentes na atualidade - e ‘ensino’ - que tem a ver com o desafio de como a memória pode ser transmitida de forma persistente, hoje em dia. A ortografia dos nomes geográficos e nomes próprios da Bíblia é elaborada em ‘português corrente’, por ter sido esta a forma encontrada pela Sociedade Bíblica de Portugal e pela Difusora Bíblica para ser utilizada em ‘a Bíblia para todos’ e na ‘Bíblia Sagrada’.

O itinerário pelo mundo bíblico é um desafio que pode ser comparado a um caminho por terrenos variados, cheios de trajetos diferentes. O espaço é largo, o tempo a percorrer é vasto e as culturas a conhecer são variadas, pelo que se trata de uma aventura fascinante, pois ela vai ao encontro da memória. Uma lembrança que ainda existe na atualidade e que busca novas formas de recordação.

I Uma aproximação ao Mundo da Bíblia

Schwanitz, na sua abordagem sobre a cultura ocidental, afirma que a origem da história europeia nasce de duas fontes principais, seno uma grega e a outra hebraica: as epopeias de Homero e a Bíblia.¹² A mesma tese já tinha apresentado Raphael, com o fundamento de que na sociedade ocidental são reconhecidas duas fontes principais, a hebraica e a helénica.¹³

Apesar de as terras da Bíblia se encontrem geograficamente longe de Portugal, existem testemunhos que ilustram o interesse dos portugueses pela Terra Santa. Um exemplo é o livro do orientalista Carreira que descreve e documenta a época dos descobrimentos. A obra tem o título “Outra face do Oriente - o Próximo Oriente em relatos de viagem”. Relata como portugueses, nos séculos XVI e XVII, realizaram peregrinações à Terra Santa e passaram pela Palestina, nas suas viagens até à Etiópia, Pérsia e Índia.¹⁴ O catálogo da exposição “Impressões do Oriente - de Eça de Queiroz a Leite de Vasconcelos” oferece alguns testemunhos do século XIX, mostrando imagens de Jericó, Jerusalém e outros lugares na Palestina.¹⁵ São fotografias antigas, que foram tiradas entre 1855 e 1880. Um testemunho dos meados do século XX, é o livro “Por terras de Jerusalém e do Próximo Oriente”,¹⁶ no qual o Prof. José Nunes Carreira descreve a sua própria experiência de estudos em Jerusalém na *École Biblique & Archéologique Française de Jerusalem* e as suas viagens pela Palestina e por outros países do Crescente Fértil, ou seja do Egito até à Pérsia.

Estes são somente alguns testemunhos do manifesto interesse de pessoas de Portugal pelo Levante, durante os séculos passados. A parte dois do presente trabalho apresentará alguns resultados obtidos sobre esta questão. A experiência da viagem que fiz através de Israel, em maio de 2013, mostrou-me a realidade neste país, existindo aí um grande número de instituições que lidam com o mundo bíblico. Encontrei também muita receptividade e interesse ativo pelo assunto em questão.

¹² Vide Dietrich Schwanitz, “Panorâmica Geral”, *Cultura: Tudo o que é preciso saber*, Lisboa, Dom Quixote, 2004, p. 17.

¹³ Vide Chaim Raphael, “The Two Traditions: the Hebraic and the Hellenic”, *Literature and Western Civilization, volume I - The Classical World*, David Daiches e Anthony Thorlby (eds.), London, Albus Books, 1972, p. 488.

¹⁴ Vide José Nunes Carreira, *Outra face do Oriente - o Próximo Oriente em relatos de viagem*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1997.

¹⁵ Vide *Impressões do Oriente* [catálogo da exposição]: de Eça de Queiroz a Leite de Vasconcelos / textos de Luís Manuel de Araújo, Luís Raposo, José Pessoa; fot. Sofia Torrado, Tânia Olim, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, 2008, pp. 40-44.

¹⁶ Vide José Nunes Carreira, *Por terras de Jerusalém e do Próximo Oriente*, Mem Martins, Europa-América, 2003.

1. O texto do contexto

O que é a Bíblia? Esta é uma pergunta simples, contudo, existem várias maneiras de responder. Primeiro, a resposta mais simples, tomando em conta o significado da palavra Bíblia: é um livro e este é exatamente o significado da palavra grega *biblia*. Seguidamente a resposta acerca do conteúdo deste livro, cuja resposta já é bastante mais vasta. A Bíblia é uma coleção de livros que foram escritos ao longo de um longo período de tempo. A Bíblia cristã tem duas partes principais, a primeira é designada de Velho, ou Antigo Testamento e corresponde à Bíblia hebraica do povo judeu. A segunda parte é o Novo Testamento, escrito no contexto greco-romano, na língua grega-comum. No entanto, neste trabalho de projeto, concentro-me no contexto do texto, ou seja, no mundo bíblico. O texto é sem dúvida essencial. Para os cristãos conservadores, a Bíblia é a palavra de Deus inspirada e conseqüentemente a regra, ou seja, o cânon. Por outro lado, quem se orienta pelo racionalismo da crítica literária, considera mito o que não corresponde ao entendimento lógico e o que não for provado por achados arqueológicos. Todavia, não é tarefa destas páginas abordar esta questão, apesar ser muito importante e até fascinante, reflete no entanto muito mais os debates do pensamento ocidental dos últimos tempos, do que a história antiga à qual o mundo bíblico pertence. Pessoalmente, tenho a minha posição definida e considero que é preciso dar crédito aos autores e redatores originais, porém, mais uma vez, insisto que neste trabalho concentro-me sobretudo no contexto do texto e na sua relevância para os dias de hoje. Assim, sendo o mundo bíblico história e cultura do passado, ambiciono aprofundar a questão do seu relacionamento com a memória.

2. O que entendemos quando falamos de Mundo Bíblico?

O mundo bíblico não é de fácil categorização. Será esta uma das razões pela qual este assunto é pouco reconhecido? Não obstante, esta questão será analisada no capítulo 2.

Um importante livro ainda hoje dá orientação na compreensão do mundo bíblico. A obra é de Noth e tem o título *Die Welt des Alten Testaments* (O mundo do Antigo Testamento) e o seu subtítulo é *Einführung in die Grenzgebiete der Alttestamentlichen Wissenschaft*¹⁷ (Introdução às áreas fronteiras da ciência veterotestamentária). Os conteúdos do mundo bíbli-

¹⁷ Vide Martin Noth, *Die Welt des Alten Testaments. Einführung in die Grenzgebiete der Alttestamentlichen Wissenschaft*, Berlin, Alfred Töpelmann, 1962.

co são considerados ‘áreas limites’ e de facto, não é fácil enquadrar e definir os assuntos do tema em estudo. É revelador olhar para o índice da obra de Noth.¹⁸

A primeira parte expõe a geografia da Palestina:

- 1) Os aspetos exteriores do país (topografia, dimensão, clima, flora e fauna);
- 2) História natural (geologia) e
- 3) Palestina, o palco da história bíblica (os nomes bíblicos do país e regiões, a sua colonização e a divisão política do país).

A segunda parte trata da arqueologia:

- 1) A introdução à arqueologia da Palestina (incluindo os períodos culturais);
- 2) O trabalho arqueológico e
- 3) Os resultados da arqueologia da Palestina para a história bíblica.

A terceira parte aborda aspetos da história pré-clássica:

- 1) Os países (regiões naturais e vias de comunicação);
- 2) As culturas;
- 3) Escrita e registos;
- 4) Línguas (semíticas e não semíticas);
- 5) Povos;
- 6) Nações (impérios, estados pequenos e cidades);
- 7) Datas (cronologias relativas e absolutas) e
- 8) Religiões (fontes, percepções e práticas, e panorama das diferentes religiões).

Na quarta parte é descrito o texto do Velho Testamento:

- 1) A transmissão do texto na sinagoga;
- 2) A transmissão do texto na igreja cristã e
- 3) Métodos do trabalho da crítica textual.

Não é ambição do presente trabalho entrar em todos estes campos, visto tratar-se dum livro que aborda o Antigo Testamento. Além disso, neste alistamento nem foram mencionados as demais áreas dos estudos do Novo Testamento e do seu contexto judaico, helénico e romano. Para uma visão panorâmica listam-se aqui os capítulos do livro “Explorando o mundo do Novo Testamento” de Bell:¹⁹

¹⁸ Vide Martin Noth, “Inhalt”, *Die Welt des Alten Testaments*, op. cit., pp. IX-XV (tradução realizada pelo autor).

¹⁹ Vide Albert A. Bell, “Sumário”, *Explorando o Mundo do Novo Testamento*, Belo Horizonte, Editora Atos, 2001, pp. 5-8.

- 1) Por que este livro? (Texto e contexto, teologia e história);
- 2) A origem judaica do Novo Testamento: Berço em que nasceu a igreja (judaísmo: helenistas e judeus, ...);
- 3) Os poderes que virão (*Imperium Romanum*, os imperadores e o Novo Testamento);
- 4) A lei romana e o Novo Testamento;
- 5) A religião greco-romana;
- 6) A filosofia greco-romana;
- 7) A estrutura da sociedade greco-romana;
- 8) Relações pessoais e moralidade na sociedade e
- 9) Tempo, distância e viagens pelo mundo romano e apêndices com fontes e genealogias.

O tempo que os escritos do Novo Testamento abrangem é muito mais reduzido do que o período que contém a história do Velho Testamento, porém os contextos do segundo Testamento da Bíblia cristã são muito vastos e, como tal, não se enquadram no âmbito do presente trabalho de projeto. Consequentemente, a minha abordagem sobre o mundo bíblico é subjetiva, pois apenas entro nas áreas que pretendo aprofundar e que me parecem ter interesse para a aplicação que será tratada na terceira parte do atual estudo.

Não obstante, é necessário iniciar a penetrar neste mundo bíblico e começamos com o significado das palavras e conceitos. A palavra ‘Bíblia’ é de origem grega e significa ‘livros’.²⁰²¹ Na Bíblia de língua grega, ou seja na tradução grega do Antigo Testamento - a *Septuaginta* -, e no Novo Testamento grego, a palavra *biblion* aparece com frequência, porém é utilizada para um documento escrito, um livro, uma carta, ou um contrato de compra.²² O termo grego *biblion*, ou o plural *bíblia*, que se encontra nos livros bíblicos, não designa o conjunto dos livros da Bíblia; consequentemente o termo atual ‘Bíblia’ é extra-bíblico. Foram pois os cristãos de língua grega, dos primeiros séculos da era cristã, que começaram a chamar, ‘*ta bíblia*’ aos livros que declararam ser o princípio das suas crenças, ou seja as Escrituras.²³ O termo ‘Escrituras’, ou ‘Escrituras’, se se empregar no plural, em grego *graphais* e *grammata*, respetivamente, refere-se nos escritos do Novo Testamento aos livros do Antigo Testamento. Assim, pode ler-se em Mateus 21, 42: “Já leram com certeza aquele trecho das Escrituras

²⁰ Vide “Introdução Geral”, *a BÍBLIA para todos* (edição comum), Lisboa, Sociedade Bíblia de Portugal, 2009, p. 19.

²¹ A afirmação a Bíblia é um livro, é uma tautologia, porque Bíblia e livro dizem o mesmo. Porém, o significado da palavra ‘a Bíblia’ corresponde ao conceito ‘a Bíblia Sagrada’. Pois, estamos a entrar na esfera religiosa, no entanto é primeiramente tarefa deste estudo de olhar para o mundo da Bíblia, a partir da esfera das ciências humanas.

²² Vide “Escreve isto num livro” (Êxodo 17, 14), “Na carta dizia” (2 Samuel 11, 15), “Dei-lhe o contrato de compra ...” (Jeremias 32, 12), “Baruc leu no templo as palavras do Senhor escritas no rolo, ...” (Jeremias 36, 8).

²³ Vide “Introdução Geral”, *a BÍBLIA para todos*, *op. cit.*, p. 19.

(*graphais*) que diz ...”. Em 2 Timóteo 3, 15 aparece ‘Escrituras’ (*grammata*) e no versículo a seguir ‘Escritura’ (*graphe*). No sentido mais genérico, o termo Escrituras pode ser utilizado como sinónimo da palavra ‘Bíblia’. No Novo Testamento, o conjunto dos livros do Antigo Testamento é indicado pelo conceito “lei, profetas e salmos”. Por exemplo em Lucas 24, 44 “na Lei de Moisés, nos livros dos profetas e nos Salmos”. Esta designação corresponde à da Bíblia hebraica: “Lei, profetas e escritos”, em hebraico *Torah, Nevi'im* e *Ketuvim*. Os escritos da Bíblia hebraica e os da segunda parte da Bíblia cristã, foram redigidos em livros separados - geralmente em rolos -. O códice, ou seja manuscritos num conjunto idêntico ao do livro atual, somente foi desenvolvido nos primeiros séculos da era cristã.²⁴

Perante escritos antigos, como é o caso dos livros da Bíblia, levanta-se a pergunta pertinente: como é possível ultrapassar a distância histórica, geográfica e cultural? A resposta dos crentes: que dizem ‘basta acreditar’, não chega, porque o escritor fez o esforço de colocar o texto num código, por isso, nós, os leitores precisamos também de fazer o esforço de “descodificar” o texto.

3. A importância do contexto para a compreensão do texto

O reconhecimento do contexto é essencial, porque “é o contexto que situa o texto e o clarifica.”²⁵ Portanto, importa lembrar que é o contexto que dá sentido ao texto, pelo que se reafirma ser necessário ler e interpretar o texto bíblico à luz do seu próprio contexto. Logo, para se poder entender o contexto do texto bíblico, é necessário fazer uma tentativa de colocação na situação do autor e dos primeiros leitores²⁶. Igualmente, é o contexto mais lato que dá orientação sobre o género literário. A este respeito, Alexandre Júnior observa: “O autor socorre-se do código linguístico usado para a formação do texto. E, por conseguinte, a compreensão que colhemos dele depende do domínio que temos da língua ao nível da gramática e se-

²⁴ Vide “O Desenvolvimento da Bíblia”, *Atlas Bíblico - Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, James B. Pritchard (diretor principal), José Nunes Carreira (ed. port.), Lisboa, Edições Zírol, 1996, p. 132.

²⁵ Manuel Alexandre Júnior, “Hermenêutica geral. Princípios gerais de interpretação”, *Manual de hermenêutica bíblica*, Lisboa, [s. n.], 2002, p. 93.

²⁶ Nos estudos bíblicos alemães começou-se a falar do *Sitz im Leben* ou *Volksleben* (a situação na vida do povo), conceito criado por Hermann Gunkel. Com a sua abordagem dos géneros literários e colocação socioculturais, Gunkel estava-se, na primeira parte do século XX, a opor à teoria literária de Wellhausen. Vide Walter Hilbrands, “Exkurs: Formgeschichte”, Manfred Dreytza, Walter Hilbrands, Hartmut Schmied, *Das Studium des Alten Testaments. Eine Einführung in die Methoden der Exegese*. Wuppertal, R. Brockhaus Verlag e Giessen, Brunnen Verlag, 2002, pp. 97-98.

mântica, e das estratégias linguísticas que o autor usa.”²⁷ Os autores das narrativas da Bíblia escreveram os seus textos porque tinham um propósito em mente; conseqüentemente, a tarefa hermenêutica é de procurar entender a intenção do autor. O propósito do escritor do texto narrativo tem que ser tomado a sério porque “É a intenção objetiva do autor que determina o sentido do texto (...).”²⁸ O género literário da narrativa histórica está intimamente ligado ao propósito do autor, autores, ou redatores. O alvo de qualquer leitura deve ser compreender o que está a ser lido, isto é perceber o que o autor quis transmitir. Nesta conjuntura, afirma Alexandre Júnior, que “Compreender é sempre interpretar, (...).”²⁹ Entender escritos antigos exige ainda um esforço adicional, porque o leitor atual tem que ter em conta que está longe da situação original do texto. É preciso reconhecer a “Distância histórica, geográfica, cultural, linguística, literária e existencial.”³⁰ A tarefa de examinar um texto é chamada de hermenêutica. Sustenta Alexandre Júnior que a hermenêutica “é mais do que princípios de interpretação, é o ato de apropriação do sentido de um texto em contexto; (...).”³¹ Por conseguinte, não é possível encontrar o sentido, “se o texto for desvinculado do seu contexto.”³² O leitor e intérprete do texto da antiguidade, tem que penetrar no mundo do autor - ou redator -, antigo. O esforço de compreender, é “confrontar dialogicamente a intenção do autor com o seu contexto.”³³ O escritor teve um propósito e uma motivação em escrever o seu texto que estava dirigido para um ou vários destinatários originais. Conseqüentemente, o leitor atual tem o dever de estudar e entender o contexto histórico, geográfico e cultural do autor e dos leitores originais.

4 O contributo da Arqueologia na compreensão do Mundo Bíblico

O estudioso do mundo bíblico necessita de fontes, e como o presente texto demonstra, as fontes disponíveis estão a ser estudadas por disciplinas distintas. Salienta Tavares, que “São de natureza e valores diferente as fontes da história hebraica: a Bíblia; documentação

²⁷ Vide Manuel Alexandre Júnior, “Para uma Hermenêutica do texto retorico e literário”, *Hermenêutica Retórica*, Lisboa, Alcalá, 2004, p. 213.

²⁸ Vide *Ibid.*, p. 217.

²⁹ Vide Manuel Alexandre Júnior, “Redescoberta da Hermenêutica Retórica”, *Hermenêutica Retórica*, *op. cit.*, p. 147.

³⁰ Vide *Ibid.*, p. 150.

³¹ Vide *Ibid.*, p. 149.

³² Vide *Ibid.*, p. 150.

³³ Vide Manuel Alexandre Júnior, “Conclusão”, *Hermenêutica Retórica*, *op. cit.*, p. 237.

extra-bíblica; epigrafia; arqueologia.”³⁴ A arqueologia é uma ciência relativamente nova e durante os últimos tempos ela tem trazido novas descobertas acerca do mundo bíblico. Porém, as diferentes interpretações dos achados já são bastante mais polémicas. A disciplina que lida diretamente com os textos da antiguidade, ou seja a ciência do estudo dos textos antigos, a filologia, tem tido, desde há bastante tempo, quase todos os textos hoje conhecidos ao seu alcance. Assim é também em relação aos textos do mundo bíblico. Serve aqui o exemplo da obra monumental de Schürer, sobre a história dos judeus na altura de Jesus Cristo”³⁵ cuja segunda edição revista, - publicada no fim do século XIX -, já incluía praticamente todas as fontes literárias, textos bíblicos e extra-bíblicos, textos rabínicos, outros escritos judeus e textos clássicos. Obviamente, Schürer ainda não tinha acesso aos escritos que têm sido encontrados desde então, como por exemplo os das grutas do Mar Morto, descobertas no século passado. No entanto, é revelador observar com que brevidade Schürer aborda - na introdução, num curto subcapítulo sobre as disciplinas auxiliares da literatura -, a arqueologia ao lado das ‘outras disciplinas auxiliares’, a geografia, a cronologia, a numismática e a epigrafia.³⁶ Para Schürer a disciplina de arqueologia ainda era quase sinónimo dos estudos de antiguidade.³⁷ De facto, foi somente em 1890, que o egiptólogo e arqueólogo britânico, Flinders Petrie começou a realizar escavações estratigráficas na Palestina. Este investigação foi considerado o primeiro estudo científico na área da arqueologia nas terras da Bíblia,³⁸ apesar de anteriormente já outros terem realizado alguns trabalhos de reconhecimento, sobretudo com o alvo de identificar lugares mencionados na Bíblia. Graças a este trabalho de palestinografia, foram publicados mapas topográficos.³⁹ Tavares refere que no fim do século XIX e no início do século XX, arqueólogos cientificamente preparados foram formados por instituições especializadas. Ele menciona escolas que surgiram em Jerusalém, entre outras a *École Biblique & Archéologique Française* e o *Deutsche Evangelische Institut für Altertumskunde*.⁴⁰ Salienta o mesmo autor que a história do mundo antigo e especificamente a do Médio Oriente, precisa tanto da pesquisa dos textos, como do estudo do mundo material e, conseqüentemente, a ar-

³⁴ Vide António Augusto Tavares, “As fontes”, *Civilizações Pré-Clássicas*, Lisboa, Universidade Aberta, 1995, p.359.

³⁵ Vide os dois volumes de Emil Schürer, *Geschichte des jüdischen Volkes im Zeitalter Jesu Christi*, Leipzig, J. C. Hinrichs’sche Buchhandlung, 1890, vol. I e 1886, vol. II.

³⁶ Vide Emil Schürer, „Hilfswissenschaften“, *Geschichte des jüdischen Volkes im Zeitalter Jesu Christi*, op. cit., vol. I, pp. 9-25.

³⁷ Vide *Ibid.*, pp. 9-10.

³⁸ Vide Dieter Vieweger, „Archäologische Pionierarbeit in Palästina“, *Archäologie der biblischen Welt*, Göttingen, Vanderhoeck & Ruprecht, 2006, pp. 37-38.

³⁹ Vide “Geografia Histórica e Arqueologia“, *Atlas Bíblico - Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, op. cit., p. 191.

⁴⁰ Vide António Augusto Tavares, “A Arqueologia como Fonte Histórica”, *As Civilizações Pré-Clássicas - guia de estudo*, Lisboa, Editorial Estampa, 1980, p. 56.

queologia deve ser considerada uma fonte histórica.⁴¹ É necessário reconhecer que os textos literários apresentam, não poucas vezes, o ponto de vista de quem estava no poder, - os escribas da realeza por exemplo -; a arqueologia, por outro lado, pode revelar a vida quotidiana do povo. Contudo, é preciso lembrar que os textos bíblicos incluem mais a voz do povo do que outros escritos da antiguidade.

No que diz respeito ao estudo da cultura material, este é indispensável para uma compreensão mais ampla do mundo bíblico. Se no início das descobertas arqueológicas, ainda prevalecia a tendência de juntar peças para os museus, sem se preocupar seriamente com o ambiente do achado, hoje em dia, o estudo empírico do contexto é fundamental nas escavações arqueológicas. Refere Tavares que os trabalhos no terreno são orientados pelos métodos estratigráfico e tipológico, e que estes são realizados com rigor científico, além de que na análise dos achados é solicitado o apoio de outras disciplinas, como por exemplo o da etnografia.⁴² De facto, a arqueologia já não escava primeiro peças para museus, mas procura conhecer e decifrar o passado e encontrar a solução de problemas da história.

Comparar escritos bíblicos com outros textos do Oriente Antigo pode igualmente trazer luz sobre conteúdo bíblico, especialmente se a comparação for realizada com o que é comparável, ou seja, se forem escritos de épocas idênticas e de culturas que estavam em contato. Fontes extra bíblicas que mencionam episódios referenciados nos textos bíblicos também são de valor acrescentado. Tavares declara que “Os documentos extra-bíblicos por vezes completam, corroboram e esclarecem as informações bíblicas.”⁴³ O autor citado indica o exemplo do obelisco negro de Salmanassar III da Assíria, no qual é mencionado o rei de Israel, Acab.⁴⁴ O texto desta inscrição encontra-se na secção “Textos do Oriente Antigo” do Atlas Bíblico - Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira.⁴⁵ Estes textos do Médio Oriente Antigo oferecem uma boa amostra de fontes que podem ser articuladas com os escritos do Antigo Testamento. De igual modo, as inscrições epigráficas são testemunhos importantes. Acerca destes testemunhos, esclarece Tavares:

Como fontes epigráficas, distinguem-se algumas inscrições monumentais gravadas na pedra, sejam tumulares, sejam de dedicação; pequenas inscrições sobre vasos ou objetos, indicando por exemplo o conteúdo, a proveniência e o seu destino; óstracas

⁴¹ Vide *Ibid.*, p. 55.

⁴² Vide *Ibid.*, p. 59.

⁴³ Vide António Augusto Tavares, “As fontes”, *Civilizações Pré-Clássicas*, Lisboa, *op. cit.*, p. 359.

⁴⁴ Vide *Ibid.*, p. 359.

⁴⁵ Vide a tradução da inscrição das campanhas de Salmanassar III (858-824) contra a Síria-Palestina em “Semi-nómadas na Orla do Deserto”, *Atlas Bíblico - Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, *op. cit.*, pp. 333-334.

escritas que foram usadas como cartas, recibos, listas, etc.; documentos escritos sobre papiro; selos e impressões para autenticar documentos.⁴⁶

Perante o estudo destas fontes, é de lembrar que é necessário o mesmo rigor científico que se aplica na investigação dos demais documentos históricos. É também de enfatizar que importante é estudar a história bíblica não de uma forma isolada mas sim com um olhar sobre as nações vizinhas. Trabalhando desta forma, as ocorrências relatadas nos textos bíblicos se entrecruzam com a própria história do mundo antigo.⁴⁷ Clarifica o autor do Atlas Bíblico que “A descoberta de antigos documentos do mundo da Bíblia não trouxe apenas uma nova dimensão à história bíblica. Tais textos tornaram possível atribuir datas exatas do calendário juliano a alguns dos principais acontecimentos da história de Israel e Judá.”⁴⁸

A cronologia bíblica é o estudo que procura atribuir datas aos acontecimentos da história bíblica, sendo que os resultados destes esforços podem variar bastante.⁴⁹ Ultrapassa o âmbito destas páginas entrar mais nesta importante matéria. No entanto, para uma melhor compreensão da referida cronologia, citam-se aqui as eras arqueológicas mais recentes dos tempos bíblicos. Esta classificação da história material começa com o Velho Testamento:⁵⁰

Cerca de	1200 -1150 a. C.	= Idade do Ferro 1A;
Cerca de	1150 -1000	= Idade do Ferro 1B;
Cerca de	1000 - 900	= Idade do Ferro IIA;
Cerca de	900 - 800	= Idade do Ferro IIB;
Cerca de	800 - 600 (587)	= Idade de Ferro IIC;
	587 - 332	= Período Babilónico e Persa;
	332 - 152	= I Período Helenístico;
	152 - 37	= II Período Helenístico;
	37 - 324 d. C.	= Período Romano.

Os debates entre a história bíblica, a história universal e os resultados das interpretações arqueológicas têm sido intensos e as divergências estão longe de ser resolvidas. Não obstante, perante o desafio do estudo do mundo bíblico, temos que afirmar que as ciências bíblicas precisam de se articular com outros textos, inscrições e arqueologia, porque os textos necessitam de estar em diálogo com os seus contextos. É igualmente pertinente afirmar que a arqueologia pode iluminar os textos bíblicos.

⁴⁶ Vide António Augusto Tavares, “As fontes”, *Civilizações Pré-Clássicas*, *op. cit.*, p. 359, Tavares faz referência à N. Avigad, *The world History of the Jewish People*, Jerusalém, 1979, IV, 1, pp. 20-44.

⁴⁷ Vide “Relações entre a Bíblia e a História Mundial”, *Atlas Bíblico - Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, *op. cit.*, p. 106.

⁴⁸ Vide *Ibid.*, p. 106.

⁴⁹ Vide “Cronologia”, *Atlas Bíblico - Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, *op. cit.*, p. 15.

⁵⁰ Vide *Ibid.*, pp. 19-23.

5. Como o Mundo Bíblico se articula com a Geografia?

O contexto do espaço geográfico tem sido, muitas vezes, negligenciado, razão pela qual devemos olhar com atenção para geografia da Terra Santa. Contudo, as ‘terras da Bíblia’ ou seja a área geográfica que os livros bíblicos abrangem, é enorme e engloba o Médio Oriente e pelo menos o Mediterrâneo oriental.⁵¹ A nossa atenção concentra-se no sudoeste do Crescente Fértil, ou seja, na região abrangida pela área geográfica que se encontra entre ‘a terra dos dois rios’⁵² no Oriente e o país do Nilo, no Ocidente.⁵³ Esta área geográfica, a região sírio-palestinense, pode, nas palavras de Tavares, ser considerada uma “ponte natural entre o Norte e o Sul, disputada constantemente por países vizinhos.”⁵⁴

Um conceito geográfico importante, para designar esta área geográfica, é ‘Levante’. O Levante representa as terras da costa do Mediterrâneo oriental. A palavra, de origem latina, é usada pelas línguas neolatinas do Mediterrâneo para designar a área que abrange os países atuais da Síria, Líbano, Israel, Palestina, Jordânia e Chipre. Levante significa, literalmente, oriente, onde nasce o Sol. O Levante, ou seja a região sírio-palestinense, é crucial para a compreensão do mundo bíblico.

A grande bacia do mar Mediterrâneo é caracterizada por invernos rigorosos e precipitação escassa durante o verão. Staubli explica que os ritmos climáticos do Levante são determinados pelas chuvas anuais de Inverno. A sua intensidade variável delimita as colheitas do país. Em combinação com as diferentes paisagens existentes em pouco espaço - de 3000 metros no Líbano até aos 400 metros abaixo do nível do mar no mar Morto -, coexistem ecossistemas diversos.⁵⁵ A estreita faixa da terra de Israel encontra-se entre o mar Mediterrâneo e os desertos. O acidente topográfico mais marcante é a profunda fenda terrestre onde se situam o rio Jordão, o vale do Sal, o mar Morto e a Arábá que se prolonga até ao mar Vermelho. Vieweger mostra que o espaço geográfico da Palestina é marcado por duas características: uma primeira é a sua ‘diversidade’ - do Hermon coberto de neve até ao deserto ardente do Negueve e das áreas costeiras férteis até ao deserto árido da Síria - e uma segunda é o facto de ser uma ‘área de passagem’ - a Palestina pode ser considerada um ‘corredor’ entre os povos que habitam a norte e o Egito, que se encontra a sul. Esta área de passagem facilita tanto o

⁵¹ Vide os mapas do mundo bíblico em anexo I.

⁵² Região conhecida por Mesopotâmia.

⁵³ Vide António Augusto Tavares, “O território e os habitantes”, *As Civilizações Pré-Clássicas - guia de estudo*, *op. cit.*, p. 114.

⁵⁴ Vide *Ibid.*, p. 114.

⁵⁵ Vide Thomas Staubli, “Klima und Landschaft“, *Biblische Welten: Ein Bildatlas*, Stuttgart, Deutsche Bibelgesellschaft, 2000, p. 4.

comércio pacífico como as ambições geopolíticas -.⁵⁶ Por vezes, esta região é chamada de ‘corredor siro-palestinense’, porém esta expressão não pode ser utilizada num sentido literal, porque não se pode negligenciar os habitantes que lá têm vivido com uma certa permanência.

Olhando para os aspetos geográficos propriamente ditos afirma o texto do Atlas Bíblico, acerca da topografia da região em estudo, que:

A Palestina é caracterizada basicamente por um relevo de redondas colinas e profundos vales, estendendo-se de norte a sul. Esta configuração influi grandemente no traçado das vias principais. De oeste para leste há uma estreita planície litoral, seguindo-se dupla cadeia montanhosa, separada por um cavado vale em longitude (a fenda por onde corre o Jordão).⁵⁷

De acordo com Aharoni, as quatro zonas longitudinais da Palestina são subdivididas em:⁵⁸

I A zona costeira

1. A planície de Acco
2. O vale de Jezreel
3. O Saron
4. A costa da Filisteia
5. A Chefela
6. O Negueve ocidental

II A faixa montanhosa central

1. Galileia
2. Montanha de Efraim
3. Paisagem montanhosa da Judeia
4. O Negueve oriental

III A fenda do Jordão

1. O Vale Hulé
2. O Kinneret (Mar da Galileia)
3. O vale Jordão
4. O mar Morto

IV As terras altas da Transjordânia

1. Basã
2. Guilead
3. Moab
4. Edom

Aharoni mostra que uma divisão idêntica já era conhecida em tempos bíblicos e especialmente as zonas da Palestina ocidental são descritas em várias passagens bíblicas (Deute-

⁵⁶ Vide Dieter Vieweger, “Wo spielte sich alles ab?“, *Archäologie der biblischen Welt*, Göttingen, *op. cit.*, p. 75.

⁵⁷ Vide “A Terra”, *Atlas Bíblico - Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, *op. cit.*, p. 58.

⁵⁸ Vide Yohanan Aharoni, “The Land of Many Contrasts”, *The Land of Bible*, London, Burns & Oates, 1979, pp. 21-41, (tradução realizada pelo autor).

ronómio 1, 7; Josué 10, 40; 11, 16; 12, 8; Juízes 1, 9).⁵⁹ Passo a transcrever os textos bíblicos mencionados.

Saiam portanto daqui e vão para as montanhas dos amorreus e para as regiões vizinhas, no deserto, nos montes, no Negueve, na planície costeira e no litoral, isto é, para a terra dos cananeus e para o Líbano, até ao grande rio, o Eufrates. (Deuterónimo 1, 7).

Desta forma, Josué conquistou todo o país: venceu os reis da região da montanha, do Negueve, das terras da Chefela e das planícies, ... (Josué 10, 40).

Josué conquistou todo o país: a montanha, o Negueve, o território de Góssen, as regiões da Chefela e da Arabá, desde o monte Halac, no sul, perto de Edom, até Baal-Gad, no vale do Líbano, junto do monte Hermon. ... (Josué 11, 16-17).

Fez isso com a montanha, a região da Chefela, o vale do Jordão, as colinas e as regiões do deserto de Negueve. ... (Josué 12, 8).

Estes textos antigos não são manuais geográficos, porém revelam um conhecimento do terreno. Afirma Houtson que as indicações geográficas nos livros bíblicos são muitas vezes menções secundárias e alusões, porém são exatas e seguras.⁶⁰

No entanto é de lembrar que a terra de Israel é pequena - a área da Palestina ocidental, de Dan até Berseba, tem apenas, aproximadamente, metade da superfície de Portugal continental - e os seus recursos naturais são limitados.⁶¹ Surge a pergunta: como é que um território tão estreito e pequeno, tem assumido uma importância tão grande no decorrer dos acontecimentos? Esclarece Aharoni, acerca desta questão que a história de um país e do seu povo é consideravelmente influenciada pelo seu ambiente geográfico, tanto pelos condicionantes naturais, como clima, o solo, a topografia, etc., como pelas relações geopolíticas com as áreas vizinhas. Esta realidade verifica-se especificamente na Palestina, um país pequeno e relativamente pobre que, não obstante, ganhou a sua importância através da sua localização única e central, na junção de dois continentes. Consequentemente pode ser considerado como ponte entre continentes e civilizações.⁶² É necessário estar consciente de que a Palestina se encontra no braço sudoeste do Crescente Fértil e que tem sido o mais pobre e o mais pequeno de todos os países desta região.⁶³

Ainda em relação à topografia e às forças da natureza, explica Braudel que “No Mediterrâneo, o motor das fracturas, das pregas terciárias e da justaposição das profundezas marinhas e dos cumes montanhosos é uma geologia efervescente, cujo efeito não foi ainda apaga-

⁵⁹ *Ibid.* p. 41.

⁶⁰ Vide James Houtson, “A Bíblia e o seu ambiente”, *O mundo da Bíblia*, David Alexander e Pat Alexander (eds.), São Paulo, Paulinas, 1986, p. 17.

⁶¹ Isserlin compare Israel com o tamanho da Suíça, que tem aproximadamente a metade da superfície de Portugal, vide Benedikt Sigmund Johannes Isserlin, “Geographie: Das Land und seine Ressourcen“, *Das Volk der Bibel: Von den Anfängen bis zum Babylonischen Exil*, Mainz, Verlag Philipp von Zabern, 2001, p. 20.

⁶² Vide Yohanan Aharoni, “The General Setting”, *The Land of Bible, op. cit.*, p. 3.

⁶³ Vide *Ibid.*, p. 5.

do pelo tempo (...).⁶⁴ É essencial notar que, ao longo dos tempos, os habitantes do lado oriental do Mediterrâneo foram vivendo ameaçadas pela eclosão de tremores de terra.⁶⁵ Nos textos bíblicos, os terremotos são mencionados ao longo das narrativas. Seguem-se alguns exemplos: Êxodo 19, 18 menciona um terremoto no Sinai; 1 Samuel 19, 18 um em Judá, na altura do primeiro rei, Saul; no evangelho de Mateus 27, 51, é relatado um grande tremor de terra em Jerusalém, na primeira metade do primeiro século da era comum e Atos 16, 26 regista um sismo em Filipos, na Macedónia.

O Mediterrâneo oriental também deve ser visto como um espaço no qual duas superfícies planas - porém de naturezas diferentes -, se encontram, o deserto e o mar. Esta característica influencia um fenómeno importante da criação. Esclarece Braudel: “A unidade essencial do Mediterrâneo é o clima, (...).”⁶⁶ Esta realidade é gerada pelo deserto do Sara, que tem a sua influência soberana no verão quente, com os céus limpos e, no Inverno, pelo oceano Atlântico que domina, com os seus ventos cheios de chuva. O capítulo 27 do livro dos Atos descreve vivamente a realidade perigosa da navegação do mar Mediterrâneo, durante o inverno.⁶⁷

O clima tem sofrido mudanças ao longo do tempo. Esta realidade está a ser analisada em estudos ligados ao mundo bíblico. A influência de secas prolongadas está ainda a ser investigada. Zwickel pesquisou o fenómeno da chuva, seca e fome, num estudo sobre o clima na Palestina nos últimos dez mil anos.⁶⁸ As influências locais e regionais do clima, não somente estão a ser referidos ao longo dos textos da Bíblia, mas são parte essencial das narrativas bíblicas. No entanto, as influências que as mudanças climáticas exerceram no domínio geopolíticas, - por exemplo, a questão do desaparecimento de civilizações inteiras -, precisavam ainda de ser pesquisadas e de ser colocadas num contexto histórico maior. Todavia, é preciso olharmos ainda para a questão geográfica dos relatos dos textos bíblicos. Neste contexto, surge a pergunta: quais são as designações a utilizar quando se fala desta terra? Explica Tavares que o conceito ‘terra de Canaã’ “é mencionado nas inscrições de Idrimi (século XV), nas cartas de Tell el-Amarna (século XIV) e numa carta de Ramsés II a Hatusilis III (século

⁶⁴ Vide Fernand Braudel, “A Terra”, *O Mediterrâneo: O Espaço e a História*, Lisboa, Teorema, 1987, 12.

⁶⁵ Vide *Ibid.*, p. 14.

⁶⁶ Vide *Ibid.*, p. 16.

⁶⁷ Braudel descreve este episódio no subcapítulo “Navegar com mau tempo”, vide Fernand Braudel, “O Mar”, *O Mediterrâneo: O Espaço e a História*, Lisboa, Teorema, 1987, p. 46.

⁶⁸ Vide, Wolfgang Zwickel, “Die Erforschung des Klimas in Palästina in den letzten 10000 Jahren”, *Welt und Umwelt der Bibel*, n.º 4, Stuttgart, Bibelwerk, 2007, pp 1-7. Disponível em https://www.bibelwerk.de/sixcms/media.php/169/WUB_407_Weihnachten_Rep.pdf, [consult. 8 de Março de 2013].

XIII). O termo “cananeu” lê-se também na documentação de Ras Shamra (século XIV).⁶⁹ A Bíblia hebraica utiliza os conceitos ‘terra dos amorreu’, ‘terra dos cananeus’, ou ‘terra de Canaã’. Segundo Vieweger, estas noções bíblicas encontram-se também em textos sumérios e acádicos, do segundo e terceiro milénios, - para aqueles povos, a terra dos amorreus e cananeus, indicava o Ocidente -, também os assírios mencionaram estes termos para descrever a Síria e a Palestina.⁷⁰ No entanto, hoje, estes conceitos antigos já não são mais usados, porém outros, como Palestina e Israel, continuam em uso. Explica Vieweger que o termo Palestina tem as suas origens no Egito Antigo, encontra-se igualmente em textos assírios e hebraicos e designava a terra dos filisteus.⁷¹ Os romanos começaram, depois da segunda revolta judaica no segundo século d. C., a utilizar o nome Palestina como denominação geográfica, porém com uma conotação depreciativa.⁷² Todavia, se o termo Palestina for utilizado para descrever a área geográfica, ele pode ser considerado neutro, contudo, perante o contexto atual do conflito israelo-palestiniano, o conceito ‘Palestina’ pode tornar-se polémico.⁷³ Quando se fala de Israel, ou ‘terra de Israel’⁷⁴, é preciso especificar qual é a área que se pretende identificar com este conceito, porque ao longo dos textos bíblicos o território de Israel variou consideravelmente.⁷⁵ O termo ‘Terra Santa’ pode ser uma alternativa, no entanto, trata-se dum conceito cristão e no contexto atual, figurando diferentes religiões naquele território, este termo também não está livre de mal-entendidos. Uma alternativa é usar a designação geográfica Levante Sul que abrange as áreas atuais de Israel, Palestina e Jordânia, mas também este conceito é, do ponto de vista geográfico, pouco preciso. Ainda assim, nestas páginas, os diferentes nomes estão ser utilizados como sinónimos, para descrever a área geográfica das narrativas bíblicas.

Concluindo esta parte da descrição geográfica da terra em estudo, sejam aqui ainda citadas as palavras de Tavares que a descreve nestes termos: “(...), o território de Israel estendia-se, no sentido Norte/Sul, de Dan a Beersheva, distância que, em linha reta, não ultrapassa os 240 km. Era uma faixa de terreno situado entre o rio Jordão e o mar Mediterrâneo. Na parte oriental do Jordão, situavam-se os antigos países: Edom, Amon e ainda Aram.”⁷⁶

⁶⁹ Vide António Augusto Tavares, “O meio ambiente”, *Civilizações Pré-Clássicas*, *op. cit.*, p. 349.

⁷⁰ Vide Dieter Vieweger, “Namen“, *Archäologie der biblischen Welt*, *op. cit.*, p. 79.

⁷¹ Vide *Ibid.*, p. 80.

⁷² Vide *Ibid.*, p. 80.

⁷³ O uso da palavra Palestina no sentido nacionalista, para descrever a população árabe que viveu na área geográfica da Palestina, foi introduzido por Yassir Arafat a partir dos anos setenta do século passado, vide Dieter Vieweger, “Der Name”, *Streit um das Heilige Land*, München, Gütersloher Verlagshaus, 2011, p 24.

⁷⁴ Em hebraico *eretz Israel*.

⁷⁵ Igualmente tem se ter em consideração a situação atual do estado político de Israel, vide *Ibid.*, pp. 23-24.

⁷⁶ Vide António Augusto Tavares, “O meio ambiente”, *Civilizações Pré-Clássicas*, *op. cit.*, p. 349.

6. Como é o ambiente natural na Palestina?

Acabámos de observar que a Palestina está inserida num ambiente natural específico. A localização geográfica é especial e o clima condiciona a agricultura e a pecuária. Nesta perspetiva, o contexto geográfico da terra de Israel revela importância para o entendimento da história e cultura bíblica. As zonas montanhosas tinham a vantagem de ter chuvas mais frequentes, de facto a chuva foi e ainda é um fator crucial nas terras da Bíblia. O clima da Palestina é sobretudo determinante para o crescimento da vegetação e a produção animal. O ambiente é mediterrâneo, no entanto:

As variações climáticas da Palestina devem-se em grande parte ao facto de ser uma terra posta entre o mar e o deserto. A Palestina situa-se numa zona subtropical, com uma breve estação de chuvas no Inverno e prolongada estação seca no Verão. O volume das precipitações varia consideravelmente nas diferentes partes do território, conforme a localização e a altitude.⁷⁷

A precipitação diminui de norte para o sul. O norte da Palestina tem um clima mediterrâneo - húmido e quente -, mas o sul tem características mais subtropicais com pouca água e temperaturas extremas. As chuvas não foram sempre regulares ao longo dos anos. A falta de água foi uma ameaça permanente no Médio Oriente, - é de lembrar que a seca e a fome são relatadas muitas vezes ao longo dos livros da Bíblia -. Em Samuel 21, 1 pode ler-se que “No tempo de David, houve uma fome que durou três anos consecutivos.” Secas prolongadas são mencionadas no final da ‘época dos juízes’⁷⁸, por exemplo em Rute 1,1, foi o acontecimento que causou a emigração da família de Elimelec para Moab. Na época da monarquia, o rei Salomão menciona na sua oração, na inauguração do templo, em 1 Reis 8, 35 e 37, a permanente ameaça da falta da chuva e da fome.

Como já foi referido, mudanças do clima, numa escala maior, já aconteceram nos tempos antigos. Zwickel argumenta que por volta de 1400 a. C., deve ter havido uma seca extrema que obrigou muitas povoações da Palestina a abandonar as suas terras e grande parte das nações entrou em colapso, porém parece que por volta de 1300/1200 o clima começou a melhorar.⁷⁹ O ambiente climático mais favorável que se verificou durante a época da Idade do Ferro foi um fator que contribuiu significativamente para o desenvolvimento da monarquia de Israel.

⁷⁷ Vide “A Terra”, *Atlas Bíblico - Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, *ob. cit.*, p. 58.

⁷⁸ Termo bíblico que abrange à Idade do Ferro 1, ou seja cerca de 1200 até 1000 a. C..

⁷⁹ Zwickel mostra, no seu estudo de paleoclimatologia, a importância das alterações climáticas para a história da Palestina. O seu trabalho baseia-se na mediação do nível do mar Morto - lado sul -, ao longo dos últimos 10 000 anos. O artigo de Zwickel trata o tema da chuva, seca, fome e é um estudo do clima da Palestina nos últimos 10000 anos, vide Wolfgang Zwickel, *op. cit.*, pp. 1-7.

6.1 Plantas no contexto bíblico

No Levante, encontra-se uma enorme diversidade de flora. Foram identificadas mais de duas mil espécies de plantas.⁸⁰ No entanto, conforme Zohary, os livros da Bíblia mencionam cento e dez plantas, cuja identificação nem sempre é fácil.⁸¹ O surgimento de uma variedade tão grande de plantas em Israel e até dentro das mesmas zonas climáticas tem a sua causa nos diferentes solos.⁸² As grandes diferenças no clima das várias regiões e nas estações do ano fazem parte do mundo bíblico e as causas e os efeitos das variações climáticas da Palestina já foram referidos. Zohary salienta que a falta de chuva e a fome são mencionadas cerca de cem vezes nos textos da Bíblia e que a chuva é o fator mais determinante para as colheitas e, conseqüentemente, para a existência humana.⁸³ Porém, já em tempos bíblicos, problemas ambientais foram provocados por influências tanto naturais, como humanas. De facto, o abate dos bosques em grande escala provocou erosão nas zonas montanhosas, assim como a intensiva pastorícia,⁸⁴ com resultados às vezes drásticos. Seja aqui citado um texto da Bíblia que menciona a existência de densas florestas que já não existem há muito tempo, "... pois terão também a montanha com a floresta para desbravar." Josué 17, 18a.

As plantas são um elemento essencial na literatura bíblica. Explica, Zohary, que dificilmente um outro povo da Antiguidade incluía tantas plantas na sua vida religiosa como os hebreus. Conseqüentemente, a flora faz parte dos ritos, das festas, está presente em mandamentos e a primeira referência às plantas encontra-se no relato de Génesis.⁸⁵ Vejamos o primeiro relato da criação, em Genesis 1,11-12:

Deus disse ainda: "Que a terra produza ervas e plantas que deem semente e árvores que deem fruto, cada uma conforme a sua qualidade e que o fruto contenha a semente própria." E assim aconteceu. A terra produziu toda a espécie de ervas, que dão semente, conforme a sua qualidade, e árvores de fruto, com a semente própria de cada uma. E Deus achou que aquilo eram coisas boas."

Zohary menciona ainda a importância das grandes árvores na literatura bíblica, como os carvalhos, bem como o costume dos sábios da cidade em se reunir à sombra das árvores e a importância da flora para as grandes festas que se orientaram pela vida agrícola.⁸⁶

⁸⁰ Vide "A Fauna e a Flora no Levante", *Atlas Bíblico - Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, *op. cit.*, p. 60.

⁸¹ Vide Michael Zohary, "Der Mensch der Bibel und seine Umwelt", *Pflanzen der Bibel*, Stuttgart, Calwer Verlag, 1983, p. 15.

⁸² Vide *Ibid.*, p. 22.

⁸³ Vide *Ibid.*, p. 26.

⁸⁴ Vide "A Fauna e a Flora no Levante", *op. cit.*, p. 60.

⁸⁵ Vide Michael Zohary, *op. cit.*, p. 45.

⁸⁶ Vide *Ibid.*, p. 45.

Todavia, o leitor atual precisa lembrar a sua distância geográfica e histórica para com o texto antigo e admitir que em relação às plantas descritas na Bíblia, é necessário reconhecer que: primeiro, os autores antigos não se orientaram pela nomenclatura botânica atualmente conhecida; segundo, que especialmente perante plantas silvestres existe ainda incerteza acerca dos nomes das plantas nos textos bíblicos hebraicos e gregos; e, terceiro, é necessário estar consciente de que existem incertezas e até erros nos nomes de algumas plantas nas diferentes traduções da Bíblia. Também se deve reconhecer que os ecossistemas da Palestina diferem bastante de outras zonas geográficas e que, nestes habitats de Israel, as plantas autóctones são distintas. Não obstante, a Palestina faz parte do Mediterrâneo, e sobretudo as plantas de cultivo em Israel e em Portugal são idênticas, pois, tanto o clima como os solos das duas áreas geográficas são parecidos. Passo a citar algumas plantas de cultivo que são mencionadas na Bíblia e que se encontram tanto em Israel como em Portugal. A figueira (Mateus 24, 32), a oliveira (Carta aos Romanos 9, 8-9), a alfarrobeira / alfarroba (Lucas 15, 16), a amendoeira (Eclesiastes 12, 5), a romãzeira (Cântico dos Cânticos 4, 3), a macieira (Joel 1, 12), a amoreira (Lucas 17, 6) e a videira (Amós 9, 13).

6.2 Animais no contexto bíblico

O Atlas Bíblico explica que “É conhecida grande variedade de animais no Levante, entre os quais cerca de cem espécies de mamíferos e quase quinhentos espécies de aves (das quais cerca de duzentos fixadas na Palestina).”⁸⁷ A fauna, na Bíblia, mostra o encontro dos continentes africano e asiático já que, na Palestina, coexistiram animais originários de ambos os continentes. Em tempos bíblicos o crocodilo de origem africana ainda viveu na Palestina. Amós 5, 19 refere-se ao urso⁸⁸ oriundo do Médio Oriente asiático e ao leão que naquela altura existiu também naquela área da Ásia. Os textos da criação dos animais - tanto no primeiro relato em Génesis 1, como no segundo, em Génesis 2 - e a narração na qual Noé sobrevive ao dilúvio, com a arca cheia de animais - em Génesis 6-9 -, são bem conhecidos. Estas exposições mostram pois que os animais não são apenas elementos secundários nas narrativas bíblicas, mas que na verdade, fazem parte integrante da criação e da história bíblica. Afirma o Atlas Bíblico que “A Bíblia refere muitos e variados tipos de animais selvagens e domésticos.

⁸⁷ Vide “A Fauna e a Flora no Levante”, *op. cit.*, p. 60.

⁸⁸ Trata-se do *urso-siriaco* (*ursus arctos syriacus*), que é uma subespécie do urso-pardo, vide Adrian Schouten van der Velden, “Syrischer Braunbär“, *Tierwelt der Bibel*, Stuttgart, Deutsche Bibelgesellschaft, 1992, pp. 144-145.

As suas características são com frequência usadas para realçar certos passos bíblicos. Assim, a rapidez e agilidade do veado é usada por Isaías (35, 6) ...⁸⁹ Na verdade, muitos animais são mencionados tanto no Antigo como no Novo Testamento. Passo a citar alguns poucos exemplos. Em Provérbios 30, 27 são admirados “os gafanhotos, que não têm rei, mas andam em grupos ordenados”. A serpente é temida e comparada com os homens maus em Salmo 140, 2-4, no entanto em Números 21, 9 é testemunhado que através da serpente veio a ajuda. A ovelha é um animal doméstico que é mencionado ao longo dos textos da Bíblia e bem conhecida nas parábolas (Lucas 15, 3-7). Segundo Génesis 1, 20 e 21 também os seres vivos que habitam na água foram criados, no entanto, os peixes não são especificados nos textos bíblicos. A pomba assume papéis importantes, tanto no Antigo como no Novo Testamento (Génesis 8, 8-12 e Marcos 1, 10). Além disso, o fenómeno das migrações das aves é mencionado em Jeremias 8, 7 “Até as cegonhas conhecem a estação da migração. A rola, o grou e a andorinha, sabem quando devem migrar. ...”. De facto são milhões de aves migratórias que fazem anualmente, desde os tempos bíblicos, passagens nos céus da Palestina.

Excurso: Traduções do nome dum animal

Um animal selvagem que tem causado incertezas nas traduções da Bíblia, tem o nome hebraico *sapan*⁹⁰. O *sapan* aparece em Levíticos 11,5, Deuterónimo 14, 7, Salmo 104, 18 e Provérbios 30, 26. O *sapan*, conforme o texto bíblico, anda nas rochas. Já os tradutores da Septuaginta mostraram dificuldade nesta questão e traduziram *sapan* para lebre⁹¹. Nas diferentes versões portuguesas, o *sapan* tem recebido designações distintas: coelho tanto na Bíblia Sagrada da tradução de João Ferreira de Almeida edição revista e corrigida⁹² como em ‘A Bíblia para todos’⁹³; gerbo - que seria uma espécie de rato -, na Bíblia Sagrada da Difusora Bíblica⁹⁴ e arganz - que seria um tipo de leirão -, tanto na Bíblia de Jerusalém⁹⁵ como na Bíblia, tradução de João Ferreira de Almeida segunda edição revista e atualizada⁹⁶. Porém, *sapan* não é coelho, nem gerbo, nem arganz, nem lebre. Quem já andou pela Palestina deve ter visto, com alguma facilidade, que este animal que habita nas rochas. O nome deste animal

⁸⁹ Vide “A Fauna e a Flora no Levante”, *op. cit.*, p. 60.

⁹⁰ Em hebraico שָׁפָן.

⁹¹ Em grego χοιρογρύλλιοι, vide Adrian Schouten van der Velden, “Kapklippschliefer”, *Tierwelt der Bibel*, Stuttgart, Deutsche Bibelgesellschaft, 1992, p. 126.

⁹² Vide *A Bíblia Sagrada* (traduzida por João Ferreira de Almeida, edição revista e corrigida), Lisboa, Sociedade Bíblica, 1986, p.663.

⁹³ Vide *a Bíblia para todos*, Lisboa, Sociedade Bíblica, 2011, p. 844.

⁹⁴ Vide *Bíblia Sagrada*, Lisboa [et. al.], Difusora Bíblica, 2000, p. 1032.

⁹⁵ Vide *A Bíblia de Jerusalém*, São Paulo, Edições Paulinas, 1986, p. 1162.

⁹⁶ Vide *Bíblia* (tradução de João Ferreira de Almeida, segunda edição revista e atualizada), Barueri, Sociedade Bíblica do Brasil, 1993, p. 703.

é hirax⁹⁷, cuja família está espalhada pelo Levante, ao longo das margens do mar Vermelho, e pela África. Este mamífero não apresenta qualquer familiaridade com os animais que surgem nas versões acima mencionadas. Na verdade, tradutores de outras línguas também revelaram dificuldade em identificar o *sapan*. Entretanto, Koehler e Baumgartner no seu dicionário Hebraico - Inglês e Alemão, indicam a designação correta de *sapan*⁹⁸. Assim, vemos que para compreender o mundo bíblico é importante conhecer o próprio contexto.

7. O papel das estradas que atravessaram a Palestina⁹⁹

A topografia tem sido determinante para a construção das estradas principais no Levante Sul. Há duas ligações que podem ser consideradas ‘estradas internacionais’. Ao longo do ‘mar Grande’, ou seja do Mediterrâneo, na zona costeira, encontra-se o ‘caminho do mar’, ou também chamado ‘estrada do mar’. Explica Lourenço que, “assim chamado por se situar ao longo da costa, tinha grande importância estratégica e comercial (...) Por esta via circulavam também as caravanas que traziam os produtos do Oriente para serem embarcados na costa para o Ocidente.”¹⁰⁰ Esta importante rota internacional foi, durante muito tempo, dominada pelo Egito e por ela “passaram mensageiros, caravanas e expedições militares. Começava no Baixo Egito e estendia-se ao longo das planícies litorais da Palestina.”¹⁰¹ Em Êxodo 13, 17, esta via é chamada o ‘caminho que atravessa a terra dos filisteus’. A propósito das invasões assírias, o livro de Isaías, em 8, 23, designa esta estrada de “o caminho ao longo do mar”¹⁰². Mais tarde, já na era cristã, este itinerário ‘internacional’ recebeu o nome *Via Maris*, devido à tradução latina da Bíblia, a Vulgata.¹⁰³ A *Via Maris* ligava o Egito à Mesopotâmia, seguia pelo Sinai ocidental ao longo do mar Mediterrâneo, entrava na zona costeira da terra de Israel, passava pela Filisteia e continuava até ao fim do monte Carmelo, altura onde se divide em direção a norte. A partir de Meguido, o eixo ocidental seguia pela Fenícia para o Norte; a outra via acompanhava a Transjordânia, continuando por Damasco e um terceiro ramo dava ligação à *Via Regis*.

⁹⁷ Nome científico *Hyrax syriacus*, ou *Procavia syriaca*.

⁹⁸ Estes autores indicam o nome científico *Procavia syriaca*. Vide Ludwig Koehler e Walter Baumgartner, *Lexicon in Veteris Testamenti Libros*, Leiden, E. J. Brill, 1958, p. 1005.

⁹⁹ Vide os mapas do mundo bíblico em anexo I.

¹⁰⁰ Vide João Duarte Lourenço, “Contextualização da Palestina no Médio Oriente”, *História e Cultura Bíblica. I - Do Império de David ao Exílio da Babilónia*, Lisboa, [s. n.], 2007, p. 16.

¹⁰¹ Vide “A Terra”, *Atlas Bíblico - Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, op. cit., p. 59.

¹⁰² Em hebraico *derek hayam*.

¹⁰³ Vide Yohanan Aharon, “Roads and Highways”, *The Land of Bible*, op. cit., p. 46.

Outro percurso de valor internacional era a chamada estrada, ou ‘via dos reis’¹⁰⁴, também chamado de via real, ou *Via Regis*. Esta rota “começa na Arábia e sobe até ao Golfo de Eilath, atravessa a montanha e passa por Petra e por Filadélfia, a atual Amman, capital da Jordânia, ligando à *Via Maris*, em Damasco.”¹⁰⁵ O nome ‘estrada dos reis’, aparece em hebraico em Números 20, 17.¹⁰⁶ Este itinerário foi menos importante para o comércio, porém assumiu uma função militar para controlar a Transjordânia, ou seja o lado oriental do rio Jordão. Pensa-se que o episódio da perseguição dos reis do oriente, descrito em Génesis 14, ocorreu ao longo da via dos reis. Deuterónimo 3, 1 indica que esta via de comunicação tinha também o nome regional de ‘caminho de Basã’, no entanto a via real teve continuidade até Damasco.

As outras estradas da Palestina eram secundárias e maioritariamente utilizadas pela população de Israel. A ‘via da montanha’ passava pelas montanhas de Judá. Os caminhos menores que atravessavam o país, do Oriente ao Ocidente, tiveram de ultrapassar vários obstáculos topográficos, como vales e grandes diferenças de altitude. No entanto, estes caminhos foram importantes para as comunicações internas do país e contribuíram para o seu desenvolvimento económico. O comércio com a Arábia é mencionado em 1 Reis 10, 1-3, onde é relatado como a rainha de Sabá visitou o rei Salomão. “Salomão também terá mantido relações de comércio com a rainha de Sabá, no Sul da Arábia.”¹⁰⁷

O estudo dos fatores económicos tem sido negligenciado muitas vezes na história antiga e ainda mais em trabalhos sobre a Bíblia e o seu mundo. Porém os textos antigos não excluem questões que hoje em dia são consideradas económicas. A ‘economia’ faz parte do contexto bíblico e é preciso perceber o interesse deste assunto. Segundo Tavares, a economia é “uma determinante da História na Antiguidade”¹⁰⁸ Conforme o mesmo autor, é “muitas vezes, impossível isolar, nos textos antigos, o elemento económico, separando-o do social, do político, do cultural ou até religioso.”¹⁰⁹ A distância histórica, geográfica e cultural entre o Israel antigo e o mundo atual é grande, contudo, a vida económica tem que ser vista no contexto maior de uma civilização. Tavares salienta que:

Um estudo sobre economia antiga não pode separar-se facilmente duma história que seja simultaneamente política, social, cultural, religiosa, etc., já que os fatores

¹⁰⁴ Em hebraico *derek hammelek*.

¹⁰⁵ Vide João Duarte Lourenço, *op. cit.*, p. 18.

¹⁰⁶ Em hebraico דֶּרֶךְ הַמֶּלֶךְ (*derek hammelek*).

¹⁰⁷ Vide “A Economia no Reino de Salomão”, *Atlas Bíblico - Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, *op. cit.*, p. 82.

¹⁰⁸ Vide António Augusto Tavares, “Prefácio”, *Economia e História Antiga*, Lisboa, Editorial Presença, 1987, p. 7.

¹⁰⁹ Vide António Augusto Tavares, “Economia Antiga, apesar das dúvidas”, *Economia e História Antiga*, *op. cit.*, p. 10.

características dessas diversas áreas estão entre si intimamente ligados e são por vezes inseparáveis. Mas nenhuma dessas razões poderá impedir-nos de falar da economia que esteve presente, ainda que de forma rudimentar, nas sociedades mais antigas (...).¹¹⁰

A economia do mundo antigo tem que ser abordada no seu contexto. No esforço de entender melhor o ambiente, a percepção da topografia da terra de Israel é necessária para a compreensão do assunto em questão.

O mundo bíblico é bastante vasto, pois abrange um território grande. Os acontecimentos narrados nos textos bíblicos começam na Mesopotâmia, descem o Levante, vão até ao Egito e voltam à Palestina. Ao longo dos relatos bíblicos, esta grande área geográfica é palco dos acontecimentos. Contatos com a Europa são mencionados esporadicamente, mas somente no fim da segunda parte da Bíblia cristã o nosso Velho Continente entra em cena. A compreensão da geografia das terras bíblicas é fundamental para um entendimento dos textos da Bíblia. A terra de Israel é longe da nossa realidade? Sim, mas não obstante, faz parte do Mediterrâneo e tem tido muitos aspetos em comum com a Península Ibérica. Na altura do Novo Testamento a Lusitânia e a Judeia estavam sob administração romana, por exemplo.

Perpetuar a sua existência na memória das gerações vindouras foi uma preocupação constante nas culturas antigas. Os hebreus investiram na educação do povo e nas gerações novas. A teoria, ou seja ensino, foi ligada à prática da vida diária. Assim a historiografia bíblica conseguiu garantir a continuidade viva da sua memória. A recordação assumia também funções sociais na comunidade, porque as leis lembraram constantemente o direito dos mais fracos. A procura da justiça social também garantia a continuidade da memória coletiva, pois impedia ruturas. Será o mundo bíblico uma memória? Sim, é essencial enfatizar que o recordar bíblico tem tido uma ‘práxis’ bem concreta, duradora e resistente ao esquecimento.

¹¹⁰ Vide *Ibid.* p. 10.

8. Excurso: Será o Mundo Bíblico uma Memória a ser lembrada?

Será o Mundo Bíblico uma memória com valor para os dias de hoje? Perante esta questão, vale a pena refletir acerca do conceito memória no contexto do mundo bíblico.

Catroga vê três níveis de memória: “a proto-memória, fruto dos hábitos e da socialização e fonte dos automatismos do agir, a memória propriamente dita, que enfatiza as recordações e o reconhecimento, e a metamemória, conceito que define as representações que o indivíduo faz do que viveu.”¹¹¹ Segundo o mesmo autor, os gregos nomeavam a proto-memória de *mneme* sendo esta de caráter passivo, e a memória e a metamemória de *anamnesis* que significa uma busca ativa de recordações.¹¹² Na mitologia grega a *Mnemosyne* foi a memória personificada, pois Hesíodo relata que a memória (*Mnemosyne*) era de origem divina e mãe de musas¹¹³. Na projeção de Platão, a imortalidade e a memória estavam ligadas a algo mais alto, pois espiritual¹¹⁴, longe da esfera material. No seu Banquete¹¹⁵ (*Symposion*), Platão enquadra a questão da memória em longos diálogos, estimulados pelo consumo de álcool. Neste contexto, os presentes no banquete discutem a natureza do deus do amor (*Eros*) e das paixões do Homem. Já numa fase mais avançada e animada, Diotima tenta convencer Sócrates do valor da capacidade do homem, em perpetuar a sua herança através da procriação de filhos. Porém, Sócrates considera a descendência gerada pelo corpo mais baixa (208d-e) do que a descendência gerada pela alma. Ou seja, Platão coloca na boca de Sócrates a convicção de que valor supremo é o da memória imortal de poetas como Homero e Hesíodo - que ele julga ser uma lembrança que se perpetua e que até os estrangeiros se irão recordar dela (209c-e). Platão circunscreve e define nitidamente o dualismo helénico, ou seja a compreensão de que a parte mental do homem é mais elevada do que a material.

De facto, a ânsia do esquecimento foi grande no meio dos gregos antigos e nestes tempos remotos, a memória foi projetada para a esfera dos deuses, longe do alcance dos homens mortais. Consequentemente os humanos, de uma forma fatalista, não podiam fazer nada contra o esquecimento, porque a memória era da competência dos deuses. Mais tarde, Platão concluiu que o Homem precisava de procurar algo mais alto para poder perpetuar a recordação e,

¹¹¹ Vide Fernando, Catroga, “Recordação e esquecimento”, *Memória, História e Historiografia*, Coimbra, Quarteto Editora, 2001, p. 15.

¹¹² Vide *Ibid.*, p. 15.

¹¹³ Vide *Theogony* 54 e 915, em Hesiod, *Theogony*, (M.L. West editor e comentário), Oxford, At the Clarendon Press, 1971, texto pp. 113 e 145 e comentário pp. 174 e 411.

¹¹⁴ Ou era a memória para Platão até divina, sendo personificada por uma divindade?

¹¹⁵ Vide Plato, “Symposium”, Plato, *III Lysis, Symposium, Gorgias*, (S. R. Lamp, tradução para inglês) London, Heineman, 1967, pp. 196-201. Vide também Platão, “O Banquete”, *Apologia de Sócrates, Crítion e Banquete*, (Maria Teresa Schiappa de Azevedo tradução, introdução e notas), Oeiras, Edições 70, 2010, pp 184-185.

para o filósofo antigo, a memória imortal encontrava-se na esfera do intelecto e estava bem longe do físico.

No contexto da antiguidade, deve ser aqui ainda mencionada a prática dos romanos em lidar com a memória, evidentemente bastante mais pragmática. Cícero apresenta em *De Oratore II*, num diálogo fictício entre Licínio Crasso e Marco Antônio, as técnicas da retórica. Marco Antônio conta o exemplo de Simónides de Ceos, que fora considerado o inventor da ‘ciência ou arte de memorizar’. Através do relato de Simónides, é mostrado que é necessário treinar e organizar mentalmente a memória.¹¹⁶ Para os romanos, a *ars memoriae* era a arte de memorizar e esta prática retórica estava destinada ao orador. Conforme Assmann, a *ars memoriae* é uma técnica que o indivíduo aprende, para desenvolver a sua memória.¹¹⁷ Entretanto, Assmann distingue entre a memória individual e a memória coletiva. Para este autor, a ‘cultura da memória’ (*Erinnerungskultur*) é destinada a um grupo e a observância da recordação é um compromisso social que se orienta na pergunta, ‘o que é que não podemos esquecer?’¹¹⁸ No âmbito do nosso estudo surge a pergunta: como é que civilizações antigas impediram o esquecimento e fixaram as suas memórias? Seters analisou, num estudo comparativo, a historiografia do Egito, de Hattusha e da Mesopotâmia e chegou à conclusão que os géneros historiográficos destas culturas não levaram a um verdadeiro escrever da história, dado que as dinastias e reis não desenvolveram uma forma de incluir o povo como um todo. Porém, segundo Seters, somente se a nação teve precedência sobre a realeza, como aconteceu em Israel, se pode falar de escrever história.¹¹⁹ Seters define assim a historiografia do Israel antigo: 1) Escrever história é uma forma específica de tradição; 2) O escrever história não é somente o reportar do passado mas sim um chamar o passado e dar significado aos eventos passados; 3) O escrever história examina as causas da condição presente, e na antiguidade estas causas eram sobretudo morais; 4) O escrever da história é algo nacional, ou de um grupo e 5) O escrever história assume um papel importante na tradição literária do povo.¹²⁰ Ainda enfatiza Seters que era necessário entender a história como uma forma intelectual cooperativa de auto-entendimento.¹²¹ Também menciona o mesmo autor, que toda a historiografia hebraica foi

¹¹⁶ Vide 86, 351-354 de Cicero, “De Oratore II”, *De Oratore I, II*, (E. W. Sutton tradução inglês) Cambridge, Heinemann, Harvard 1942, pp. 464-465.

¹¹⁷ Vide Jan, Assmann, “Erinnerungskultur. Vorbemerkungen“ *Das Kulturelle Gedächtnis. Schrift, Erinnerung und politische Identität früherer Hochkulturen*, München, Beck, 2002, p. 29.

¹¹⁸ Vide *Ibid.*, p. 29.

¹¹⁹ John van Seters, “Conclusions”, *In Search of History: Historiography in the Ancient World and the Origins of Biblical History*, Winona Lake, Eisenbrauns, 1997, pp. 354-355.

¹²⁰ John van Seters, “Introduction”, *In Search of History: Historiography in the Ancient World and the Origins of Biblical History*, Winona Lake, Eisenbrauns, 1997, pp. 4-5.

¹²¹ Seters segue no seu entendimento da história à definição de Huizinga, ‘*History is the intellectual form in which a civilization renders account to itself of its past.*’ citação de Johan Huizinga, “A Definition of the Con-

escrita numa perspetiva teológica, tal como as obras de Heródoto que mostram um forte interesse na providência divina.¹²² Meier analisou a historiografia de Heródoto e chegou à conclusão que ‘o pai da História’ não estava a fazer perguntas teológicas, mas antes refletiu se os deuses intervinham ou não na vida humana.¹²³ Na presente análise sobre a memória e a história do mundo bíblico, é preciso reconhecer que o homem da antiguidade buscou responder às perguntas sobre o porquê dos acontecimentos maus e não estava a excluir a atuação do sobrenatural. O registar da memória do povo implicava uma análise dos acontecimentos e o questionar do porquê dos factos. Neste procedimento, os homens antigos não excluíram o divino e no caso dos politeístas e dos hebreus, contaram com a atuação de Deus.

A história de Israel, redigida na Bíblia hebraica, tem uma característica específica. As narrativas do Velho Testamento foram, segundo Merrill, escritas em conformidade com o padrão do Próximo Oriente Antigo e não com os padrões do historiador contemporâneo.¹²⁴ Os relatos do Velho Testamento são teologia narrada.¹²⁵ Merrill especifica as particularidades da história da Bíblia hebraica, afirmando que ela é biográfica, é tendenciosa (mas é preciso lembrar que não existe uma história ‘objetiva’), é teocêntrica (declara ser a palavra de Deus), é seletiva (ela omite muitos acontecimentos da história do Próximo Oriente Antigo, mas também há eventos que estão registados em textos do Velho Testamento e em textos do Próximo Oriente Antigo), é consistentemente contextual e, e por último, é ainda interpretativa.¹²⁶ A história abordada no Antigo Testamento está, na sua maior parte, escrita no género narrativo. O texto foi escrito numa perspetiva seletiva e concentra-se principalmente na atuação e no falar de Deus. Corresponde à perceção da realidade que os autores possuíam quando o escreveram e tem que ser visto no seu contexto, porque se preocupa primeiramente com as personagens envolventes e com o ambiente à volta delas. Com todas estas características, as narrativas históricas do Velho Testamento não deixam de ser história e como tal têm também que ser entendidas. A erudição, presente muitas vezes, assume não existir correspondência entre a história relatada no Velho Testamento e a história reconstruída de Israel na época em estu-

cept of History”, in *Philosophy and History: Essays Presented to Ernst Cassirer*, R. Klibansky e H. J. Paton (eds.), New York, 1963, p. 9, vide John van Seters, *op. cit.*, p. 1, nota n.º 1.

¹²² John van Seters, “Conclusions”, *In Search of History: Historiography in the Ancient World and the Origins of Biblical History*, *op. cit.*, p. 361.

¹²³ Vide Christian Meier, “Die Entstehung der Historie”, *Geschichte - Ereignis und Erzählung*, Reinhart Koselleck e Wolf-Dieter Stempel (eds.), (Poetik und Hermeneutik, vol. 5), München, Wilhelm Fink Verlag, 1973, p. 278.

¹²⁴ Vide Eugene Haines Merrill, “Old Testament History: A Theological Perspective”, *A Guide to Old Testament Theology and Exegesis*, Willem A. Vangemeren (ed.), Grand Rapids, Zondervan, 1999, p. 66.

¹²⁵ Vide *Ibid.*, p. 66.

¹²⁶ Vide *Ibid.*, pp. 68-71.

do.¹²⁷ Acerca deste aspeto, saliente-se que a história narrada na Bíblia tem o seu próprio ponto de vista, o qual não corresponde aos padrões modernos da história. A este respeito, Long observa que uma história é sempre relatada de uma perspetiva específica e, assim, há muitos tipos de história: mundiais, nacionais, pessoais, políticas, sociais, económicas, religiosas, medicinais, criminais, e a lista podia ser continuada.¹²⁸ Os acontecimentos relevantes do presente, que um dia farão parte da história, também vão sendo registados a partir de diferentes perspetivas e contextos, não havendo por isso mais objetividade do que noutras épocas ou noutros tipos de história. Também as narrativas da Bíblia têm o seu próprio foco e não é por isso que são menos históricas.

Perante uma alegada objetividade da história é preciso estar consciente que, como afirma Millard, o homem antigo não conhecia a separação entre o sagrado e o profano, ou seja entre o religioso e o secular.¹²⁹ Regista a este respeito, Westermann que,

(...) o género histórico no Antigo Testamento distingue-se de qualquer outro moderno pelo facto de a História veterotestamentária acontecer entre Deus e o homem, entre o Criador e a sua obra. Portanto, o conceito de História elaborado no século XIX, não tem aplicação neste contexto porque, segundo ele, fica descartada qualquer modalidade de intervenção divina na história humana, ao passo que no Antigo Testamento o agir e falar divinos constituem o fator essencial de qualquer evento e nem sequer se pode imaginar uma realidade diferente.¹³⁰

Perante esta afirmação de Westermann, é necessário estar consciente que os relatos da Bíblia têm que ser entendidos no seu próprio contexto histórico e cultural, dado que os relatos bíblicos assumem a sua própria visão e o seu ponto de vista incluía muitas vezes a perspetiva divina. Assim, pode dizer-se que o que há de fascinante no texto bíblico é a sua natureza, que está inserida no tempo e no espaço, que não é estática; porém é concreta e dialoga constantemente com pessoas e com culturas.

Ainda assim, continua no ar a pergunta: o que a memória e a história do passado remoto têm a ver com o mundo de hoje? Neste âmbito, enfatiza Posner que em culturas com religiões de livro, a ‘Sagrada Escritura’ costuma estar no topo de uma hierarquia de textos que formam a identidade.¹³¹ Na Europa, há somente um texto que é aceite como ‘a Sagrada Escri-

¹²⁷ Vide Philips V. Long, “Old Testament History: A Hermeneutical Perspective”, *A Guide to Old Testament Theology and Exegesis*, Willem A. Vangemeren (ed.), Grand Rapids, Zondervan, 1999, p. 83.

¹²⁸ Vide *Ibid.*, p. 83.

¹²⁹ Vide Alan Ralph Millard, “The Old Testament and History: Some Considerations”, *Faith and Thought*, n.º 110.1, 2, 1983, pp. 34-53. p. 42, citado por Philips V. Long, *op. cit.*, p. 88 e disponível em <http://www.faithandthought.org.uk/content/F&T110%201983%20Alan%20Millard%20The%20Old%20Testament%20and%20History.pdf>, [consult. 28 de agosto de 2013].

¹³⁰ Claus, Westermann, *Teologia do Antigo Testamento*, São Paulo, Paulinas, 1987, p. 11.

¹³¹ Vide Roland Posner, “Kultursemiotik”, *Konzepte der Kulturwissenschaften*, Ansgar Nünning e Vera Nünning (eds.), Stuttgart, Verlag J. B. Metzler, 2003, pp. 55 e 57.

tura' e é, há milénios, a diretriz do comportamento.¹³² Salienta Posner, que para quem quer estudar uma cultura, faz bem em examinar o cânon dos textos, que tenham acompanhado a civilização em questão ao longo dos tempos.¹³³ Por isso, será examinada como foi formada a identidade de Israel e qual tem sido a perceção da memória.

A palavra hebraica para lembrar e ser lembrado, é *zakar*¹³⁴. O conceito *zakar* diz respeito tanto a Deus quanto aos homens, porém, não se limita aos aspetos religiosos.¹³⁵ Um exemplo de lembrar (*zakar*) está na narrativa de Génesis 42, 9: “José estava a lembrar-se dos sonhos que tinha tido a respeito deles¹³⁶” Schottroff analisa como, ao longo de textos bíblicos o conceito *zakar*, ou seja, a raiz *zkr*, está ligada ao lembrar-se da parte dos homens. No livro de Deuterónimo *zkr*, ‘lembrar-se’ está no imperativo e no contexto de mandamentos sociais caritativos. Em Deuterónimo 5, 12 - 15, ‘lembrar-se’ aparece na repetição dos dez mandamentos, concretamente na chamada para respeitar o dia de descanso, tanto o israelita como os seus servos estrangeiros: “Guarda o dia de sábado, (...). Lembra-te que também tu foste escravo, quando estavas no Egito, e que o Senhor, com grande força e poder, te fez sair de lá. Por isso, Ele te ordenou que guardasses o dia de sábado.” A exortação “Lembra-te que também tu foste escravo, (...).” é repetida na legislação a seguir; assim em 15, 12 - 15 está na ordem de respeitar os direitos do escravo, em 24, 17 no mandamento de respeitar os direitos dos mais fracos e concretamente em 24, 21 - 22 especifica: “Quando fizeres a vindima da tua vinha não voltes atrás a rebuscar o que ficou. Deixa-o para o estrangeiro, para o órfão e para a viúva. Lembra-te que também foste escravo no Egito. Por isso te faço estas recomendações.”¹³⁷ O lembrar-se está inserido na vida e nos deveres práticos dos israelitas. Trata-se de igual modo de um chamar à empatia para com os desfavorecidos e o ‘lembra-te’ é um apelo à memória da própria vivência dura que o povo já tinha experimentado. De facto não é a chamada a um dever exterior, imposto pela autoridade superior, mas muito mais um identificar-se com a situação do necessitado e esta identificação torna-se uma justificação para a solidariedade, ‘porque também já estiveste numa situação desfavorecida.’

¹³² Vide *Ibid.*, p. 57.

¹³³ Vide *Ibid.*, p. 57.

¹³⁴ Na escrita hebraica זָכַר.

¹³⁵ Vide *Theologisches Handwörterbuch zum Alten Testament*, Ernst Jenni e Claus Westermann (eds.), München [et. al.], Kaiser [et. al.], 1971-1976, vol. 2, p. 574.

¹³⁶ Dos irmão.

¹³⁷ Vide Willy Schottroff, ‘Gedenken’ im Alten Orient und im Alten Testament: Die Wurzel Zakar im Semitischen Sprachkreis, Wissenschaftliche Monographien zum Alten und Neuen Testament, Günther Bornkamm, Gerhard von Rad (eds.), vol. 15, Neukirchen-Vluyn, Neukirchener Verlag, 1967, p. 112.

O povo judaico deu muita importância às festas ligadas aos acontecimentos do passado - como a Páscoa - e praticou assim uma valorização da história.¹³⁸ Assim sendo, em festas, a vida agrícola, com os seus ciclos anuais, foi unida à lembrança dos acontecimentos históricos, pois para os hebreus Deus foi tanto Senhor da criação como da história. Anualmente, o povo de Israel teve que fazer a declaração solene: "Os meus antepassados eram um pequeno grupo de arameus que foram para o Egipto Porém, os egípcios trataram-nos mal e oprimiram-nos, ... Nós pedimos ajuda ao Senhor, Deus dos nossos antepassados, e ele ouviu o nosso pedido. ... e fez-nos sair do Egipto, ... Fez-nos chegar até aqui e deu-nos esta terra, ... Agora, aqui estou para apresentar os primeiros frutos da terra que o Senhor me deu." (Deuterónimo 26, 5-10). Explica Ramos que através da afirmação em Deuterónimo "se produz uma definição histórica essencial das raízes dos hebreus"¹³⁹ e uma "solidariedade histórica com as anteriores gerações."¹⁴⁰ Os acontecimentos lembrados e celebrados nas festas anuais foram memoriais que consciencializaram o povo acerca da sua história e esta lembrança estava inserida tanto no tempo, como no espaço. Ramos faz referência a uma passagem no Novo Testamento, Atos 7, 2-53 onde "Estêvão oferece uma peça do género literário do memorial ...".¹⁴¹ Na sua longa defesa, o judeu helénico Estêvão baseava-se nas recordações de Deuterónimo 26, 5-10, enfatizando a importância dos acontecimentos históricos - que ocorreram em espaços geográficos. Nesta metamémoria, Estêvão colocava toda a importância na memória, ou seja na recordação da identidade do povo e na interpretação acerca do presente e futuro, e provocou assim um conflito fatal com a tradição que valorizava sobretudo a terra da Judeia, o templo e a autoridade da elite. É de lembrar que nos textos bíblicos a história do povo é recordada e é através destas memórias que é formada a consciência coletiva.

Voltando ao conceito hebraico 'lembrar', é revelador observar que no livro do profeta Amós, *zakar* aparece em 1, 9, onde a cidade Tiro é ameaçada porque não se lembrou (*zkr*) do tratado de amizade que tinha sido estabelecido. É essencial notar que o 'lembrar-se' hebraico está também ligado aos compromissos assumidos e às questões legais. O recordar nos textos bíblicos é concreto e apela também aos compromissos morais e legais assumidos. A ideia de prevenir o esquecimento encontra-se na disputa entre Jó e os seus amigos. Bildad avisa em Jó 17, 18 que a memória (*zkr*) do perverso desaparecerá da terra. Aqui *zkr* tem o significado de lembrança, memória e comemoração. A ameaça da perda da memória (*zkr*) duma família ou

¹³⁸ Vide José Augusto Ramos, *O Espaço do Tempo, segundo o Judaísmo*, "Cultura, Revista de História e Teoria das Ideias. Ideia(s) de Tempo", Lisboa, Centro de História das Culturas da Universidade Nova de Lisboa, vol. XXIII / 2006, IIª Série, p. 241.

¹³⁹ Vide *Ibid.*, p. 242.

¹⁴⁰ Vide *Ibid.*, p. 242.

¹⁴¹ Vide *Ibid.*, nota 17, p. 242.

dum povo significava o pior numa sociedade antiga. A destruição e o desaparecimento completo da memória dos amalecitas em Êxodo 17, 14 mostram esta calamidade. O Salmo 83, 4 revela o temor sentido perante os inimigos que ameaçam: “Vamos exterminá-los de entre os povos para que não haja mais memória (*zkr*) do nome de Israel.” A intimação externa era sentida, mas também o risco que a posterioridade não se iria lembrar mais. O sábio Qohelet em Eclesiastes receia que nada será mais lembrado nem a lembrança do passado e nem a memória no futuro (1, 11) e, nem o ignorante nem o sábio terão lembrança (2, 15). Nestas duas passagens em Eclesiastes, as palavras em hebraico são *zikron* e *zikkaron* e ambas têm o significado de memorial. A Páscoa em Êxodo 12, 14 é um memorial (*zikkaron*), para quando a criança perguntar o seu significado, este será explicado (13, 14) e lembrado. Aliás fazia parte da instrução e aprendizagem das gerações o praticar e o explicar do memorial ao longo dos séculos. Explica Assmann que Israel viveu no imperativo do “lembra-te!”.¹⁴² Ester 9, 28 deixa claro, que o dia da festa Purim é para que aquele acontecimento seja lembrado de geração em geração e esta memória (*zkr*) não se apagará no futuro. Shottroff conclui o seu longo estudo sobre a palavra hebraica *zkr*, salientando, que etimologicamente, *zkr* significa ‘comemorar, lembrar, segurar’ e no Antigo Testamento *zkr* é pronunciado pelo homem e por Deus e tem uma componente ligada à ação. Isto vê-se sobretudo nos mandamentos, onde o passado é lembrado para exortar à ação no presente.¹⁴³

Um outro conceito de memória encontra-se em Isaías 56, 6 “darei ... um memorial e um nome ... que nunca se apagará.” Porém aqui a palavra hebraica é *yad* e esta tem o significado de ‘memorial’, ‘monumento’, ‘lugar’. A citação de Isaías, ‘a memória do nome’ (*yad vashem*)¹⁴⁴, que nunca se apagará - e a vivência judaica ‘de se lembrar e não esquecer’ ao longo dos séculos -, está bem presente no ‘museu da memória oficial das vítimas do holocausto’ (*yad vashem*), na atual Jerusalém.¹⁴⁵

Voltando ao contexto do mundo antigo, a palavra hebraica *zikkaron* (memória) foi traduzida na Septuaginta para a palavra grega *mnemosynon*¹⁴⁶ (memória) e aparece nos livros bíblicos traduzidos do Velho Testamento, mais de trinta vezes. No Novo Testamento *mnemosynon* ocorre em Mateus 26, 13 e Marcos 14, 9 - onde se refere à mulher que a posterioridade lembrará como memória - e em Atos 10, 4 - onde Deus se lembrou dos atos do gentio

¹⁴² Vide *Ibid.*, p. 30.

¹⁴³ Willy Schottroff, “Ergebnis“, ‘Gedenken’ im Alten Orient und im Alten Testament: Die Wurzel Zakar im Semitischen Sprachkreis, *op. cit.*, p. 339. Schottroff ainda explique que lembrar não tem a ver com a outra raiz *zkr* que significa macho ou homem; porque esta encontra-se em todas as línguas semíticas do Noroeste.

¹⁴⁴ Na língua hebraica יָד וַשֵּׁם.

¹⁴⁵ Vide <http://www.yadvashem.org>, [consult. 2 de agosto de 2013].

¹⁴⁶ Na língua grega μνημόσυον.

Cornélio -. Em Lucas 22, 19 e 1 Coríntios 11, 24-25 são narradas as práticas da ceia (*eucaristia*) e neste contexto encontra-se o conceito memória, que em grego é *anamnesis* - e expressa a procura ativa da memória.

O 'lembrar' na Bíblia é algo ativo que motiva para a ação e para o futuro. A memória é 'cultivada' através de festas comemorativas, que fazem lembrar os acontecimentos - no caso da Páscoa e de Purim por exemplo -, e muitas vezes articulada com festas agrícolas - no caso de Pentecostes e da festa das tendas -. O comemorar assumia funções pedagógicas, porque fazia evidentemente parte do memorial o ensino prático das gerações mais novas. Assmann mostra que no Pentateuco, ou seja nos primeiros cinco livros da Bíblia hebraica, ocorre quatro vezes a ordem de que o povo de Israel deve instruir os filhos - em Êxodo 12, 26s, 13, 8 e 14s no contexto da celebração da primeira Páscoa e da saída do Egito e em Deuteronómio 6, 20, onde está a exortação de futuramente ensinar a descendência acerca das obrigações coletivas e dos acontecimentos passados "Quando, amanhã, os teus filhos te perguntarem que regras, leis e preceitos são estes que o Senhor, nosso Deus vos impôs, dirás, então aos teus filhos ..."¹⁴⁷ Esta formação da identidade através da recordação, acontece, conforme Assmann, quando os indivíduos se juntam através de regras e valores comuns, que estão baseados na memória de um passado comum.¹⁴⁸ O mesmo autor declara que, o livro de Deuteronómio assume funções de uma mnemotécnica cultural, ou seja condutas do lembrar cultural: o "Ouve povo de Israel" em 6, 5, o apelo "Que os mandamentos que hoje te dou estejam sempre na tua memória - literalmente 'escritos no coração' -" em 6, 6; através da educação das gerações futuras em 6, 7; através de sinais visíveis, em 6, 8-9 e 27, 2-8 e através de festas que serviam de memória coletiva, em 16, 3.¹⁴⁹ O apelo é nitidamente contra o esquecimento, como manda Deuteronómio 8, 11: "Tem cuidado! Não te esqueças ..."¹⁵⁰ Segundo Assmann, as sociedades recordam os acontecimentos através de uma memória coletiva.¹⁵¹ Este autor, que é egiptólogo, declara que os judeus conseguiram, através do seu cânon, impedir o esquecimento cultural e coletivo,¹⁵²

¹⁴⁷ Vide Jan Assmann, "Einleitung", *Das kulturelle Gedächtnis. Schrift, Erinnerung und politische Identität in frühen Hochkulturen*, München, C. H. Beck Verlag, 2002, p. 16.

¹⁴⁸ Vide *Ibid.*, p. 16.

¹⁴⁹ Vide Jan Assmann, "Religion als Erinnerung: Das Deuteronomium als Paradigma kultureller Mnemotechnik", *Das kulturelle Gedächtnis. Schrift, Erinnerung und politische Identität in frühen Hochkulturen*, München, C. H. Beck Verlag, 2002, p. 218.

¹⁵⁰ Vide *Ibid.*, p. 224.

¹⁵¹ Vide Jan Assmann, "Einleitung", *op. cit.*, p. 18.

¹⁵² Vide Jan Assmann, "Ethnogenese als Steigerung der Grundstrukturen kollektiver Identität", *Das kulturelle Gedächtnis. Schrift, Erinnerung und politische Identität in frühen Hochkulturen*, München, C. H. Beck Verlag, 2002, p. 160.

assim como os antigos gregos também, ao contrário dos babilônios e egípcios que parecem não ter conseguido colocar as suas tradições numa forma resistente ao tempo.¹⁵³

A memória nos textos bíblicos apela a ações concretas e investe na instrução das novas gerações. As práticas do recordar bíblico não ficam na esfera mental e jamais recebem o material, pelo contrário estão inseridas na vivência diária e na continuação das gerações. O termo hebraico que mostra esta realidade da percepção histórica é *toledot*,¹⁵⁴ que tradicionalmente é traduzido por genealogia. Porém, segundo Merrill, *toledot* indica um texto escrito, e faz referência à Gênesis 2, 4,¹⁵⁵ onde está registrado: “Esta é a ‘gênese’ dos céus e da terra...” Em Gênesis 6, 9 a frase, onde aparece *toledot*, é traduzida por “Eis a ‘história’ de Noé...” Observa Gilchrist, acerca do sentido de *toledot*, que “A tradução costumeira, “gerações”, não transmite o significado da palavra para leitores modernos. (...) conforme usado no Antigo Testamento, *toledot* refere-se àquilo que é produzido ou levado a existir por alguém ou àquilo que procede de tal pessoa.”¹⁵⁶ No entanto, Ramos traduz *toledot* como “o tempo da História como espaço de gestação e vivência humana.”¹⁵⁷ Logo, a característica hebraica para perpetuar a sua história não são os grandes acontecimentos heroicos, mas sim o processo lento do gerar e do nascimento das gerações (*toledot*) ao longo dos tempos.¹⁵⁸ Assim sendo, as genealogias (*toledot*) estão colocadas nas narrativas das histórias bíblicas e demonstram o desenvolvimento geracional ao longo dos tempos.¹⁵⁹ Neste contexto a presença de “Deus, por seu lado, é garantida como uma permanência garantida e uma presença benfazeja e protetora, no âmago do acontecer.”¹⁶⁰ Esclarece Ramos, que na percepção bíblica “...o tempo se identifica sobretudo com os conteúdos vivenciais da experiência humana.”¹⁶¹ Concordamos com as palavras de Ramos, que a historiografia bíblica é a “... narrativa, onde o tempo nasce (*toledot*) e cresce em história.”¹⁶²

Entrando na esfera helénica, é revelador notar que na Septuaginta a palavra hebraica *toledot* foi traduzida para o grego *genesos*. Assim, Gênesis 2, 4 e 5, 1 afirmam em grego *koiné*: “αὕτη ἡ βίβλος γενέσεως...” (esta é a história / gênese ...). Esta declaração reflete-se cla-

¹⁵³ Vide Jan Assmann, “Vorbemerkung. Fallstudien”, *Das kulturelle Gedächtnis. Schrift, Erinnerung und politische Identität in frühen Hochkulturen*, München, C. H. Beck Verlag, 2002, pp. 163-165.

¹⁵⁴ *Toledot* encontra-se em Gênesis 2, 4; 5, 1; 6, 9; 10, 1; 11, 10; 11, 27 e 25, 19.

¹⁵⁵ Vide Eugene Haines Merrill, “Old Testament History: A Theological Perspective”, *op. cit.*, p. 74.

¹⁵⁶ Vide Paul R. Gilchrist, “תולדות, (*toledot*), gerações, nascimento”, *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*, Laird R. Harris; Gleason L. Archer Jr; Bruce K. Waltke (eds.), São Paulo, Vida Nova, 1998, p. 621.

¹⁵⁷ Vide José Augusto Ramos, *op. cit.*, p. 243.

¹⁵⁸ Vide *Ibid.*, 243.

¹⁵⁹ Vide *Ibid.*, 243.

¹⁶⁰ Vide *Ibid.*, p. 243, Ramos ainda cita Êxodo 2, 14 “Eu sou aquele que está (presente)”.

¹⁶¹ Vide *Ibid.*, p. 252.

¹⁶² Vide *Ibid.*, p. 252.

ramente em Mateus 1,1: “Βίβλος γενέσεως ...” (Este é o livro da genealogia / antepassados de...). Porém podia muito bem traduzir-se para “Esta é a História de ...”. Trata-se de uma história a ser lembrada, ou seja uma historiografia que não teve receios da natureza humana, do aspeto físico. Assim, ao longo das genealogias, nas numerosas listas de gerações (*toledot* / gèneses) presentes tanto na Bíblia hebraica, como no Novo Testamento¹⁶³ está literalmente escrito “e ... gerou, e ...gerou, e ... gerou.”¹⁶⁴ A cultura hebraica persistiu também durante a época helenística e romana, continuando a cultivar a sua memória prática, ligada à vida diária e à natureza humana.

Chegados a este ponto, creio ser possível declarar que o lembrar, no mundo bíblico, é a prática e a compreensão da história.¹⁶⁵

9. Excurso: Peregrinos, estrangeiros e outros povos

Perante os relatos bíblicos podem assumir-se duas perspetivas diferentes. Uma é chamada ‘particularismo’ ou ‘exclusivismo’. Esta vê primeiramente a pessoa, ou o povo escolhido, e negligencia os outros. É várias vezes acusada de etnocentrismo, porque sobrevaloriza uma etnia e ignora as outras. A outra perspetiva pode ser chamada de ‘universalismo’¹⁶⁶ porque pretende ver a ‘criação’ como um todo. Facilmente o povo de Israel é considerado como uma nação exclusivista, porém uma leitura atenta, revela uma atitude distinta. É importante notar que na Bíblia toda são enfatizados outros povos¹⁶⁷. O livro de Génesis, nos capítulos 1-11 oferece um panorama da origem dos povos e através da leitura destes textos percebe-se que diferentes etnias assumem um papel importante. Os textos bíblicos revelam uma perspetiva diferenciada para com os estrangeiros.¹⁶⁸ As personagens bíblicas não somente mostraram interesse pelos outros povos, como lidaram abertamente com os estrangeiros que se revelaram ser ‘dignos’ e com estes celebraram alianças e negócios. A própria experiência do primeiro

¹⁶³ Das muitas genealogias dos livros da Bíblia sejam aqui citadas Génesis 11, 10-32 (Sem até Abraão), 1 Crônicas 1-5 (Adão até David), Mateus 1, 1-17 (Abraão até Jesus).

¹⁶⁴ Vide nas genealogias.

¹⁶⁵ Afirmação que dá eco à célebre frase de Fernando Pessoa “A memória é a consciência inserida no tempo.” Citação, que, apesar de muita procura, não consegui localizar.

¹⁶⁶ Porém os termos ‘universalismo’ e ‘particularismo’ não são palavras bíblicas, sendo de origem filosófica e abstratas.

¹⁶⁷ No Velho Testamento encontram-se vários conceitos para designar povos e nações. Em hebraico *goy* - *goyim* no plural -, é um termo que se encontra frequentemente nas narrativas bíblicas e quer dizer povo - povos -. Outra palavra é ‘*am*, que normalmente é traduzida como povo.

¹⁶⁸ Frequentemente os textos bíblicos diferenciam entre os que tenham ‘respeito a Deus’ e os que são corruptos.

patriarca é essencial, pois Abraão disse aos moradores da terra “Sou peregrino¹⁶⁹ e hóspede...” (Gênesis 23, 4).¹⁷⁰ Segundo as narrativas dos primeiros livros da Bíblia, também os descendentes de Abraão foram emigrantes. Jacob e seus filhos emigraram para o Egito onde foram bem recebidos devido à obra que José tinha realizado neste país como estrangeiro. Mais tarde, os israelitas sofreram como forasteiros na escravidão do Egito. Também Moisés viveu como estrangeiro na terra de Madiá e casou com uma madianita. Na primeira festa da Páscoa foram incluídos os estrangeiros que aceitaram a aliança e o rito da Páscoa. No Êxodo saíram muitas pessoas de outras etnias juntamente com o povo de Israel e, entrando também na aliança, fizeram parte da congregação e da assembleia de Israel. Foram pois incorporados quer na nação, quer no povo de Israel. Na ‘Lei dada por Moisés’, são frequentemente mencionados os estrangeiros e tal como os israelitas, estes tinham de obedecer aos mandamentos. Muitos destes definiam a proteção dos mais fracos, inclusive os estrangeiros. Os israelitas eram obrigados a respeitar e amar os estrangeiros¹⁷¹, até porque eles já tinham sido estrangeiros na terra do Egito¹⁷². À luz deste contexto é imprescindível observar que os estranhos que aceitaram as normas de Israel foram incorporados no povo.¹⁷³ Escravos estrangeiros que aceitassem a aliança eram igualmente recebidos na família¹⁷⁴.

Na Bíblia, a postura de inclusão ou exclusão de estrangeiros não foi uma questão de raça, ou etnia, mas sim de aceitar as normas estabelecidas. À luz da prática dos patriarcas e do povo de Israel, não surpreende que no decorrer das narrativas bíblicas, estrangeiros e estrangeiras tenham sido plenamente integrados no povo de Israel e assumiam papéis cruciais na história bíblica. Raab, a prostituta de Jericó, foi integrada na tribo de Judá (Mateus 1, 5). Caleb, que era de outro povo - quenizeu -, estava incorporado na tribo de Judá e recebeu uma herança (Josué 14, 6 e 13). Rute, a moabita, que escolheu o povo de Israel (Rute 1, 16), veio a ser ascendente de David (Rute 4, 16). Ao longo da história bíblica houve pois vários casos de casamentos mistos¹⁷⁵. O rei David teve muitos estrangeiros na sua corte, como por exemplo o hitita Urias (2 Samuel 11, 3). Na consagração do templo, o rei Salomão orou pelos estrangeiros

¹⁶⁹ Na língua hebraica *ger*.

¹⁷⁰ Segundo o relato de Gênesis, Abraão teve que viver na tensão de peregrinar como estrangeiro residente (*ger tosab*), no meio de outros povos (*goyim*), com o fim de se tornar um grande povo (*goy*) e abençoar todas as famílias (*misphoth*).

¹⁷¹ Vide Levítico 19, 33-44 “Não oprimes os estrangeiros que vierem residir na tua terra. Deves tratar esse estrangeiro e amá-lo como um dos teus, pois também vocês foram estrangeiros no Egito.”

¹⁷² Os israelitas são considerados como estrangeiros e peregrinos, vide Levítico 25, 23 “... vocês são como estrangeiros residentes, ...”

¹⁷³ A partir da narrativa do Êxodo os estrangeiros que aceitaram a aliança poderiam participar na festa da Páscoa, vide Êxodo 12, 49.

¹⁷⁴ Vide Gênesis 15, 2-3 e 17, 11-13.

¹⁷⁵ Vide a genologia em Mateus 1, 1-16, onde Tamar a cananeia, Raab de Jericó e Rute a moabita fazem parte da linhagem do rei David e de Jesus, o Messias.

ros que vieram de longe e que pretendiam adorar no templo. (1 Reis 8, 41-43). Os estrangeiros continuaram a ser tema nos demais livros bíblicos. Proclama o livro de Isaías que o templo de Jerusalém era “casa de oração para todos os povos.” (Isaías 56, 6-7). De facto, o templo de Jerusalém tinha um pátio para os gentios, ou seja para os estrangeiros. Mais tarde, narra o evangelho de Marcos, que Jesus expulsou os vendedores do templo e ele fundamentando a sua ação com o referido texto de Isaías “...o templo será casa de oração para todos os povos...” (Marcos 11, 17). Ultrapassa o âmbito do presente estudo aprofundar mais a questão dos outros povos nos livros bíblicos. Contudo, para uma melhor compreensão do contexto dos livros do Novo Testamento é revelador observar como os termos hebraicos, aqui grafados a itálico, foram traduzidos para grego. Na tradução da Septuaginta, *ger* (estrangeiro) é expresso para προσήλυτος (prosélito) e *edah* (congregação) é traduzido para συναγωγή (*sinagoga*). Em Deuterónimo 9, 10, *qahal* (assembleia) é traduzido para ἐκκλησία (assembleia).

Ser peregrino - emigrante, refugiado -, estrangeiro ou de outro povo são assuntos inerentes aos textos bíblicos. Era esperado do povo bíblico respeitar os forasteiros. Dos estrangeiros residentes era esperado aceitar as normas do povo para assim serem integrados na comunidade. A perspetiva universal e a atitude inclusiva são elementos essenciais da cultura bíblica.

Conclusões parciais

O presente estudo foca-se no contexto do texto bíblico, na medida em que é o contexto histórico, geográfico e cultural que esclarece o texto. Assim sendo, na análise do mundo bíblico, os textos bíblicos precisam dialogar com outros textos e com a arqueologia, uma vez que os achados da cultura material podem iluminá-los. A perceção da topografia das terras da Bíblia é importante para a compreensão dos textos bíblicos. A geografia ajuda a entender o papel do posicionamento da Palestina na ligação da Mesopotâmia para o Egito. Também é necessário perceber que o território do Israel antigo era estreito e de reduzida dimensão.

Nas civilizações da antiguidade, conservar a memória foi essencial. Na cultura bíblica, a identidade do povo foi cultivada através da recordação da memória coletiva. Assim sendo, o lembrar nos textos da Bíblia foi prático e assumiu formas resistentes ao esquecimento. A continuidade da comemoração dos acontecimentos históricos é essencial na memória bíblica.

Ser estranho no meio de outra nação é tema constante na literatura bíblica. As leis que determinaram a justiça social foram aplicadas tanto para os israelitas como para os estrangeiros residentes. Ao longo da sua história, o povo de Israel integrou estrangeiros e estrangeiras na sua sociedade. Na cultura bíblica encontram-se também características de uma visão globalizada e uma postura inclusiva.

II Representações atuais do Mundo Bíblico

Existe uma grande distância histórica e geográfica entre o mundo descrito nos livros bíblicos e a nossa realidade atual. Não obstante, é tarefa deste trabalho de projeto procurar articulações, ligações e pontes entre as duas realidades. ‘Representações atuais do Mundo Bíblico’ é o título desta parte do presente estudo. Nas páginas seguintes apresentam-se os resultados da pesquisa realizados. Estudar o mundo atual não é bem a tarefa de um historiador, de facto é uma tarefa que pertence ao campo dos estudos sociais, não obstante, diligencieei no sentido de obter alguns resultados que possam ajudar a perceber melhor o problema em estudo.

Poscheschnik alerta para a dificuldade de situar o trabalho de pesquisa entre o descrever e o avaliar.¹⁷⁶ De facto, a minha motivação não é somente a da pesquisa neutra, o saber mais sobre a situação do mundo bíblico hoje em dia. Não, a minha intenção como pesquisador é de entender, alertar e indicar possíveis mudanças e intervenções que possam melhorar a situação do mundo bíblico na atualidade. Neste caso, Poscheschnik mostra que a pesquisa que visa a ação (*action research*) é de outra natureza, porque não somente verifica uma hipótese, mas quer pôr algo em movimento e também visa a melhoria.¹⁷⁷

A meta desta parte do trabalho de projeto é conhecer de que forma o mundo bíblico está presente nos dias de hoje. Para tal inquiri vários grupos de pessoas ligadas à educação religiosa, seguindo um questionário previamente delineado. Com o resultado destes levantamentos serão elaboradas propostas para a melhoria da situação, na última parte do trabalho, pois basta um olhar superficial, para perceber que o mundo bíblico não está muito presente na atualidade. No entanto, num trabalho científico, é necessário obter dados fundamentados. As

¹⁷⁶ Vide Gerald Poscheschnik, “III Erste Schritte: Die Planung eines Forschungsprojekts”, *Empirisch Forschen: Die Planung und Umsetzung von Projekten im Studium*, Theo Hug e Gerald Poscheschnik (direção), Konstanz, UVK Verlagsgesellschaft, 2010, p. 78.

¹⁷⁷ Vide *Ibid.*, p. 79.

disciplinas das Ciências Sociais recorrem a este tipo de pesquisa, porém, ultrapassa a minha preparação teórica poder entrar nas questões de investigação quantitativa ou qualitativa. Os questionários desenvolvidos para este trabalho não correspondem especificamente a um dos métodos, no entanto, o meu esforço é pelo menos em parte como que validado pela afirmação de Poscheschnik que refere que na pesquisa empírica se utiliza cada vez mais uma combinação dos métodos qualitativo e quantitativo (*mixed methodologies*).¹⁷⁸ Avisa Duarte que os indicadores deviam assumir o papel de filtros de informação¹⁷⁹ e que seria adequado definir indicadores que mostrem aspetos importantes de uma situação.¹⁸⁰ O mesmo autor salienta que “Os indicadores devem revelar e retratar a realidade para se poder planear a intervenção e depois avaliá-la.”¹⁸¹ Logo, para a presente investigação empírica, é importante escolher amostras relevantes. É de lembrar que o problema tratado na atual pesquisa é perceber o que comunidades educativas sabem acerca do mundo bíblico.

1. Representações do Mundo Bíblico e sua receção em comunidades educativas atuais

Na escolha geográfica das comunidades educativas - nas quais os questionários foram realizados - foram tomados em conta critérios de representatividade. A área de Algueirão-Mem Martins e Sintra revelou-se como uma opção significativa. Dado que esta região se encontra na área da Grande Lisboa, num zona tampão entre o urbano e o rural, ela serviu para uma amostra relativamente representativa do contexto português.

Quatro comunidades educativas na área geográfica de Sintra e Mem Martins serviram como indicadores para esta investigação: A catequese de uma paróquia católica romana, a escola dominical de uma igreja evangélica, e a lecionação das disciplinas de Educação Moral e Religiosa Católica e Educação Moral e Religiosa Evangélica. Como foi referido, trata-se de uma zona geográfica que faz parte da Área Metropolitana de Lisboa, no entanto encontra-se na faixa de passagem da cidade para o campo e conseqüentemente serve como modelo para o

¹⁷⁸ Vide *Ibid.*, p. 90.

¹⁷⁹ Vide Hermano Duarte de Almeida Carmo, “Técnicas de Observação”, Hermano Duarte de Almeida Carmo e Manuela Malheiro Ferreira, *Metodologia da Investigação: Guia para Auto-Aprendizagem*, Lisboa, Universidade Aberta, 1998, p. 98.

¹⁸⁰ Vide *Ibid.*, p. 99.

¹⁸¹ Vide *Ibid.* p.. 101.

tratamento da pergunta da pesquisa: Qual é o papel do mundo bíblico, hoje em dia, nas zonas urbanas da Grande Lisboa?

Julguei igualmente importante que o investigador possuísse um conhecimento razoável sobre o contexto das comunidades em estudo. A este respeito, posso afirmar que conheço relativamente bem as localidades, a população, os estabelecimentos de ensino e as igrejas. De facto, a área em estudo não é um campo novo para mim. Mem Martins é onde se localiza a minha residência desde 1996 e durante estes anos tenho desenvolvido trabalho como e para jovens, em escolas públicas, na sociedade e em trabalhos ligados às igrejas.¹⁸² Nos meus estudos, tenho aprofundado conhecimentos sobre as culturas juvenis e tenho realizado pesquisas nas quais ficou patente que as crianças e os jovens passam a maior parte do seu tempo nas escolas.¹⁸³ Evidentemente, a escola assume um papel importante na vida dos alunos; entretanto, muitas das crianças, adolescentes e jovens estão também envolvidos com entidades ligadas às igrejas, as quais também assumem um papel pedagógico. A educação nas igrejas e paróquias tem pois, assumido similarmente um papel essencial. Na igreja católica romana existe desde os tempos mais remotos o catecismo. A palavra catecismo tem a sua origem no verbo grego *κατηχέω* que quer dizer instruir, ou ensinar.¹⁸⁴ Este termo aparece na Bíblia, por exemplo na carta aos Gálatas 6, 6 “Quem recebe instrução sobre a palavra de Deus...” e o contexto deixa claro que a catequese estava ligada à instrução do ensino da própria Bíblia. É de lembrar que de igual modo, o ensino tem sido algo fundamental no seio do povo judaico. A passagem da carta aos Romanos 2,18 “...e a Lei ensina-te ...”, reflete a importância da ‘Lei de Moisés’- ou seja do Velho Testamento cristão na vida das primeiras congregações cristãs.

A igreja católica romana tem o seu ensino na catequese bem definida, pelo que segundo o patriarcado de Lisboa “O Departamento da Evangelização, através dos sectores que o constituem (Catequese, Pastoral Escolar, Pastoral da Juventude e Pastoral Universitária), tem como principal objetivo (...): proporcionar momentos de encontro com a Palavra de Deus que

¹⁸² Desde 1999 fui delegado regional da disciplina de Educação Moral e Religiosa Evangélica (EMRE) no concelho de Sintra e fui professor desta disciplina e de outras. Na EMRE tenho realizado atividades extra-curriculares, também em parceria com a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica. Desde 2003 dediquei-me também ao trabalho dos núcleos de Geração 21. Trabalho infantil aberto e desenvolvido por jovens, através das suas igrejas na comunidade. Vide os testemunhos em www.mpc-g21.blogspot.pt.

¹⁸³ Um dos trabalhos realizados foi *A Religiosidade dos Jovens em Portugal, na Região da Grande Lisboa e a Situação dos Jovens Evangélicos*, no seminário “Sociologia da Religião”, no Seminário Teológico Baptista em Queluz no ano de 1999.

¹⁸⁴ A obra de Agostinho, *De Catechizandis Rudibus* (A Instrução dos Catecúmenos) é reveladora, pois a catequese praticada pela igreja católica por volta de 400 d. C., era dirigida aos *rudes*, ou seja aos não cristãos, interessados na fé cristã, aos quais era explicado tudo o que estava na Bíblia, começando desde o início. Vide Santo Agostinho, *A Instrução dos Catecúmenos*, Petrópolis, Vozes, 1984.

possibilitem aos destinatários da sua ação pastoral conhecer, escutar, celebrar, viver e anunciar a Palavra de Deus.”¹⁸⁵

De igual modo, nas igrejas evangélicas / protestantes¹⁸⁶, a educação assume um papel marcante. A maioria das igrejas evangélicas tem o ensino ao domingo, na chamada escola dominical. A escola dominical pode ser comparada à catequese, no entanto ela tem a sua raiz no contexto da miséria provocada pela revolução industrial na Inglaterra, onde se começou a ensinar a ler e a escrever crianças pobres ao domingo através do ensino da Bíblia.¹⁸⁷

Apesar de tanto a catequese como a escola dominical, serem hoje assumidas como ensinamentos internos das igrejas e como uma educação dirigida às crianças e jovens das comunidades eclesiais, é fundamental lembrar que nem sempre foi assim. No início da catequese esta era dirigida às pessoas não cristãs que estavam interessadas na fé cristã e o alvo era expor o ensino bíblico desde o início até à atualidade. Igualmente, o propósito das primeiras escolas dominicais era alfabetizar crianças pobres da rua, através do ensino da Bíblia. Identicamente, esclarecer os outros acerca dos textos das Escrituras foi também o esforço feito no primeiro século da era cristã. Como exemplo, seja mencionada aqui a narrativa de Atos 17: 16-32, onde Paulo, em Atenas, se dirigiu aos não judeus, dialogando com representantes de outras crenças e convicções filosóficas, explicando o ensino bíblico.

1.1 Os critérios dos questionários

Foram elaborados dois questionários, um para o segundo ciclo, 5º e 6º ano de escolaridade, ou seja, alunos dos 10 até aos 12 anos de idade e um outro questionário, para os alunos do 3º ciclo e Secundário, do 7º até ao 12º ano de escolaridade, que corresponde à faixa etária dos 13 aos 17 anos de idade, aproximadamente. Os questionários e respectivos resultados encontram-se no apêndice I. Através dos inquéritos, pretendia verificar se os alunos têm competências nas seguintes áreas: 1) se estão familiarizados com os textos bíblicos; 2) se conseguem articular a leitura bíblica com a geografia, ou seja, se estão a localizar o texto no espaço; 3) se relacionam o texto com a história, em outras palavras, a descoberta do tempo; 5) na pergunta

¹⁸⁵ Vide a página de Internet do Patriarcado de Lisboa, disponível em <http://www.patriarcado-lisboa.pt/site/index.php?cont=40&tem=92>, [consult. 14 de junho de 2013].

¹⁸⁶ No atual estudo, os termos evangélicos e protestantes são tomados como sinónimos, apesar de que era necessário analisar mais este assunto, tanto no campo da história do cristianismo, como na área do contexto atual das igrejas evangélicas e protestantes.

¹⁸⁷ Vide James Riley Estep, Jr. “Christian Education in 18th-19th Century Europe”, James Riley Estep Jr, (ed.), *The Heritage of Christian Education*, Joplin, College Press Publishing, 2003, pp. 12.1-12.4.

sobre estrangeiros, queria entender se na leitura da Bíblia existe uma percepção para outros povos, etnias e culturas, como competência essencial; 6) na questão sobre a flora, fauna e vida diária, desejava sondar a importância atribuída ao ambiente natural e à vida diária dos tempos bíblicos e 7) com as perguntas sobre os conteúdos dos textos bíblicos, foi testado o conhecimento nesta área. No preenchimento do questionário era permitido o uso da Bíblia, pelo que se verificava também, de imediato, a habilidade do aluno em se orientar nos textos bíblicos, ou seja, se era capaz de poder encontrar as respostas em pouco tempo. Na pergunta sobre a criação a resposta é fácil, porém na pergunta sobre o segundo livro da Bíblia, era preciso olhar para o contexto maior da narrativa, ou seja, pretendia sondar se os alunos tinham competências para contextualizar o texto. Nas questões de localização geográfica de Israel e do Crescente Fértil, testava-se a aptidão em articular conhecimento das disciplinas de História e de Geografia com a leitura da Bíblia e a habilidade em utilizar as ferramentas ao alcance do leitor da Bíblia, pois a maioria das Bíblias têm mapas geográficos e assim era fácil consultá-los para poder responder a esta pergunta. Nas questões acerca do conhecimento das narrativas bíblicas pretendia-se descobrir se os alunos sabiam acontecimentos ligados a lugares geográficos e históricos e se estavam a articular o conhecimento bíblico com a ‘história universal’. Também estavam incluídas perguntas acerca de questões-chaves da teologia bíblica. As perguntas finais eram para descobrir quais as atividades curriculares e extracurriculares que tinham motivado mais os alunos.

1.2 O que alunos de uma Catequese numa Paróquia Católica Romana sabem do Mundo Bíblico?

A Igreja Paroquial de São Miguel, na Estefânia, em Sintra, faz parte da Unidade Pastoral de Sintra.¹⁸⁸ Os alunos desta catequese vivem na Vila de Sintra e arredores e também frequentam a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica nas suas escolas. Três alunos do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 10 e os 12 anos, preencheram os questionários. Os questionários do 3º Ciclo não foram aqui aplicados.

Resultados dos questionários dos alunos do 2º ciclo da Paróquia de São Miguel de Sintra, *vide* apêndice 1. Os alunos que responderam alegaram e revelaram ter algum conhecimento das histórias bíblicas e dos seus contextos. No entanto, demonstraram mais segurança

¹⁸⁸ Vide a informação da Unidade Pastoral de Sintra, disponível em <http://www.paroquias-sintra.pt>, [consult. 13 de junho de 2013].

no âmbito do Novo Testamento do que no do Velho Testamento. Apresentaram preocupação pelo envolvente, tanto por outras etnias e culturas, como pelo envolvente natural. No entanto, na orientação geográfica, a utilização de mapas não foi muito frequente. Nas questões sobre o significado da palavra Bíblia, mostraram mais dificuldades. Os alunos acharam que tinham aprendido mais sobre a Bíblia na igreja, depois em casa e menos na escola. Teatro e exposições foram apresentados como meios de ensino interessantes. Não houve sugestões para outras animações bíblicas. Conheço pessoalmente o catequista, porém não tive contato direto com os alunos.

1.3 O que alunos da Escola Dominical de uma Igreja Evangélica sabem do Mundo Bíblico?

A Igreja Evangélica de Sintra é uma comunidade de cristãos evangélicos que se reúnem para estudar as Sagradas Escrituras na escola dominical, prestar culto a Deus, difundir o Evangelho e prestar serviço social à comunidade envolvente.¹⁸⁹ O trabalho desta igreja começou em Sintra no ano de 1940. A igreja está legalmente constituída como Associação Religiosa e está filiada na ‘Comunhão de Igrejas dos Irmãos de Portugal’¹⁹⁰ e na ‘Aliança Evangélica Portuguesa’.¹⁹¹ Esta Igreja tem congregações com instalações em Vila Verde e em Mem Martins e além do trabalho nas suas instalações, tem ministérios com crianças, com atividades ao ar livre nas quais o ensino bíblico é praticado.¹⁹²

Resultados dos questionários dos alunos do 2º ciclo da Escola Dominical da Igreja Evangélica de Sintra em Mem Martins, *vide* apêndice 2. Três alunos do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 11 e os 12 anos preencheram o questionário do 2º ciclo. Verificou-se a existência de um certo hábito de leitura da Bíblia e alguma preocupação pelo contexto dos textos. O conhecimento das narrativas bíblicas e o seu contexto estava mais ou menos interiorizado, porém não se confirmou compreensão da geografia das terras bíblicas. Os saberes foram principalmente adquiridos no ensino da igreja, depois na escola através da

¹⁸⁹ Conforme um folheto da Igreja Evangélica de Sintra.

¹⁹⁰ Vide <http://www.ciip.net/apresentacao.htm>, [consult. 4 de junho de 2013]. O movimento dos “Irmãos” tem as suas raízes históricas em Portugal no fim do século XIX e no início do século XX, vide <http://www.irmaos.net/historia/index.html>, [consult. 4 de junho de 2013].

¹⁹¹ Vide http://www.aliancaevangelica.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=85&Itemid=497, [consult. 4 de junho de 2013].

¹⁹² A Geração 21, para mais informações vide os testemunhos em www.mpc-g21.blogspot.pt.

disciplina de Educação Moral e Religiosa Evangélica e por último em casa. Não foram apresentadas sugestões para melhorar o ensino sobre a Bíblia.

Resultados dos questionários dos alunos do 3º Ciclo e Secundário da Escola Dominical da Igreja Evangélica de Sintra, em Mem Martins - compreendidos na faixa etária dos 13 aos 17 anos, aproximadamente -, *vide* apêndice 3. O questionário foi preenchido por duas alunas do sexo feminino e três alunos do sexo masculino. Os alunos do 3º Ciclo e Secundário alegaram ler a Bíblia às vezes e não têm muito hábito em utilizar mapas auxiliares para situar a leitura geograficamente; porém, afirmam procurar orientação em relação ao tempo. No conhecimento dos conteúdos bíblicos parecem ter um entendimento do contexto mais amplo, no entanto, nos pormenores das narrativas bíblicas não estão tão seguros. Mencionam ter aprendido mais sobre a Bíblia e o seu contexto na igreja. A maioria destes alunos participa em outras atividades da igreja nas quais é ministrado ensino acerca do mundo bíblico¹⁹³ e alguns alunos estão inscritos na disciplina de EMRE.

A impressão pessoal que tive na visita à escola dominical desta igreja foi que era dada bastante ênfase ao próprio texto bíblico, porém, o contexto dos textos não foi muito abordado. A maioria dos alunos jovens da escola dominical juntou-se à igreja recentemente, sobretudo às atividades juvenis e à congregação. Alguns dos alunos também frequentam a Educação Moral e Religiosa Evangélica e a maioria participa na atividade com crianças da igreja.¹⁹⁴

1.4 Representações do Mundo Bíblico no meio de alunos da Educação Moral e Religiosa numa Escola pública

Nas escolas portuguesas existe a opção do ensino religioso através das disciplinas de Educação Moral e Religiosa. Esta atividade é um fator importante para este estudo, pois existem duas disciplinas de carácter facultativo na inscrição, no entanto obrigatórias na sua frequência, a Educação Moral e Religiosa Católica e a Educação Moral e Religiosa Evangélica.

A disciplina de **Educação Moral e Religiosa Católica** (EMRC) tem a sua base legal na Concordada - tratado entre a República Portuguesa e o Vaticano - e respetiva legislação. Conforme o 'Programa de Educação Moral e Religiosa Católica', esta disciplina vê os seus princípios inseridos no sistema educativo, pretende contribuir para a educação integral da pes-

¹⁹³ Esta igreja tem dois núcleos da Geração 21. Neste trabalho é dado bastante ênfase no texto e contexto bíblico.

¹⁹⁴ Intitulado Geração 21.

soa no ensino¹⁹⁵ e tem como metas a interdisciplinaridade, a transversalidade dos saberes e a interculturalidade.¹⁹⁶ Em relação ao assunto em estudo, a ‘cultura bíblica’ é uma das ‘competências por domínio’ da EMRC e o programa desta disciplina “propõe que o aluno seja capaz de: Usar a Bíblia (...). Interpretar textos fundamentais da Bíblia (...). Reconhecer as implicações da mensagem bíblica nas práticas da vida quotidiana.”¹⁹⁷ Igualmente declara o ‘Programa de EMRC,’ “No que se refere à abordagem da Bíblia foi elaborado um roteiro bíblico a ser explorado ao longo dos vários anos de ciclos de ensino.¹⁹⁸ O Programa de EMRC apresenta também um longo quadro com conteúdos bíblicos.¹⁹⁹ A EMRC, em algumas escolas urbanas da Grande Lisboa, tem sofrido um grande decréscimo de alunos, sobretudo no 3º ciclo e no secundário.

A disciplina de **Educação Moral e Religiosa Evangélica** (EMRE) começou nas escolas por volta do ano de 1989.²⁰⁰ O Programa da disciplina de EMRE prevê no 1º Ciclo do Ensino Básico, na primeira unidade temática, o tópico: “o que é a Bíblia” e no 2º e 3º Ciclo e Secundário deveriam ser abordados temas com referências aos textos da Bíblia.²⁰¹

A pesquisa com alunos de EMRC e EMRE foi realizada numa Escola Básica do 2º e 3º ciclo (EB 2, 3), a EB 2, 3 Ferreira de Castro. Este estabelecimento de ensino também é a Escola Sede do Agrupamento que se encontra em Mem Martins.²⁰² Esta escola tem todos os desafios e potencialidades de uma instituição de ensino que se encontra rodeada de novas urbanizações e que está perto de um bairro social.

1.4.1 O que alunos da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica sabem do Mundo Bíblico

A Escola EB2,3 Ferreira de Castro, em Mem Martins, tem cerca de 1200 alunos. A disciplina de **Educação Moral e Religiosa Católica** (EMRC) está a funcionar deste estabele-

¹⁹⁵ Vide “Enquadramento geral”, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Lisboa, Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2007, p.15.

¹⁹⁶ Vide *Ibid.*, pp. 24-27.

¹⁹⁷ Vide “Elementos Estruturais do Programa”, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Lisboa, Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2007, p. 32.

¹⁹⁸ Vide *Ibid.*, p. 37.

¹⁹⁹ Vide *Ibid.*, p. 37-42.

²⁰⁰ Vide http://www.aliancaevangelica.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=113&Itemid=524, [consult. 11 de junho de 2013].

²⁰¹ Vide <http://aliancaevangelica.pt/files/ProgramaEMRE.pdf>, pp.77-90, [consult. 11 de junho de 2013].

²⁰² Vide <http://www.efcastro.pt>, [consult. 12 de junho de 2013].

cimento de ensino. No ano letivo de 2012 / 2013, estavam matriculados 39 alunos na disciplina de EMRC, com a seguinte distribuição:

5º ano: 21 alunos
6º ano: 9 alunos
7º ano: 3 alunos
8º ano: 6 alunos
9º ano: 0 alunos

A Prof.^a Paula Antunes Oliveira, responsável pela disciplina, explicou que, em geral, os alunos que andam na catequese nas paróquias não estão inscritos na disciplina de EMRC e os que estão na EMRC não vão a catequese. As razões para este fenómeno são várias, os pais e alunos acham que se trata da mesma coisa e existe a dificuldade da sobrecarga dos horários com esta disciplina escolar. Acerca da articulação da EMRC com outras disciplinas, a professora Paula afirma que faz parte do programa da EMRC, porém nem sempre é fácil transpor para a prática. Neste ano foi realizada uma atividade com a disciplina de Educação Musical, na época do Natal. Em relação ao mundo bíblico na sala de aula de EMRC, a docente afirmou que a Bíblia e o seu contexto estavam muito distantes da realidade dos alunos. O Novo Testamento era mais abordado, porém também se abordavam algumas personagens do Antigo Testamento. Todavia, tem sido mais enfatizado o lado espiritual do que os aspetos da história, cultura e geografia dos textos bíblicos. À pergunta se ela tinha sugestões para o enriquecimento curricular, referiu-se às encenações, canções e músicas. A professora da disciplina de EMRC afirmou ainda que as representações do mundo bíblico, realizadas pela colega de Educação Moral e Religiosa Evangélica, eram muito valiosas e tinham trazido o mundo distante da Bíblia mais para perto dos alunos. A referida docente afirmou ainda que teria interesse em ter mais informação sobre o tema ‘como a Bíblia chegou até nós’ e sobre a explicação do significado da palavra Bíblia.

Resultados dos questionários realizados pelos alunos do 2º Ciclo, 6º ano de escolaridade, cerca de 11 e 12 anos de idade, na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, vide apêndice 4. Os alunos do 2º ciclo oscilam entre pouco e algum hábito de leitura dos textos bíblicos. Não costumam procurar orientação geográfica, porém têm algum interesse na contextualização histórica, pelos estrangeiros e pelo ambiente. Conhecem mais pormenores do Novo Testamento e algumas características do Velho Testamento. A maioria sabe em que línguas os textos bíblicos foram escritos, porém não conhecem o significado da palavra Bíblia. A maioria aprendeu mais sobre a Bíblia e o seu contexto na escola, depois em casa e por fim na igreja. As atividades de animação bíblica que foram consideradas mais interes-

santes variam muito e ainda foi dada a sugestão de realizar teatro sobre a Bíblia e visitas de estudo.

Resultados dos questionários realizados pelos alunos do 3º ciclo, do 7º ano de escolaridade, com idades compreendidas entre 12 e 15 anos, da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, vide apêndice 5. Os hábitos dos alunos na leitura de textos bíblicos variam entre nunca, às vezes e frequentemente. Procuram menos orientação geográfica do que histórica. Têm algum interesse por outros povos e pelo ambiente. Na compreensão dos textos bíblicos demonstram um interesse relativo pela contextualização. Na secção dos conteúdos bíblicos, não estão muito seguros em questões do Antigo Testamento, porém sabem um pouco mais sobre o Novo Testamento, no entanto todos sabem o significado do Crescente Fértil. Alguns sabem em que línguas os textos da Bíblia foram escritos, porém não sabem o significado da palavra Bíblia. Achrom que aprenderam mais na escola e depois na igreja e dão algumas indicações sobre como o ensino poderia ser mais interessante, como exposições, entre outros.

1.4.2 O que alunos da disciplina de Educação Moral e Religiosa Evangélica sabem do Mundo Bíblico?

A Disciplina de Educação Moral e Religiosa Evangélica, na EB2,3 Ferreira de Castro, está a funcionar desde o ano de 1999. No ano letivo de 2012 / 2013, estavam inscritos vinte alunos e mais alguns assistentes que frequentaram as aulas. A Prof.^a Verena Ruth Vogel tem ensinado bastante matéria sobre a história, geografia e cultura bíblicas. Existe cooperação entre os professores de EMRC e EMRE.

Resultados dos questionários realizados pelos alunos do 2º Ciclo, 6º ano de escolaridade, cerca de 11 e 12 anos de idade, na disciplina de EMRE, vide apêndice 6.

Resultados dos questionários realizados pelos alunos do 3º Ciclo, 7º ano de escolaridade, com idades compreendidas entre 12 e 15 anos de idade, na disciplina de EMRE, vide apêndice 7.

As respostas sobre a leitura de textos bíblicos alternam entre ‘nunca’ e ‘frequentemente’, no entanto a maioria assinalou ‘às vezes’. Os rapazes procuram menos orientação geográfica do que as meninas. A orientação no tempo está maioritariamente na secção ‘às vezes’, resposta dada pelos elementos dos dois sexos. Verifica-se interesse por outros povos e pelas plantas, animais e outros assuntos da vida diária. Na compreensão dos textos bíblicos, nota-se

conhecimento e há interesse na contextualização. Sobre os conteúdos bíblicos, estão mais seguros nas narrativas tradicionalmente conhecidas do que no conhecimento pormenorizado. Porém, não estão muito seguros sobre a área geográfica do Crescente Fértil. Os rapazes estão um pouco mais seguros nas línguas bíblicas e no significado da palavra Bíblia do que as meninas. Achem que aprenderam mais na igreja e depois na escola. Dois rapazes acharam interessante o ensino através do teatro e um rapaz gostava de fazer jogos.

1.4.3 Experiências pessoais como docente de Educação Moral e Religiosa Evangélica

De 1999 até 2005 e durante o ano letivo de 2011 / 2012 lecionei a disciplina de Educação Moral e Religiosa Evangélica (EMRE), entre outras disciplinas, aos 2º e 3º Ciclos e ao Secundário, em escolas públicas, no concelho de Sintra. No ensino ministrado, na sala de aula, procurei a articulação dos textos da Bíblia com as demais disciplinas. Das atividades fora da sala de aula, destaca-se a exposição criada pelos alunos da EMRE, cujo título foi ‘Muito mais do que um simples livro!’ e que esteve presente na Escola EB2,3 Ferreira de Castro em Mem Martins de 7 a 11 de fevereiro de 2000. Nesta exposição, que esteve exposta no *hall* de entrada da escola, foram exibidos cartazes que apresentaram aspetos da Bíblia e do seu mundo, ou seja, aspetos históricos, culturais, geográficos e literários, entre outros. A Sociedade Bíblica de Portugal deu o seu apoio através do empréstimo de Bíblias em várias línguas e de material de divulgação. Todas as turmas de Educação Moral e Religiosa Católica daquele ano passaram pela exposição, em visitas guiadas e a comunidade educativa participou ativamente neste evento que decorreu ao longo de uma semana.

No ano letivo de 2001 / 2002 as minhas turmas de EMRE e as turmas de EMRC elaboraram uma exposição sobre a Páscoa. Foi exposta em cartazes a explicação ilustrada sobre a origem e o significado da Páscoa judaica e da Páscoa cristã. A Biblioteca Municipal de Sintra, através do pólo da Tapada das Mercês, apoiou a organização da exposição que teve lugar de 18 de março a 5 e Abril de 2002. Foram organizadas visitas guiadas e mais de 400 alunos da região participaram nas visitas à exposição que incluíram explicações e animações acerca dos contextos bíblicos da Páscoa.

Entre muitas outras atividades curriculares e extracurriculares sobre o mundo bíblico, que dinamizei no âmbito da disciplina de EMRE, menciono ainda a exposição ‘A Vida diária

no Tempo de Jesus' inspirada no museu ao ar livre em Israel o *Nazareth Village*²⁰³. Esta exibição teve lugar em bibliotecas de escolas e procurou a articulação com outras disciplinas, como a História, a Geografia e a Educação Visual e Tecnológica, entre outras.²⁰⁴

Ao longo de vários anos participei nas ações de formação para professores de EMRE e verifiquei a falta de instrução na área de história, geografia e cultura bíblicas, tanto ao nível de quem está a orientar esta disciplina, como ao nível dos professores. Por outro lado, tinha notado o interesse de professores de outras disciplinas nas iniciativas que foram realizadas no âmbito da promoção do conhecimento sobre o mundo bíblico. Em Outubro de 2012, eu e a minha esposa fomos como formadores à ação de formação dos professores da disciplina de EMRE. O tema era 'História, Cultura e Geografia Bíblicas: o desafio da contextualização do Mundo da Bíblia no ambiente escolar'. Os cerca de 50 professores com mais de dois anos de docência de EMRE foram desafiados para uma abordagem interdisciplinar sobre o mundo bíblico. Na primeira parte foi dada uma introdução ao contexto do texto bíblico, ou seja, à história, à cultura, à geografia e à arqueologia relacionadas com o mundo bíblico. Os docentes foram desafiados a identificar 'pontes' entre o mundo bíblico e a sociedade atual. Na segunda parte da formação, elaboraram-se, em trabalho de grupo, propostas de atuação sobre o mundo bíblico no meio escolar. Os professores estavam muito interessados e no final da ação apresentaram os seus trabalhos. A conclusão geral foi que começaram a ver muitas possibilidades de articular o conteúdo da disciplina de EMRE com os demais saberes ensinados na escola e ficaram motivados para procurar articulações e realizar projetos em parceria com outras disciplinas.

²⁰³ Vide no capítulo 4. Entrevistas sobre o Mundo Bíblico em Israel, 4. 4 *Nazareth Village*, e <http://www.nazarethvillage.com>, [consult. 1 de agosto de 2013].

²⁰⁴ Vide os testemunhos em http://www.mpc-g21.blogspot.pt/2012_05_01_archive.html, [consult. 22 de junho de 2013].

2. Entrevistas com entidades ligadas ao ensino

Neste capítulo pretende-se descobrir qual é a importância que as instituições ligadas ao ensino teológico e à formação inicial e contínua de docentes de Educação Moral e Religiosa estão a atribuir ao mundo bíblico.

2.1 Comissão para a Ação Educativa Evangélica nas Escolas Públicas

A Comissão para a Ação Educativa Evangélica nas Escolas Públicas (COMACEP) é sediada nas instalações da Aliança Evangélica Portuguesa e tem ao seu cargo a coordenação de todo o trabalho desenvolvido a nível nacional na disciplina de Educação Moral e Religiosa Evangélica (EMRE). No ano letivo 2012/2013 a disciplina de EMRE funcionou em 250 escolas, com 154 professores e cerca de 2000 alunos, distribuídos por 306 turmas.²⁰⁵ Realizei uma entrevista com a vice-presidente e secretária. A Dr.^a é da opinião que o mundo bíblico deveria ser muito importante para os professores da disciplina de EMRE e que os docentes desta disciplina precisam de conhecer o contexto da Bíblia para poderem ensinar o texto da Bíblia. Porém, na prática, a história, geografia e cultura bíblicas não são muito enfatizadas porque muitos professores não têm formação específica para poderem ensinar estes conteúdos. A vice-presidente, que tem uma larga experiência de ensino, reconheceu que era importante desenvolver com os alunos ações práticas que liguem a história e a geografia à Bíblia. Perante a lacuna de conhecimento geográfico no meio dos alunos, enfatizou a importância do uso de mapas, bem como o exercício da localização histórica. Identificou igualmente a necessidade da formação dos professores nestas áreas. Acerca da temática ‘Como a Bíblia chegou até nós’ a Sociedade Bíblica de Portugal tem contribuído no ensino. Sobre a pergunta, de quantos professores abordaram durante o ano letivo de 2012 / 2013 assuntos ligados ao mundo bíblico, não recebi informação exata, porém foi-me dito que seria uma percentagem relativamente pequena.

É pois de concluir que na teoria se reconhece a importância da temática do mundo bíblico, porém como é na prática? Era importante perceber o papel do mundo bíblico na definição das competências da disciplina, na orientação estratégica, na formação inicial e contínua

²⁰⁵ Vide http://www.aliancaevangelica.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=116&Itemid=527, [consult. 11 de julho de 2013].

dos docentes e no material pedagógico. Igualmente era preciso entender o conhecimento dos professores acerca da história, geografia e cultura bíblica.

2.2 Faculdade de Teologia da Universidade Católica de Lisboa

A Faculdade de Teologia abriu em 1968/69, na sede da Universidade Católica Portuguesa em Lisboa²⁰⁶ e oferece os seguintes cursos superiores:²⁰⁷

Licenciatura em Ciências Religiosas;
Mestrado em Ciências Religiosas;
Mestrado em Estudos da Religião;
Mestrado Integrado em Teologia e
Doutoramento em Teologia.

O Professor Doutor João Lourenço é o diretor da Faculdade de Teologia, leciona disciplinas do Antigo e Novo Testamento e ministra ainda o curso avançado de História e Cultura Bíblica no Centro de Estudos de Religiões e Culturas Cardeal Höffner (CERC). Esta oferta pedagógica começou em 2007, abordando no início o reino de Israel e ao longo dos anos, tratou cronologicamente temas da Bíblia e do seu contexto. Nos primeiros módulos, era ainda possível frequentar este estudo tanto em regime livre como em regime modular com acreditação. Este curso, ao longo dos anos, tem tido turmas com mais de 100 alunos. No fim dos anos letivos, tem sido oferecida a possibilidade de participar em viagens de estudo e peregrinação às terras bíblicas. O Padre João Lourenço também publicou vários livros, a saber: *O Mundo Judaico em que Jesus Viveu. Cultura Judaica do Novo Testamento* e o *Guia Bíblico e Cultura da Terra Santa*.²⁰⁸ Na entrevista que tive oportunidade de lhe fazer, o diretor da faculdade, que estudou em Jerusalém,²⁰⁹ salientou que no seu ponto de vista, era muito importante todo o conhecimento sobre a história e cultura da bíblia, porque não era possível dissociar o texto bíblico do estudo das línguas, da topografia, das vias de comunicação, etc.; no entanto, infelizmente, não foi possível incluir no currículo tudo o que era desejável. No passado, existiu um mestrado em estudos bíblicos, cuja parte letiva funcionou de 1988 até 1990 e no qual foram realizadas viagens à Terra Santa. Atualmente, o ensino sobre o mundo bíblico está a ser inserido nas disciplinas da área da teologia bíblica e nas disciplinas das línguas bíblicas. Pre-

²⁰⁶ Vide http://www.ft.lisboa.ucp.pt/site/custom/template/ucptpl_fac.asp?sspageID=881&lang=1, [consult. 4 de julho de 2013].

²⁰⁷ Vide http://www.ft.lisboa.ucp.pt/site/custom/template/ucptpl_fac.asp?sspageID=921&lang=1, [consult. 1 de agosto de 2013].

²⁰⁸ Ambas editadas pela Universidade Católica Editora de Lisboa, o primeiro em 2005 e o guia em 2008.

²⁰⁹ Vide a entrevista no subcapítulo 4.7 Museu arqueológico do *Studium Biblicum Franciscanum*.

sentemente, as ofertas de atividades extracurriculares sobre o mundo bíblico limitam-se à oferta das viagens à Terra Santa, organizadas no âmbito dos cursos de história e cultura bíblica, nas quais têm participado também estudantes do ensino superior. Relativamente à experiência do ensino no curso história e cultura bíblica, cujos alunos têm sido majoritariamente pessoas adultas das paróquias, o professor da Bíblia enfatizou que este tipo de ensino tem suscitado e motivado pessoas que querem adquirir mais conhecimentos sobre a Bíblia e o seu mundo e salientou que no futuro desejava investir num ensino bíblico mais alargado, para um público mais geral.

Na opinião do Professor Lourenço, as gerações mais novas têm em geral e não apenas no campo bíblico, mais dificuldade em enquadrar a memória, o património e a geografia. Neste contexto educativo, seria necessário apostar e investir nos recursos das novas tecnologias e ajudar as pessoas mais novas a reencontrar a ‘lembrança’ e, claro, a leitura dos acontecimentos da história e cultura bíblicas.

Na nossa conversa, abordámos igualmente a experiência do Professor em Jerusalém: a sua vivência; nas aulas de topografia de Jerusalém, o ter ido aos lugares desta cidade antiga, ter conhecido pessoalmente os vales e os sistemas de água, etc. Falámos também sobre as suas excursões à Galileia e a outras regiões da Terra Santa, bem como sobre a ida ao Egito e a outras terras do Médio Oriente. Afirmou o teólogo que podia ter feito a exegese dos textos bíblicos e outras disciplinas em qualquer parte do mundo, mas o ter estado no lugar foi muito importante. O Padre João Lourenço considerou este enquadramento fundamental para a compreensão da Bíblia. Mencionou também muitos sítios arqueológicos ligados ao Antigo e ao Novo Testamento e ainda a simbologia dos textos bíblicos, onde a partir dos elementos da natureza se descreve o património espiritual, por exemplo mencionando as oliveiras, os cedros e alguns animais. A resposta à pergunta se havia teólogos mais novos que estivessem a adquirir experiência na Terra Santa e que no futuro pudessem dar continuidade ao ensino da história e cultura bíblica, ficou em aberto, porque o Professor Lourenço reconheceu que na atualidade não há estudiosos jovens que estejam a estudar a Bíblia *in loco*, ou seja nos lugares de onde os textos bíblicos vieram. Esta realidade foi-me também dada a conhecer, numa conversa com um estudante do mestrado em Teologia, nos corredores da Faculdade de Teologia desta Universidade. Este estudante partilha a opinião que entre os teólogos mais novos existe pouco interesse em aprofundar o conhecimento sobre o mundo bíblico.

2.3 Formação de docentes de Educação Moral e Religiosa Católica

Entrevista na Faculdade de Teologia da Universidade Católica de Lisboa, com o Mestre Juan Ambrósio, docente e responsável no secretariado da Prática de Ensino Supervisionada e Relatório do Mestrado em Ciências Religiosas - Ensino de Educação Moral e Religiosa Católica. O Mestre Ambrósio salientou que o programa da EMRC inclui o conhecer da mensagem e da cultura bíblica. A cultura bíblica é uma das competências específicas da disciplina. Faz parte da metodologia da EMRC que numa unidade letiva sejam abordados um ou mais textos da Bíblia. No entanto, iniciativas que ajudem a melhorar o conhecimento do mundo bíblico serão bem-vindas, porque tanto na teoria como na prática, ainda se pode desenvolver muito esta área. O Mestre sugeriu elaborar algo bem concreto, tanto para os professores, como para os alunos. Ao nível dos docentes, propôs uma ação de formação acreditada²¹⁰ com o tema cultura bíblica e achou que de certeza haveria muito interesse e adesão. Para o ensino com os alunos, recomendou uma planificação concreta de uma ou duas aulas sobre o mundo bíblico, e a realização de um filme em formato DVD que os professores pudessem utilizar nestas aulas. Outras atividades, como exposições sobre o mundo bíblico seriam um bom complemento para a ação de formação e a aula.

2.4 Instituto Bíblico Português

O Instituto Bíblico Português afirma-se como sendo “uma Associação Religiosa sem fins lucrativos, interdenominacional, de base evangélica e conservadora, devidamente legalizada e apelidada de Associação Evangélica de Educação.”²¹¹ Este estabelecimento de ensino oferece um curso de formação bíblica básica, denominado ‘Seja um Obreiro Aprovado’. Trata-se de um curso de estudo bíblico e teologia bíblica baseado no Evangelho de Mateus e no livro de Atos dos Apóstolos. Este ensino de natureza pós-laboral é oferecido em centros de extensão em todo o país.²¹² O Instituto Bíblico ainda oferece os seguintes cursos com acreditação da *European Evangelical Accrediting Association*²¹³: ‘Certificado de Estudos Bíblicos e

²¹⁰ Acreditada pelo ‘Conselho Científico-Pedagógico de Formação Contínua’ em Braga. Vide parte III, ‘1.1 Ação de formação para professores’.

²¹¹ Vide http://www.ibp-aee.org/index.php?option=com_content&view=article&id=63&Itemid=209&lang=pt, [consult. 17 de junho de 2013].

²¹² Vide http://www.ibp-aee.org/index.php?option=com_content&view=article&id=70%3Aobreiro-aprovado&catid=37%3Ageral&Itemid=152&lang=pt, [consult. 18 de junho de 2013].

²¹³ Vide <http://eaa.eu/directory/accredited-schools>, [consult. 18 de junho de 2013].

Teológicos de um ano'; 'Diploma em Bíblia e Teologia de dois anos' e o 'Diploma Avançado em Bíblia e Teologia de 3 anos letivos'. No nível de pós-graduação é oferecido o 'Mestrado em Interpretação Bíblica Aplicada' que pode ser frequentado em Portugal, Moçambique e Angola. Este curso é reconhecido pela *North West University* da África do Sul.²¹⁴ Os cursos de um e mais anos são reconhecidos pelo Ministério da Educação para o ensino da disciplina de EMRE.

O Diretor do Instituto Bíblico Português, Doutor Fabiano Fernandes, respondeu à pergunta sobre que papel o mundo bíblico assumia no ensino do Instituto afirmando que o contexto faz parte do currículo e de muitas disciplinas bíblicas e que este estava sempre relacionado com o texto da Bíblia. Como exemplo o Diretor mencionou a disciplina que ele próprio leciona sobre o livro de Deuteronómio, na qual também são abordados os tratados do Médio Oriente Antigo e onde estes são comparados com a aliança descrita neste livro bíblico. A pergunta seguinte foi se a geografia das terras bíblicas fazia parte do ensino. A resposta foi, que no curso básico, 'Seja um Obreiro Aprovado', sim o contexto geográfico do Novo Testamento era ensinado, porém nos cursos de nível superior esta matéria era pouca enfatizada. Neste âmbito ainda falámos acerca da lacuna geográfica verificada nos alunos de Educação Moral e Religiosa e falou-se da necessidade em realizar excursões e viagens de estudos com estudantes de teologia, para aprofundar o contexto histórico, geográfico e cultural. Acerca da última pergunta, a propósito do ensino sobre 'como a Bíblia chegou até nós', ou seja a crítica textual, foi-me afirmado que o assunto do cânon dos livros da Bíblia era ensinado, mas que o resto não.

Pelo facto de eu próprio ter realizado estudos bíblico-teológicos no Instituto Bíblico Português - o mestrado em Teologia, especialização em Teologia Bíblica do Velho Testamento -, na então Escola Superior de Educação Teológica Evangélica parece-me que nos cursos atuais desta instituição teológica existe menos ênfase no ensino do contexto. O estudo do texto, ou seja a filologia é bastante enfatizado, como também a aplicação, ou seja a teologia prática. Porém questões da história, cultura e geografia bíblica fazem falta nesta instituição de ensino teológico evangélico. Dado que o Instituto Bíblico Português oferece cursos de formação para professores de Educação Moral e Religiosa Evangélica, a lacuna verificada no ensino do mundo bíblico, é preocupante. Um diálogo e uma articulação com os estudos universitários de história e cultura bíblica e da história antiga existentes em Portugal eram imprescindíveis e podiam preencher esta lacuna.

²¹⁴ Informação prestada pelo diretor do Instituto Bíblico Português.

3. Representações do Mundo Bíblico em editores e movimentos

3.1 A Difusora Bíblica e o Movimento de Dinamização Bíblica

Na visita à Difusora Bíblica, em Fátima, falei com Frei Herculano Alves. Durante a longa conversa, o responsável da editora enfatizou que na Igreja Católica Romana, já antes do Concílio Vaticano II, existiam incentivos à leitura da Bíblia. Assim, em 1943, o papa Pio XII publicou a carta encíclica *Divino Afflante Spiritu* (Sobre os Estudos Bíblicos) a qual exortava ao estudo bíblico.²¹⁵ No entanto, devido à Segunda Guerra Mundial, este esforço foi abafado. Segundo frei Herculano, a constituição dogmática *Dei Verbum* (Sobre a Revelação Divina) no Concílio Vaticano II, de 1965, é uma confirmação da encíclica anterior. No que diz respeito ao caso de Portugal em particular, logo em 1937, com a vinda do espanhol Frei Inácio de Vegas, iniciou-se o Movimento Nacional de Dinamização Bíblica em Portugal²¹⁶. Surgiram então as primeiras edições bíblicas, a cargo da Difusora Bíblica que iniciou oficialmente as suas atividades em 1955. Este trabalho dos Franciscanos Capuchinhos teve, desde o seu começo, três vertentes: Primeiro, as edições de textos da Bíblia; segundo, a Dinamização Bíblica no meio católico através de cursos para animadores bíblicos, estudos bíblicos e encontros nacionais de Grupos Bíblicos e, em terceiro lugar, a formação bíblica contínua através da publicação de revistas - 'Bíblica' popular (que se publica há 59 anos e que se chegou ao n.º 340), 'Bíblica científica' (com 21 números) e coleções: 'Cadernos Bíblicos' (com 114 volumes), 'Atualidade Bíblica' (com 16 volumes), além de outras publicações bíblicas. Os capuchinhos entendem a dinamização bíblica como um movimento popular que motiva a leitura da Bíblia e, nas semanas bíblicas, é dada formação pastoral em paróquias. Neste contexto, Frei Herculano enfatizou a necessidade de simplificar o discurso, porque, frequentemente, as pessoas do povo julgam não entender o que está a ser ensinado. Em cursos mais científicos, é ministrada formação bíblica aos novos teólogos. O franciscano constatou que já muito tem sido realizado ao longo dos anos e, entretanto, as dioceses e paróquias assumiram responsabilidades na dinamização bíblica. Todavia, ainda de acordo com Frei Herculano, os católicos portugueses, em geral, rezam muito, mas leem pouco a Bíblia. Conforme explicou, na hierarquia superior da Igreja Católica existe uma preocupação com o estudo bíblico, como os documentos oficiais demonstram, porém este esforço não se verifica no ensino teológico superior, onde estão a ser

²¹⁵ Vide também http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_30091943_divino-afflante-spiritu_po.html, [consult. 3 de julho de 2013].

²¹⁶ Vide <http://www.difusorabiblica.com/siteantigo/sndb/vegas.htm>, [consult. 3 de julho de 2013].

formados os padres, bem como nas dioceses. Consequentemente, o incentivo do estudo da Bíblia não “desce” até ao povo nas paróquias, onde o ensino da Bíblia é pouco praticado. O franciscano capuchinho sabe do que está a falar, pois ensinou sobre a Bíblia na Faculdade de Teologia da Universidade Católica do Porto²¹⁷ e fez o seu doutoramento acerca da tradução da Bíblia de João Ferreira de Almeida²¹⁸. Publicou também vários livros, dos quais destaco a obra monumental “Documentos da Igreja sobre a Bíblia”, na qual mostra, na primeira parte, o percurso histórico da Bíblia na Igreja Católica Romana e, na segunda parte, se encontram os 352 escritos que a Igreja Católica propagou ao longo da sua história.²¹⁹ Frei Herculano salientou ainda a dificuldade em fazer chegar a dinamização bíblica às gerações mais novas e reconheceu que os jovens, habituados às novas tecnologias, pouco interesse têm na literatura escrita.

Nas instalações da Difusora Bíblica, encontra-se um museu bíblico com objetos históricos relacionados com os textos bíblicos e seus mundos, todavia, o biblista lamenta que o museu não tenha assumido um carácter mais oficial. Herculano Alves explicou ainda que no passado existiram planos para realizar exposições sobre a Bíblia, em paróquias, contudo, estes projetos não foram realizados. Ainda assim, o meu entrevistado é da opinião que exposições sobre a Bíblia teriam interesse, sobretudo se forem articuladas com formação bíblica. Das muitas publicações que se encontram à venda na livraria, reparei sobretudo num grande mapa didático da Palestina da época do Novo Testamento e no ‘Grande Atlas da Bíblia’²²⁰. Trata-se de uma obra bem ilustrada que aborda cronologicamente os acontecimentos narrados na Bíblia e que apresenta um panorama bem ilustrado, com imagens e mapas.

A Difusora Bíblica faz parte do Centro Bíblico da Ordem dos frades menores Capuchinhos em Fátima, no qual se encontra o Jardim Bíblico.²²¹ Este jardim entende-se como um espaço cultural, no qual os visitantes estão a ser incentivados, no meio de plantas do mundo bíblico, a contemplar textos do Antigo e Novo Testamentos e a reviver acontecimentos bíblicos.

A Difusora Bíblica tem, ao longo de muitos anos, realizado um grande esforço em fazer chegar a Bíblia ao povo católico. Porém, pela própria natureza deste trabalho, as atuações

²¹⁷ Vide <http://www.difusorabiblica.com/siteantigo/lancamentos.htm>, [consult. 3 de julho de 2013].

²¹⁸ Atualmente editadas pelas publicadoras Sociedades Bíblicas de Portugal e do Brasil.

²¹⁹ Vide <http://www.difusorabiblica.com/siteantigo/bibliadocumentos.htm>, [consult. 12 de julho de 2013].

²²⁰ Vide *O Grande Atlas da Bíblia*, Marcus Braybrooke, Felicity Cobbing, James Harpur (editores), Coimbra, Gráfica de Coimbra e Fátima, Difusora Bíblica, 2001. A primeira edição em inglês foi publicada pela agência missionária anglicana *Society for Promoting Christian Knowledge*, vide <http://www.spck.org.uk/> 05 de Julho de 2013, [consult. 18 de julho de 2013].

²²¹ Vide Centro Bíblico dos Capuchinhos em http://www.snpcultura.org/jardim_biblico_fatima.html, [consult. 21 de julho de 2013].

têm sido delimitadas para o público interno da Igreja Católica Romana. O maior desafio que este Movimento Nacional de Dinamização Bíblica em Portugal enfrenta é o de atingir os jovens e assim poder dar continuidade a este ministério nas próximas gerações.

3.2 Uma Livraria Evangélica

A **Livraria Baptista em Lisboa**²²² pertence à Convenção das Igrejas Evangélicas Baptistas. O responsável, o Pastor Mário Jorge, explicou-me que as pessoas que compram na livraria são baptistas, evangélicos de outras igrejas e outros cristãos interessados no estudo da Bíblia. Ainda referiu que, de vez em quando, entram outras pessoas interessadas, porém o público alvo desta livraria são claramente leitores cristãos, leitores da Bíblia. Segundo o gerente Mário Jorge, os conceitos mundo bíblico, história e cultura bíblicas não são utilizados no meio evangélico dado que, segundo ele, os evangélicos lidam diretamente com a Bíblia. Ainda explicou que os livros da livraria que contêm informação acerca do contexto da Bíblia são sobretudo obras de estudos de livros bíblicos e são todas edições do Brasil. O Pastor baptista salientou uma vez mais que os destinatários da Livraria Baptista são sobretudo cristãos e crê que outros segmentos da população não teriam interesse neste género de literatura.

3.3 A Sociedade Bíblica de Portugal

O princípio do trabalho desta organização remonta ao início do século XIX com o começo da distribuição de literatura bíblica em Portugal pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira.²²³ Presentemente, a Sociedade Bíblica de Portugal (SBP) tem “por objetivo promover a mais ampla, eficaz e relevante distribuição da Bíblia (...), e ajudar as pessoas a interagir com a Palavra de Deus”. Na prossecução dos seus objetivos a Sociedade Bíblica propõe principalmente:²²⁴

- a) Traduzir, publicar e distribuir a Bíblia, no todo ou em parte, tornando-a acessível a todos em diferentes suportes e formatos, bem como qualquer material acessório para uma melhor compreensão da mesma;

²²² Vide <http://www.livrariabaptista.com.pt>, [consult. 21 de julho de 2013].

²²³ Vide http://www.sociedade-biblica.pt/canais_pagina.php?id_canais_new=2&id_canais_menu_new=2&id_canais_menu_sub_new=23, [consult. 11 de julho de 2013].

²²⁴ Vide http://www.sociedade-biblica.pt/canais_pagina.php?id_canais_new=2&id_canais_menu_new=1&id_canais_menu_sub_new=5&id_canais_menu_sub2_new=19, [consult. 11 de julho de 2013].

- b) Apresentar a Bíblia como instrumento ativo no âmbito da espiritualidade, do desenvolvimento sociocultural da nação e da autocompreensão dos indivíduos e dos povos;
- c) Divulgar a Bíblia como instrumento cultural promotor da unificação da língua portuguesa e da transmissão de valores;
- d) Promover estudos, debates, conferências e outras reuniões para divulgação ou aprofundamento dos textos da Bíblia e
- e) Cooperar com as Sociedades Bíblicas suas congêneres e com pessoas e instituições na promoção da Bíblia.

Nas instalações da SBP encontra-se a ‘Loja da Bíblia’, que é uma pequena livraria na qual maioritariamente se encontram Bíblias à venda.²²⁵

Na entrevista com o Dr. Timóteo Cavaco, secretário-geral da Sociedade Bíblica de Portugal, falámos sobre atividades desenvolvidas que promoveram o conhecimento do mundo bíblico. O responsável da Sociedade Bíblica respondeu que até esta altura, o contexto da Bíblia não recebeu grande ênfase, porém mencionou duas iniciativas maiores, ‘A Bíblia Manuscrita’ e ‘A Bíblia em Festa’.²²⁶ Na área da formação e animação bíblicas, foram realizadas exposições juntamente com outras iniciativas, nomeadamente seminários e *workshops* em diferentes localidades. Acerca da pergunta se a literatura sobre o mundo bíblico tinha interesse para o público geral, respondeu que sim, mas que, no entanto, não tem sido a ênfase da editora, não obstante a Sociedade Bíblica ter começado, recentemente, a mostrar mais abertura para esta área. Questionado sobre o papel da literatura acerca do mundo da Bíblia na ‘Loja da Bíblia’, Timóteo Cavaco explicou que estão maioritariamente a vender o que estão a editar e a prioridade continua a ser os textos da Bíblia. Não obstante, afirmou que uma livraria que se dedicasse à história, geografia e cultura bíblicas fazia falta. Também reconheceu que o tema do mundo bíblico não tem recebido o seu devido lugar na ‘Loja da Bíblia’. Concordou que iniciativas de animação da história e cultura bíblicas teriam importância para aumentar o interesse na Bíblia e seria importante articular o conteúdo de futuras publicações com atividades de dinamização bíblica.

O Sector Animação Bíblica e Cultural da Sociedade Bíblica pretende promover a cultura bíblica na sociedade e apostar na formação, *vide* o documento estratégico do Sector Animação Bíblica e Cultural da Sociedade Bíblica no anexo II. As intervenções recomendadas na parte III do presente trabalho do projeto são propostas que se inserem nas linhas orientadoras deste documento estratégico.

²²⁵ Vide também <http://www.sociedade-biblica.pt/>, / ‘A Loja da Bíblia’, [consult. 11 de julho de 2013].

²²⁶ Vide <http://www.sociedade-biblica.pt/>, / ‘Quem somos’ / ‘A Sociedade Bíblica hoje’, [consult. 11 de julho de 2013].

3.4 Sondagens na 83ª Feira do Livro em Lisboa

Na pesquisa sobre literatura não académica que aborda a história e cultura bíblica, pretendeu-se saber o que existe em português de Portugal com o fim de ter uma base de dados de livros para futuras intervenções.

A **Loja da Bíblia**, no pavilhão da Sociedade Bíblica de Portugal, teve à venda sobretudo Bíblias e algumas obras sobre a literatura bíblica. Vi um livro ilustrado da Sociedade Bíblica do Brasil que mostra como a Bíblia foi formada e como ela chegou aos nossos dias²²⁷. Outro livro ilustrado, que no catálogo está na seção juvenil, mostra o contexto das histórias bíblicas.²²⁸ A versão original está em inglês e é da *Lion Hudson de Oxford*.

A editora brasileira **Vozes** possuía livros teológicos, porém, como foi afirmado no pavilhão, não tinham literatura sobre o mundo bíblico.

A **Paulus Editora** tinha muita literatura no seu pavilhão sobre espiritualidade e no catálogo estavam alistados dois atlas bíblicos que mostravam o contexto geográfico e histórico.²²⁹

A **Paulinas Editora** tem o lema ‘ao serviço do Evangelho e da Cultura’. No pavilhão pude falar com a irmã Eliete Duarte, uma das responsáveis da editora. A irmã afirmou que o tema da história e cultura bíblica estava incluído nas publicações da editora. Os livros mais destacados foram: um guia ilustrado que mostra uma visão global da história, cultura e geografia da Bíblia,²³⁰ um guia ilustrado dos lugares da Terra Santa seguindo as narrativas dos evangelhos²³¹ e um livro do mesmo género sobre as viagens de Paulo.²³² Estes três livros foram originalmente editados em Inglaterra pela *Lion Hudson*, em *Oxford*. São obras bem ilustradas com fotografias dos lugares e sítios arqueológicos, desenhos e gravuras, mapas e quadros cronológicos. Trata-se de uma abordagem interdisciplinar, na qual os estudos bíblicos se articulam com as disciplinas de história, arqueologia, geografia e estudos culturais. A irmã Eliete afirmou que em geral, se verifica um desconhecimento da Bíblia e do seu contexto, mas as pessoas mostram interesse em saber mais acerca da Bíblia e do mundo bíblico. A responsável mencionou as semanas bíblicas que as irmãs Paulinas realizem nas paróquias. Nestas se-

²²⁷ Vide em <http://www.sociedade-biblica.pt>, na ‘Loja da Bíblia’ na seção de Edições Académicas: *A história da Bíblia* de Stephen M. Miller e Robert V. Huber, [consult. 13 de julho de 2013].

²²⁸ Vide Lois Rock, *A Bíblia no seu Tempo*, Lisboa, Sociedade Bíblica de Portugal, 2012.

²²⁹ Vide Filippo Serafini e Giacomo Perego, *ABC dos Mapas Bíblicos*, Lisboa, Paulus Editora, 2007 e Giacomo Perego, *Atlas didático da Bíblia*, vide também na seção Bíblica em <http://www.paulus.pt>, [consult. 13 de julho de 2013].

²³⁰ Vide Mike Beaumont, *Compreender a Bíblia*, Prior Velho, Paulinas Editora, 2008.

²³¹ Vide Peter Walker, *Nas pegadas de Jesus*, Prior Velho, Paulinas Editora, 2009.

²³² Vide Peter Walker, *Nas pegadas de São Paulo*, Prior Velho, Paulinas Editora, 2011.

manas, a Bíblia é enfatizada e, segundo a irmã Eliete, as pessoas em geral têm interesse em conhecer mais acerca da Bíblia e do seu contexto. A irmã Mariana Nogueira, presente no mesmo pavilhão, contou sua experiência da diocese do Porto, onde existem 113 grupos bíblicos, de 20 a 30 pessoas. A irmã Eliete Duarte mencionou ainda a experiência de contextualização que a editora teve com a edição da Bíblia africana, na qual teólogos de Moçambique e Angola participaram na edição das notas explicativas aos textos bíblicos.²³³

Avaliação sobre o Mundo Bíblico na Feira de Livro em Lisboa. A 83ª Feira do Livro em Lisboa tinha muitas editoras e livrarias presentes. Nos cerca de 150 pavilhões existentes encontrei pouca literatura que representasse o mundo bíblico. Existem alguns livros de origem estrangeira, com conteúdo valioso, sobre o contexto bíblico. No entanto, pareceu-me que as editoras não sabem bem como classificar este género de literatura. Na página de internet da 'Loja da Bíblia' da Sociedade Bíblica de Portugal, o livro 'A história da Bíblia', encontra-se na secção de 'Edições Académicas', todavia a natureza desta obra interessa tanto a estudantes como ao público geral. O livro 'A Bíblia no seu Tempo' está colocado na categoria 'Infanto-Juvenil', não obstante o interesse que poderia ter é também para os adultos. Na página da internet da Paulus Editora tive alguma dificuldade em encontrar os dois atlas bíblicos, uma vez que se encontram em duas subcategorias diferentes, na secção Bíblica No *site* da Paulinas Editora, os livros acima mencionados, encontram-se na categoria 'Bíblia/Liturgia' e na coleção 'História e Profecia'.²³⁴ Em geral, nestas editoras, o assunto do mundo bíblico não parece ser um tema identificado e conseqüentemente não recebe o lugar que merece. Porém, como foi referido, estas editoras publicam literatura valiosa sobre o mundo bíblico, mas que devido à falta de um posicionamento adequado, acaba por se tornar difícil de localizar.

3.5 Representações do Mundo Bíblico em publicações do passado

A Editorial Verbo publicou em 1988 *A Vida no Tempo de Jesus de Nazaré* de Peter Connolly. Trata-se de um livro ilustrado que aborda a vida na Judeia e na Galileia ao longo de várias décadas da época em que Jesus viveu, dum ponto de vista científico. O autor foi um perito do mundo greco-romano e a edição original tinha sido publicada pela *Oxford University Press*. A obra editada em português pela Verbo está esgotada, porém vi o livro em portu-

²³³ Vide http://www.paulinas.co.mz/temas_biblicos.html, [consult. 15 de julho de 2013].

²³⁴ Vide <http://www.paulinas.pt/livros.asp?tema=2&col=1008&page=1>, [consult. 15 de julho de 2013].

guês numa nova edição, à venda em Israel. A mesma publicadora tinha editado a série ‘Enciclopédia Visual’, cujo número 24 se intitulou ‘Terras da Bíblia: Descubra a história da Terra Santa, a sua geografia e as antigas civilizações - em colaboração com o Museu Britânico’. O livro, que saiu em 1992, está bem ilustrado e oferece uma visão geral sobre o contexto histórico, geográfico e cultural da Bíblia e também dá uma introdução à arqueologia na Terra Santa. O autor, Jonathan Tubb, é arqueólogo especializado no Médio Oriente e colaborador científico do Museu Britânico.²³⁵ O livro foi originalmente publicado pela *Dorling Kindersley* em Londres.

A Civilização Editora traduziu em 1998 da *Dorling Kindersley* uma Bíblia ilustrada que oferece informação valiosa acerca do contexto histórico, cultural e geográfico. O título em português é ‘Bíblia infantil ilustrada’, no entanto o conteúdo oferece a jovens e a adultos informação importante do mundo bíblico. A edição foi acompanhada por consultores peritos nas áreas de pedagogia, de história e Antigo e Novo Testamentos. Além de muitas narrativas bíblicas recontadas e enriquecidas com desenhos e fotografias, este livro incluía capítulos com esclarecimentos e ilustrações do mundo da Bíblia, explicando o contexto histórico, cultural e geográfico ao longo dos livros da Bíblia. Os capítulos são: Introdução à Bíblia - as suas seções maiores; os rolos do Mar Morto e as primeiras edições da Bíblia com uma ênfase no códex Sinaítico -; O Antigo Testamento - geografia e aliança, Tabernáculo e os dois Templos -; Os Patriarcas; A Vida no Egito; A Vida em Canaã; Nações Conquistadoras; O Novo Testamento - geografia e contexto histórico e cultural -; Jesus da Galileia; A Vida Quotidiana no Tempo de Jesus; Os Primórdios da Igreja e as Viagens de Paulo.

Outro livro da *Dorling Kindersley* foi traduzido e editado pela Texto Editora em 2000 na série miniciclopédias, com o título ‘Bíblia: Factos e Curiosidades’; o título original é *Bible Companion*. As seções maiores são: Introdução à Bíblia; O Mundo da Bíblia; Vida Quotidiana; A História de Israel; De Jesus e da Igreja. Assuntos de civilizações, História Antiga, Arqueologia, Geografia e Ambiente são tratados em pequenos capítulos ilustrados - numa perspetiva interdisciplinar. O livro ‘Como a Bíblia chegou até nós’, de Meryl Doney, foi traduzido pela Gráfica de Coimbra em 1994. Este livro oferece uma visão panorâmica sobre os conteúdos do Antigo e do Novo Testamentos e trata temas do desenvolvimento da escrita, da transmissão e tradução da Bíblia. A edição original era da *Lion Publishing*.

O livro ‘O que é a Bíblia?’, de Sue Graves foi editado em 2003 pela Sociedade Bíblica de Portugal e pela Gráfica de Coimbra. Este livro, que originalmente é da *Lion Publishing*,

²³⁵ Vide http://www.britishmuseum.org/about_us/departments/staff/middle_east/jonathan_n_tubb.aspx, [consult. 15 de julho de 2013].

está bem ilustrado e trata temas como: O que é a Bíblia?; O que significa Bíblia?; Como foi escrita a Bíblia?; seguido de vários capítulos sobre temas do Velho e do Novo Testamento, sobre traduções da Bíblia e ainda sobre como usar este livro.

Apreciação e avaliação destes livros: Os livros já mencionados, nos quais as diferentes disciplinas - ciências bíblicas, história antiga, arqueologia e pedagogia - se articulam, são os mais valiosos e ricos em descrever a Bíblia e o seu mundo. Infere-se que os editores seculares têm, ou tiveram interesse em publicar tais livros, sobretudo as editoras britânicas de *Lion* e *Dorling Kindersley*. Estas obras oferecem uma visão multidisciplinar, bastante material didático e são pedagogicamente bem concebidas.

Publicações da *National Geographic Portugal*. Em Dezembro de 2008, o artigo principal da revista desta editora teve o título de capa: ‘Herodes: um rei entre o mito e a realidade’. O artigo era da autoria de Tom Mueller e intitula-se: ‘Construtor Visionário da Terra Santa: Herodes’²³⁶. Neste texto, bem ilustrado com fotografias, imagens e mapas, foram descritos os ‘Domínios de Herodes’, a ‘Fortaleza de Massada’, o ‘Segundo Templo’, a ‘Cesareia Marítima’ e o ‘Heródio’. Este número da revista incluía um ‘Mapa Suplemento’ que mostrava num dos lados ‘A Cidade ao longo do Tempo’, ou seja as diferentes épocas de Jerusalém antiga e atual. No verso encontra-se um mapa geográfico do Mediterrâneo Oriental com o título ‘Encruzilhada da História’. Esta carta oferece muita informação sobre a situação atual e ainda contém informações históricas.

Filmes da *National Geographic Portugal*²³⁷ que documentam o Mundo Bíblico. O filme com o título ‘O Túmulo perdido de Herodes’, apresenta uma reportagem acerca do trabalho arqueológico realizado nas diferentes construções do grande rei. O documentário mostra os sítios arqueológicos de Masada, Herodium, Cesareia e o templo em Jerusalém, projetando os edifícios do rei construtor e recriando muitas cenas da altura. O filme ‘Os Manuscritos do Mar Morto’ apresenta uma visão sobre o fenómeno das descobertas em Qumrân e as diferentes interpretações acerca destes achados. O filme ‘O Mundo Perdido da Terra Santa’ oferece uma documentação bem elaborada acerca dos animais selvagens descritos nos textos bíblicos e a situação atual de conservação destas espécies.

Estes filmes são recursos valiosos que permitem visualizar o mundo bíblico. Faz parte da natureza dos documentários da *National Geographic* apresentarem vários pontos de vista e

²³⁶ Vide *National Geographic Portugal*, Dezembro 2008, vol. 8, n° 93, pp. 2-25.

²³⁷ Os filmes em formato DVD, da *National Geographic Portugal* são editados por Lusomundo Editores, Lisboa.

até opiniões polêmicas, no entanto esta diversidade de pontos de vista pode enriquecer a aprendizagem acerca da história, cultura, geografia e arqueologia bíblicas.

4. Entrevistas sobre o Mundo Bíblico em Israel

De 2 a 17 de Maio de 2013 efetuei uma viagem em Israel e fiz entrevistas acerca do mundo bíblico. A ordem pela qual as apresento corresponde à sequência das visitas realizadas. A maioria das instituições com as quais desejava estabelecer contato foi abordada previamente por correio eletrônico, algumas, em número reduzido, responderam, outras não; no entanto, nas visitas a receptividade e colaboração foram muito boas.

4.1 *German Protestant Institute of Archaeology in the Holy Land*

Em Jerusalém encontram-se instituições antigas dedicadas à arqueológicas. A primeira que fui visitar foi o *Deutsches Evangelisches Institut für Altertumswissenschaften des Heiligen Landes*²³⁸ (Instituto Alemão Evangélico de Antiguidade da Terra Santa). Este centro de estudo foi fundado em 1900 e atualmente é uma fundação da Igreja Evangélica da Alemanha²³⁹. Faz igualmente parte do Instituto Alemão de Arqueologia e recebe apoios financeiros do Ministério dos Negócios Estrangeiros da Alemanha. Desde 1968, o instituto alemão tem um ramo em Jerusalém e um outro em Amman, na Jordânia. Ao longo dos anos foram realizadas muitas escavações. Atualmente, o trabalho arqueológico científico do instituto alemão é realizado num dos sítios da Decápole antiga, na região de Gadara, no Tall Zira'a²⁴⁰. O Instituto Alemão também realizou escavações por baixo do edifício da igreja evangélica do redentor, no centro da cidade antiga de Jerusalém e coordenou a realização da exposição turística *Through the Ages*²⁴¹ (através dos tempos), que se encontra nesta igreja. Esta exibição arqueológica e histórica apresenta 2000 anos de história de Jerusalém. As amostras das escavações dão al-

²³⁸ Em inglês *German Protestant Institute of Archaeology in the Holy Land*, vide <http://www.deiah.de/history.html>, [consult. 22 de maio de 2013].

²³⁹ A Igreja Evangélica da Alemanha é a federação das diferentes igrejas evangélicas regionais, “twenty-two Lutheran, Reformed and United regional churches (Landeskirchen) form the Evangelical Church in Germany (Evangelische Kirche in Deutschland - EKD)”, vide http://www.ekd.de/english/about_ekd.html, [consult. 1 de junho de 2013].

²⁴⁰ Vide <http://www.tallziraa.de/index.php?lan=1>, [consult. 1 de junho de 2013].

²⁴¹ Vide <http://xn--erlserkirche-jerusalem-whc.info/index?lang=en>, [consult. 1 de junho de 2013].

guma luz sobre a situação da cidade de Jerusalém no primeiro século depois de Cristo e antes da sua destruição, no ano 70, e são particularmente interessantes porque foram encontradas na proximidade da igreja do sepulcro.²⁴² Desde 1903, o Instituto Alemão tem realizado cursos acadêmicos para teólogos e arqueólogos, em terras do Médio Oriente.²⁴³

O Prof. Doutor Doutor Doutor h.c. Dieter Vieweger é o responsável do Instituto Alemão em Jerusalém. Ele é especialista em estudos do Velho Testamento e em Arqueologia. Vieweger lidera o Instituto na Terra Santa e ensina a disciplina de arqueologia bíblica na *Kirchliche Hochschule Wuppertal*²⁴⁴ (Escola Superior Teológica de Wuppertal). É igualmente o diretor do *Biblisch-Archäologisches Institut Wuppertal*²⁴⁵ (Instituto Bíblico-Arqueológico de Wuppertal) desta escola superior. O Instituto Arqueológico de Wuppertal também está envolvido nas escavações de *Tall Zira'a*, na Jordânia. Durante a nossa conversa, Vieweger salientou que a disciplina de arqueologia bíblica tem sido extinta em quase todas as Faculdades de Teologia da Alemanha. Tem sido assim nas Universidades de Tübingen e Heidelberg e ele lamenta profundamente que esta matéria já não seja oferecida no ensino teológico. A Escola Superior na qual ele leciona é a única que ainda oferece a arqueologia bíblica como disciplina de opção. Para Vieweger, tanto o estudo dos textos da Bíblia como a arqueologia são ciências com objetivos diferentes, porém no estudo da Bíblia, as duas especialidades necessitam uma da outra. O perito em textos bíblicos e no estudo dos materiais, salientou que para se poder chegar mais perto de uma interpretação correta dos escritos, é necessário ter em conta o ambiente, pois o texto precisa do seu contexto. O Professor também constatou que vários centros estrangeiros de arqueologia bíblica, sediados na Terra Santa e que no passado têm assumido papéis importantes, hoje em dia estão menos ativos ou até parados no trabalho de campo arqueológico realidade que ele lamenta profundamente.

Na aplicação do seu imenso conhecimento sobre o mundo bíblico, o célebre cientista revelou uma paixão especial, a autoria de vários livros. A quarta edição da sua obra sobre a *Archäologie der biblischen Welt* (Arqueologia do Mundo Bíblico) atingiu dimensões enciclopédicas. No entanto, este autor escreve também, para um público não erudito, livros acerca do trabalho arqueológico e sobre o conflito entre Israel e Palestina. O cientista do Velho Testamento e da Arqueologia demonstrou também entusiasmo pelo ensino dos mais novos; tem publicado, em conjunto com outros autores para crianças e jovens, livros ilustrados sobre a

²⁴² Que, segundo muitos estudiosos, parece ser o lugar da crucificação de Jesus.

²⁴³ Estes cursos são oferecidos em alemão e têm a duração de seis semanas.

²⁴⁴ Literalmente traduzido „Escola Superior da Igreja“, vide <http://www.kiho-wb.de>, [consult. 1 de junho de 2013].

²⁴⁵ Vide <http://www.bai-wuppertal.de>, [consult. 1 de junho de 2013].

arqueologia. O primeiro destes livros baseia-se nas escavações do *Tall Zira'a*, na Jordânia e foi traduzido para inglês com o título *Secrets of the Tell*²⁴⁶ (Segredos do Tell). O segundo livro trata da história de Jerusalém e tem o título *Abenteuer Jerusalem*²⁴⁷ (Aventura em Jerusalém). Os coautores são especialistas em outras áreas, pois são pais de adolescentes que têm participado em escavações. Desta cooperação saíram obras de alto valor pedagógico. Vieweger mencionou ainda um casal alemão - um pastor de uma igreja evangélica e uma professora - que tem participado em regime de voluntariado, nas escavações. Baseados na experiência na Terra Santa, criaram na sua igreja local um museu ao ar livre o *Bibeldorf Rietberg - Religionspädagogischer Lernort und Museum zur Umwelt der Bibel* (Aldeia Bíblica Rietberg - Centro de Educação Religiosa Pedagógica e Museu do Mundo da Bíblia)²⁴⁸ no Norte da Alemanha. Segundo Vieweger, esta é - entre muitas iniciativas de animação bíblica existentes nos países de língua alemã- a que o impressiona mais, pela sua dinâmica pedagógica.

4.2 *École Biblique & Archéologique Française de Jérusalem*

A segunda visita que fiz foi à *École Biblique & Archéologique Française de Jérusalem*²⁴⁹ (Escola Bíblica e Arqueológica Francesa de Jerusalém). Esta escola superior de estudos bíblicos e arqueológicos e centro de investigação, pertencente à ordem católica-romana dos dominicanos e é a instituição académica mais antiga na Terra Santa. Em 1884, foi dado início ao convento e, em 1890, surgiu a escola, reconhecida em 1920 pela *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres* de Paris.²⁵⁰ A primeira geração de investigadores (1890 - 1940) realizou vastos trabalhos sobre a Bíblia, a Palestina, o Egito e o Médio Oriente Antigo.²⁵¹ A partir de 1930, a equipa inicial começou a preparar a segunda geração (1940 - 1990). Dos muitos trabalhos realizados durante esta época, menciono os trabalhos de Roland de Vaux (1903-1971) conhecido, sobretudo, pelos seus estudos bíblicos e arqueológicos²⁵² e a *Bible de Jérusalem*, publicada em 1956. As introduções e notas exegéticas desta Bíblia de estudo, foram traduzi-

²⁴⁶ Em alemão existe uma página na Internet com apoios pedagógicos, vide <http://www.das-geheimnis-des-tells.de>, [consult. 1 de junho de 2013].

²⁴⁷ Vide também a página educativa na internet: <http://www.abenteuer-jerusalem.de>, [consult. 1 de junho de 2013].

²⁴⁸ O *Bibeldorf* pertence à Igreja Evangélica de Rietberg, vide <http://www.bibeldorf.de>, [consult. 1 de junho de 2013].

²⁴⁹ Vide <http://www.ebaf.edu>, [consult. 1 de junho de 2013].

²⁵⁰ Vide http://www.ebaf.edu/?page_id=2455&lang=fr, [consult. 1 de junho de 2013].

²⁵¹ Vide http://www.ebaf.edu/?page_id=2459&lang=fr, [consult. 1 de junho de 2013].

²⁵² Os trabalhos realizados em Qumrân devem ser os mais conhecidos.

das para muitas línguas modernas e a Bíblia de Jerusalém continua ser a obra de referência desta casa.²⁵³ A Escola Bíblica e Arqueológica de Jerusalém oferece atualmente, em francês, o doutoramento em estudos bíblicos canônicos para estudantes titulares de licenciaturas canônicas em teologia²⁵⁴ e um programa anual de cursos e seminários nas seguintes áreas:²⁵⁵

Bíblia (Antigo e Novo Testamento);
Estudos sobre Qumrân (arqueologia, paleografia e literatura);
Línguas (grego e hebraico bíblico avançado, acadiano, aramaicougarítico, siríaco);
Hermenêutica (histórica, linguística, filosófica, teológica);
Arqueologia (cursos, visitas, trabalhos práticos) e
Topografia histórica do Levante Sul.

O estudo dos lugares tem uma longa tradição nesta escola. O curso de topografia histórica do Levante Sul oferece aos estudantes - através de visitas e viagens de estudo de mais de 200 horas por ano letivo - a oportunidade de vivenciar a geografia, a arqueologia e a história da região de Israel, Palestina e Jordânia.²⁵⁶

Fui recebido pelo português Frei Francolino Gonçalves que está na escola bíblica de Jerusalém há 44 anos. Possui dois doutoramentos, um em Filologia e História Oriental e outro em História Antiga pelo Instituto Oriental da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa²⁵⁷. A primeira parte da visita foi à enorme Biblioteca da escola bíblica,²⁵⁸ com cerca de 150 000 volumes e 400 edições de revistas científicas. No primeiro piso da cave da biblioteca, destacam-se as seções do Orientalismo e da Cultura Clássica e no segundo piso, a Literatura Bíblica: Antigo Testamento, Novo Testamento, Mundo Judaico, Arqueologia e Qumrân. De entre as muitíssimas contribuições científicas para os estudos bíblicos dados por esta escola, menciono apenas as coleções de *Études bibliques*, *Revue Biblique* e os *Cahiers de la Revue biblique* e, sobretudo, a já mencionada *Bible de Jérusalem*. A escola e o convento, com o seu jardim, são um verdadeiro oásis na Jerusalém oriental. No sossego do espaço verde, encontra-se o *atelier* arqueológico, no qual o arqueólogo Jean-Baptiste Humbert se dedica ao trabalho de restauro e de interpretação dos achados.²⁵⁹ Neste sítio, foram realizados muitíssimos trabalhos de restauro e interpretação dos achados. É de lembrar o imenso trabalho arqueológico ligado às descobertas de Qumrân que foi realizado por esta escola bíblica e arqueológica.

²⁵³ Vide http://www.ebaf.edu/?page_id=2457&lang=fr, [consult. 1 de junho de 2013].

²⁵⁴ Atribuídas por algumas poucas instituições teológicas da igreja católica romana.

²⁵⁵ Vide http://www.ebaf.edu/?page_id=3324&lang=fr, [consult. 2 de junho de 2013], (traduzido pelo autor).

²⁵⁶ Em francês *Topographie de Jérusalem et du Levant meridional*, vide http://www.ebaf.edu/?page_id=1205&lang=fr, e <http://topographie.ebaf.info>, [consult. 2 de junho de 2013].

²⁵⁷

²⁵⁸ Vide também o documentário *La bibliothèque de l'Ecole biblique et le projet "Bible en ses traditions"*, em <http://vimeo.com/43875024>, [consult. 2 de junho de 2013].

²⁵⁹ Vide também o documentário *L'archéologie à l'Ecole biblique*, em <http://vimeo.com/43875022>, [consult. 2 de junho de 2013].

No jardim, no seguimento da numa longa conversa com Frei Francolino Gonçalves, falámos sobre a importância do mundo bíblico tendo o mesmo declarado que era impossível compreender os textos bíblicos sem conhecer o seu contexto e, de igual modo, era indispensável entender o quando, o onde e o porquê do texto. Comentámos ainda a situação do mundo bíblico em Portugal, tendo o dominicano português mencionado que todos os grandes orientistas lusitanos da primeira geração foram formados pela Escola Bíblica de Jerusalém. Passo a mencionar alguns graduados portugueses que realizaram estudos em Jerusalém: em 1958, Augusto António Tavares - Instituto Oriental da Universidade Nova de Lisboa; em 1963, Manuel Augusto Rodrigues - Universidade de Coimbra e em 1964, José Nunes Carreira - Instituto Oriental da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.²⁶⁰ Salientou ainda o Frei lusitano, radicado na Terra Santa, que com o 25 de Abril e a democratização do meio universitário português que foi possível a criação dos estudos orientais e bíblicos nas universidades públicas. Questionado sobre a situação atual, o orientalista afirmou que em Portugal havia menos interesse pelo estudo da Bíblia e do seu contexto, quer na sociedade geral, quer na formação dos teólogos. Alertou ainda para o risco de Portugal perder o rico património dos estudos universitários orientais e bíblicos. Não obstante, Frei Francolino concluiu que era essencial investir na educação bíblica dos mais novos, nas escolas e despertar o interesse dos pais e demais adultos. Como exemplo prático, o biblista português mencionou a IV Semana Bíblica de Barcelos que aquela paróquia realizou em Março de 2013. Ele mesmo deu a primeira das três palestras, das conferências no auditório do município, cujos temas, nas noites seguintes, eram debatidas num café.²⁶¹ Era mesmo preciso trazer a Bíblia para a rua e debatê-la no meio da sociedade secular, afirmou vivamente o perito do mundo bíblico, Frei Francolino Gonçalves.

4.3 *Israel College of the Bible*

A visita seguinte foi ao *Israel College of the Bible*²⁶² em Netanya, localidade que se encontra entre Tel Aviv e Haifa, na costa do Mar Mediterrâneo. Esta escola tem como lema *Study the word of God in the Land of the Bible* e oferece estudos em hebraico moderno, ao

²⁶⁰ Conforme a afirmação de Frei Francolino Gonçalves e a lista da própria escola, vide http://www.ebaf.info/wp-content/uploads/2011/02/titulaires_diplomes.pdf, [consult. 3 de junho de 2013].

²⁶¹ Vide o programa da IV Semana Bíblica de Barcelos em <http://paroquiadebarcelos.org/index.php?zona=ntc&tema=1&id=53>, e <http://agenda.barcelos.pt/eventos/iv-semana-biblica-em-barcelos>, [consult. 3 de junho de 2013].

²⁶² Vide <http://www.israelcollege.com>, [consult. 4 de junho de 2013].

nível de licenciatura e de mestrado, acreditados pela *European Evangelical Accrediting Association*.²⁶³ Os membros docentes da faculdade afirmam-se todos judeus messiânicos²⁶⁴; cerca de 80% dos estudantes são oriundos de congregações messiânicas e os restantes são israelianos árabes, de confissão cristã evangélica.

Pude fazer a entrevista com o Dr. Seth Postell que afirmou que era um privilégio estudar na terra de Israel, conhecer os lugares onde ocorreram os acontecimentos narrados na Bíblia e ir aos lugares e ali ler os respetivos textos bíblicos. Porém, ele advertiu - afirmando que esta era a sua opinião pessoal - que o contexto não podia ser a chave da interpretação, ou seja o mundo bíblico não podia explicar algo que o texto não dizia, porque a palavra de Deus em si era autossuficiente. Afirmou que ele próprio veio do meio judeu conservador e que, ao longo dos séculos, a Sagrada Escritura foi lida e interpretada, sem todo o contexto que hoje é enfatizado. Na sua opinião, esta posição da primazia das Escrituras Sagradas, tanto é afirmada pelos judeus conservadores - no caso da Bíblia hebraica -, como pelos judeus messiânicos - em relação ao Antigo e Novo Testamento.

Questionado sobre como o *College* estava a incluir o ensino sobre o mundo bíblico no currículo e o que sugeria para as escolas bíblicas fora de Israel, Postell indicou novas tecnologias, como *software* com atlas bíblicos²⁶⁵, ferramentas do *googlemaps* e apoios de multimédia, como filmes. Salientou ainda, a importância da Bíblia como literatura e as publicações recentes nesta área. A biblioteca da instituição tem cerca de 10 000 livros e na curta visita efetuada, vi sobretudo generalidades sobre a Bíblia e notei uma secção maior sobre literatura judaica. Esta escola bíblica oferece um curso de um ano, em inglês, para estudantes estrangeiros, no qual é enfatizado:²⁶⁶

- Estudar as Escrituras na circunstância original;
- Saber mais sobre as raízes judaicas do Novo Testamento e do cristianismo;
- Aprender com professores experientes e qualificados em estudos messiânicos e bíblicos e
- Participar em congregações messiânicas locais.

A instituição teológica investe em novas tecnologias e tem um estúdio de produção de multimédia, no qual são filmadas aulas para o ensino via Internet. Durante o curto período de tempo que estive no *Israel College of the Bible*, não me foi possível aprofundar mais questões

²⁶³ Vide <http://eeaa.eu>, [consult. 4 de junho de 2013].

²⁶⁴ Os membros de congregações messiânicas afirmam-se judeus que acreditam em *Yeshua* o Messias - em grego Jesus o Cristo -, ou seja têm como Escritura o Antigo e Novo Testamento, porém não se chamam cristãos, mas sim judeus messiânicos. Teologicamente estão perto das igrejas evangélicas conservadoras. Em Israel são uma minoria que está a ter problemas com alguns judeus ortodoxos que os rejeitam violentamente.

²⁶⁵ Por exemplo <http://www.accordancebible.com>, [consult. 4 de junho de 2013].

²⁶⁶ Vide http://www.israelcollege.com/images/pdf/yiip_en_2012.pdf, [consult. 4 de junho de 2013], (traduzido pelo autor).

acerca do mundo bíblico e, conseqüentemente, questões acerca da geografia e arqueologia ficaram em aberto. Também não sei se existe articulação com outras instituições acadêmicas em Israel.

4.4 *Nazareth Village*

A próxima etapa foi na Galileia, no museu ao ar livre, *Nazareth Village*²⁶⁷. Na parte oriental da cidade de Nazaré, realizaram-se escavações arqueológicas num terreno rural e ali foram encontrados terraços agrícolas, cerâmica, um lagar de vinho, pedreiras, torres de vigia e sistemas de irrigação, que datam do período helenístico romano do século II a. C. até ao século I d. C.. Estes achados, primeiramente, foram cientificamente estudados e restaurados. Num segunda fase, foi reconstruída uma aldeia típica da época de Jesus, com casas, lagar de azeite e uma sinagoga.²⁶⁸ Aos visitantes do museu são oferecidas visitas guiadas onde se encontram pessoas vestidas com roupa da época e que mostram a vida rural no primeiro século da era cristã. Das cenas representadas, menciono os terraços de produção agrícolas, a vindima e o lagar de vinho, o pastor com as ovelhas e cabras e outras atividades, conforme o período do ano agrícola. Nas casas rurais, encontra-se o lagar de azeite, a oficina do carpinteiro, a tecelagem e uma réplica de uma sinagoga do primeiro século, idêntica à original encontrada em Massada. Durante a visita, textos da Bíblia, tanto do Antigo como do Novo Testamentos, são explicados à luz dos exemplos práticos da vida diária dos tempos bíblicos.

Amer Nicola, guia e um dos gerentes responsáveis pelo *Nazareth Village*, respondeu às perguntas: 1) Qual era a importância do Mundo Bíblico nas atividades do museu? 2) Quais eram as atividades que estavam a realizar para poder ensinar acerca do mundo bíblico? 3) Que sugestões dava a quem não tem o privilégio de viver na Terra Santa? Quanto à primeira pergunta, o gerente do programa afirmou que o entendimento da vida diária do primeiro século ajuda a focar melhor o ensino de Jesus, sobretudo as suas parábolas. Relativamente à segunda questão, explicou que a visita guiada ao *Nazareth Village* - com o ensino concreto sobre o pastor e as ovelhas, a vida agrícola, as colheitas, as uvas, as oliveiras, os lagares, a explicação acerca da produção do azeite, o fabrico de roupa, a carpintaria, as casas do primeiro século e a vida na sinagoga -, traz vida aos textos da Bíblia e em especial às parábolas de Jesus. Em resposta à terceira questão, Amer Nicola aconselhou a leitura de livros sobre a vida social, eco-

²⁶⁷ Vide <http://www.nazarethvillage.com>, [consult. 5 de junho de 2013].

²⁶⁸ Vide <http://nazarethvillage.com/research/content/archaeology>, [consult. 1 de junho de 2013].

nômica e política da época em questão, para um melhor entendimento do contexto, bem como visitar a página de internet do *Nazareth Village*, na qual se encontra muita informação em textos e vídeos.

Na loja do *Nazareth Village*, consultei literatura informativa sobre o contexto bíblico, alguma mesmo em português. Uma colaboradora desta aldeia publicou um livro com o título ‘A vida diária no tempo de Jesus’²⁶⁹, no qual se encontram muitos temas ilustrados acerca do ambiente social, político e religioso da terra de Israel, na época do Novo Testamento. Um filme em DVD, com a opção para ver em português, mostra através de filmagens realizadas no *Nazareth Village* e em outros sítios na Terra Santa, bastantes aspetos da vida no primeiro século da era cristã.²⁷⁰

4.5 *Israel Bible Society*

De novo em Jerusalém, estive na *Israel Bible Society*²⁷¹, que faz parte da *United Bible Societies*. Das muitas atividades da Sociedade Bíblica de Israel, destacam-se:²⁷²

- A tradução do Novo Testamento em hebraico moderno;
- A publicação e distribuição:
 - Da Bíblia completa na língua hebraica, ou seja do Velho e do Novo Testamentos;
 - De Bíblias em duas línguas, para que imigrantes possam ler na sua língua materna e ao lado em hebraico (até agora em Inglês e Russo);
 - De porções da Bíblia em hebraico, por exemplo, os Evangelhos, Salmos, etc.;
 - De Bíblias em diversos idiomas para os trabalhadores estrangeiros, refugiados e novos imigrantes;
- A produção de áudio do Novo Testamento em hebraico;
- A promoção da leitura e do estudo da Bíblia através da publicação e distribuição, por exemplo de histórias da Bíblia para crianças;
 - De Bíblias anotadas e Bíblias com referências cruzadas;

²⁶⁹ Vide Miriam Feinberg Vamos, *A vida diária no tempo de Jesus*, Braga, Editorial Franciscana, 2003.

²⁷⁰ Vide DVD *Daily Life in the Time of Jesus*, Or-Yehuda Doko Media, 1996.

²⁷¹ Vide <http://www.biblesocietyinIsrael.com>, [consult. 5 de Junho de 2013].

²⁷² Vide http://www.biblesocietyinIsrael.com/index.php?option=com_content&view=article&id=19&Itemid=16&lang=en, [consult. 5 de Junho de 2013], (traduzido pelo autor).

- A distribuição de edições académicas da Bíblia, nas línguas originais e traduções antigas (Septuaginta, Vulgata, *Peshitta*, etc.) e de outras ajudas para os estudiosos das Escrituras;
- Um museu de admissão livre, no anexo da loja de Jerusalém, que documenta a História da Bíblia e das línguas bíblicas e
- Apoio humanitário a pessoas necessitadas, assim como a distribuição de alimentos a refugiados e migrantes, etc..

Na livraria encontra-se muita literatura bíblica à venda e notei as seguintes secções: literatura sobre o Antigo Testamento e o Novo Testamento, comentários, livros sobre o pano de fundo dos livros bíblicos, Apócrifos e Pseudoepigráficos, História Antiga em geral, História da Grécia Antiga, História da Roma Antiga, História de Israel e Qumrã.

O diretor da *Israel Bible Society*, Victor Kalisher, respondeu às perguntas feitas durante a entrevista, (perguntas iguais às que fiz no *Nazareth Village*) começando por afirmar que no trabalho da Sociedade Bíblica de Israel, a história e cultura bíblica assumiam um papel muito forte em várias áreas - eram essenciais tanto a geografia, ou seja a terra e o lugar onde a Bíblia veio a existir, como a cultura - a maneira de pensar bem como a história do Velho e do Novo Testamento. À pergunta sobre que atividades desenvolviam para enfatizar o mundo bíblico, respondeu que, tratando-se de uma editora das Sagradas Escrituras, estavam a enfatizar o contexto judaico da Bíblia e produziam recursos que ligavam a mensagem do Velho Testamento - sobretudo as profecias - ao Novo Testamento, para tornar a mensagem do Novo Testamento relevante para os judeus. Explicou que a produção de folhetos sobre lugares bíblicos em Israel tinha o alvo de ligar o texto com os lugares e de despertar o interesse da população de Israel pela Bíblia e o seu mundo. A exposição no museu, sobre o tema 'como a Bíblia chegou até nós' e como ela foi preservada, era outra ferramenta para mostrar o contexto do texto. À pergunta sobre que sugestões teria para quem não vivia em Israel, sugeriu a colaboração com a própria instituição, por exemplo, na realização de uma viagem a Israel.

Na posterior visita ao pequeno museu, apreciei os cartazes que informam em hebraico e em inglês acerca do desenvolvimento das línguas bíblicas, a transmissão dos textos bíblicos, o fabrico dos papiros, o pergaminho, o cânon, o códex, a imprensa de Gutenberg e as traduções. Em vitrinas, encontram-se expostas, através de réplicas, peças de diferentes manuscritos e livros bíblicos antigos, bem como cerâmica de Qumrã. Há uma parte com edições antigas de traduções da Bíblia e uma réplica da imprensa de Gutenberg. A *Israel Bible Society* produziu um filme em DVD que mostra, através de filmagens realizadas em sítios históricos, a his-

tória da escrita e da Bíblia ao longo dos milénios.²⁷³ Recebi exemplares dos folhetos sobre lugares bíblicos e pude estudá-los melhor. Estes panfletos ilustrados com fotografias dos locais, citam textos bíblicos e dão explicações sobre o contexto. Os exemplares até agora produzidos são: *Ketef Hinnom*, lugar associado à bênção de Aarão;²⁷⁴ *Quiriat-Iarim* onde Israel recuperou a arca da aliança que estava na posse dos filisteus;²⁷⁵ Nazaré, onde Jesus desenvolveu grande parte do seu ministério; *Emaús-Nicopolis*, para onde na altura da crucificação de Jesus, dois discípulos caminhavam²⁷⁶ e Jafa, onde o judeu Pedro foi ‘forçado’ a começar a lidar com não judeus.²⁷⁷

4.6 *Jerusalem University College*

A visita seguinte foi ao *Jerusalem University College*, também conhecido como o *American Institute of Holy Land Studies*. Trata-se dum centro de estudos que abrange 85 instituições americanas de ensino superior teológico evangélico.²⁷⁸ O *College* oferece cursos superiores de longa duração e cursos de algumas semanas. Os últimos são sobre a história e geografia das terras bíblicas e sobre Jesus e o seu tempo. O Dr. Paul Wright é o diretor do instituto americano e respondeu às seguintes perguntas: 1) Que papel assume o mundo bíblico no vosso ensino e porquê? 2) Que atividades estão a desenvolver para poder ensinar sobre o mundo bíblico? Na resposta à primeira pergunta, argumentou que a razão pela qual esta escola se encontra em Jerusalém tinha diretamente a ver com esta questão, pois estudar as línguas bíblicas e a teologia estava ligado ao estudo da história, geografia e cultura. Para os autores da Bíblia, as circunstâncias em que viveram, estavam muitas vezes implícitas no texto e, consequentemente, o contexto fazia parte da sua mensagem. Wright achou que não era fácil chegar ‘lá’, mas estava convencido de que ainda era possível encontrar indícios no terreno. Em relação à segunda questão, o diretor da instituição explicou que a tarefa dos cursos de campo era visitar sítios arqueológicos, culturais e geográficos, para poder estudar os sinais topográficos e arqueológicos. Os estudantes, já antes do começo dos cursos, tinham de trabalhar nos seus próprios mapas geográficos e indicar os sítios e trajetos, conforme os textos bíblicos. À pergunta sobre que sugestões teria para escolas bíblicas em outros países, Wright recomendou os

²⁷³ Vide DVD *How We Got the Word of God*, Jerusalem, The Bible Society in Israel, 2001.

²⁷⁴ Vide Números 6, 22-27.

²⁷⁵ Vide 1 Samuel 6.

²⁷⁶ Vide Lucas 24.

²⁷⁷ Vide Atos 10.

²⁷⁸ Vide <http://www.juc.edu/index.html>, [consult. 5 de Junho de 2013].

recursos existentes de mapas geográficos,²⁷⁹ afirmando que a Bíblia tinha que ser estudada no seu contexto político e social e salientando ainda a variedade das culturas inerentes aos textos bíblicos.

4.7 Museu arqueológico do *Studium Biblicum Franciscanum*

Na cidade antiga de Jerusalém encontra-se o **Museu arqueológico do *Studium Biblicum Franciscanum***,²⁸⁰ que pertence à Custódia da Terra Santa, da ordem católica-romana dos franciscanos. Nesta casa, estão expostos os achados das escavações arqueológicas realizadas pelos franciscanos de Nazaré, Cafarnaum, Jardim de Getsémani, Monte das Oliveiras, Herodium, Monte Nebo, Galileia, Judeia e coleções de cerâmica, da Mesopotâmia, do Egito e de outras épocas mais recentes. O centro de estudos dos Franciscanos publicou várias edições científicas sobre os trabalhos arqueológicos realizadas na Terra Santa.

Na visita ao museu,²⁸¹ pude entrevistar Frei Eugenio Alliata, professor de arqueologia Cristã e diretor do museu. O mesmo informou-me que no *Studium Biblicum Franciscanum* se encontra a faculdade de ciências bíblicas e arqueologia da Pontifícia Universidade Antonianum de Roma, na qual se pode estudar, ao nível pontifício, o mestrado e o doutoramento em ciências bíblico-orientais e arqueologia. O ensino ministrado nesta instituição é no idioma italiano. Além das disciplinas de línguas bíblicas e orientais, de exegese e hermenêutica e teologia bíblica, as disciplinas sobre o mundo bíblico - história e geografia bíblica, topografia de Jerusalém, arqueologia bíblica e paleocristã -, assumem um papel importante, pois sem o contexto não se pode estudar o texto, afirma o referido professor e arqueólogo. As visitas de estudo e excursões científicas são uma parte importante do programa de estudos desta escola. Os estudantes têm meio-dia por semana de estudo de topografia de Jerusalém, de duas em duas ou de três semanas têm um dia de excursão pela Terra Santa e, uma semana por ano, pelo Médio Oriente - Jordânia, Egito, Grécia e Turquia; existe ainda a possibilidade de participar em escavações arqueológicas. Frei Eugenio sublinhou que ir ao terreno seria mesmo uma chave do ensino nos estudos desta faculdade de ciências bíblicas e arqueológicas. Mencionou igualmente que a Faculdade de Ciências Bíblicas e Arqueologia de Jerusalém coopera com faculdades de teologia de língua italiana, na Itália e na Suíça. João Duarte Lourenço,

²⁷⁹ Vide <http://www.biblicalbackgrounds.com>, [consult. 5 de Junho de 2013].

²⁸⁰ Vide <http://www.sbf.custodia.org>, [consult. 5 de Junho de 2013].

²⁸¹ Vide <http://www.sbf.custodia.org/default.asp?id=468>, [consult. 5 de Junho de 2013].

atual diretor da Faculdade de Teologia da Universidade Católica de Lisboa, doutorou-se nesta faculdade em 1985²⁸² e foi colega de Eugenio Alliata. No *Studium Biblicum Franciscanum*, além dos estudos superiores, são oferecidos outros cursos bíblicos e formação para animadores de peregrinações à Terra Santa e, no verão, são oferecidos cursos científicos de hebraico bíblico e de arqueologia e geografia.²⁸³

4.8 Outras representações do Mundo Bíblico

A **ordem dos beneditinos** alemães, na Terra Santa, encontra-se em Jerusalém e em Tabga, na Galileia. Na cidade antiga de Jerusalém, na abadia *Dormitio*, são oferecidos estudos teológicos ecumênicos em alemão. Estes estudos estão abertos a estudantes universitários de teologia evangélica e católica dos países de língua alemã.²⁸⁴ Nestes programas de estudo, com duração de dois semestres, as visitas de estudo pela Terra Santa assumem um papel importante.²⁸⁵ No passado, o beneditino Bargil Pixner realizou escavações arqueológicas, porém atualmente esta ordem já não se dedica à arqueologia. No entanto ainda estão à venda dois livros de Pixner sobre o contexto histórico e cultural da Galileia e de Jerusalém na época de Jesus.

O *Caspari Center for Biblical and Jewish Studies*, em Jerusalém, está ligado às igrejas evangélicas luteranas da Escandinávia.²⁸⁶ Este centro oferece, entre outras atividades, estudos e pesquisas para instituições teológicas e indivíduos, bem como visitas guiadas pela Terra Santa. A especialização dos estudos do *Caspari Center* reside na pesquisa sobre as raízes judaicas do cristianismo e na história dos judeu-cristãos e dos judeus messiânicos.²⁸⁷ Tive oportunidade de conversar com responsáveis num *stand* de um evento, porém não me foi possível visitar o centro. Em comparação com as outras escolas visitadas, a oferta de estudos e visitas ao campo do *Caspari Center*, parece ser mais flexível.

O **Jardim Bíblico de Yad Hasmona**²⁸⁸ faz parte de uma instituição de turismo religioso e encontra-se a cerca de 17 km de Jerusalém, em direção à Tel Aviv, nas montanhas da Judeia. O jardim encontra-se em terraços de produção agrícola, e com a orientação da *Israeli*

²⁸² Vide João Duarte Lourenço, *O Mundo Judaico em que Jesus viveu. Cultura judaica do Novo Testamento*, Lisboa, Universidade Católica Editora, 2005, p. 2.

²⁸³ Vide <http://www.corsiagerusalemme.org/index.html>, [consult. 5 de junho de 2013].

²⁸⁴ Vide <http://www.studienjahr.de>, [consult. 5 de junho de 2013].

²⁸⁵ Vide <http://www.dormitio.net/engagement/studienjahr/bibelstudium/index.html>, [consult. 5 de junho de 2013].

²⁸⁶ Vide <http://caspari.com>, [consult. 5 de junho de 2013].

²⁸⁷ Vide http://caspari.com/new/images/stories/PDF/study_in_context.pdf, [consult. 5 de junho de 2013].

²⁸⁸ Vide http://www.yad8.com/bv_Info.php, [consult. 6 de junho de 2013].

Antiquities Authority foram recriados um lagar de vinho e um lagar de azeite, uma eira, um banho ritual, um túmulo e uma sinagoga, entre outros testemunhos dos tempos bíblicos. A reconstrução foi liderada por Yeshu Dray, especialista no restauro de tecnologias antigas.²⁸⁹ Tive oportunidade de participar numa visita guiada por um antigo responsável de *Yad Hasmona*. Este jardim bíblico oferece uma visita contextualizada ao mundo bíblico, nos arredores de Jerusalém.²⁹⁰

Seguidamente, passo a mencionar mais alguns lugares que ofereceriam uma visão sobre o mundo bíblico, e que não tive tempo de visitar:

A *University of the Holy Land*, em Jerusalém, oferece cursos académicos de longa e curta duração em inglês, afirma que *The Land of the Bible is our Classroom* e tem cooperação com a *École Biblique et Archéologique Française de Jérusalem* e a *Hebrew University of Jerusalem*.²⁹¹ Os projetos de investigação arqueológicos que esta instituição realiza são sobre os Rolos do Mar Morto, as escavações e pesquisas do *Nazareth Village* e questões sobre o controverso *Talpiot Tomb*.²⁹²

O *Neot Kedumim, the Biblical Landscape Reserve in Israel*²⁹³ é um terreno agrícola no qual foi recriado o ambiente dos tempos bíblicos e onde são oferecidas atividades pedagógicas.²⁹⁴

Museus e sítios arqueológicos que representam o mundo bíblico em Israel, são abordados na parte III ‘Mundo Bíblico, que fazer com esta memória?’

Conclusões parciais

Obviamente, as representações da história, cultura e geografia bíblicas são evidentes na Terra Santa. Nas entrevistas, notou-se que as comunidades religiosas que atribuem mais autoridade ao texto bíblico parecem ter menos necessidade em conhecer o seu contexto, fenómeno apurado tanto em Portugal, como em Israel. Verificou-se igualmente a tendência de alguns organismos eclesiais em olhar para a Bíblia e a sua interpretação como algo interno e até restrito. Não obstante, há entidades católicas e evangélicas que encaram o mundo

²⁸⁹ Vide <http://www.yeshuat.com>, [consult. 6 de junho de 2013].

²⁹⁰ Vide também http://www.israelalive.co.il/jardim_biblico.html, [consult. 21 de junho de 2013].

²⁹¹ Vide <http://www.uhl.ac/en/academics/programs-of-study>, [consult. 5 de junho de 2013].

²⁹² Vide <http://www.uhl.ac/en/projects>, [consult. 5 de junho de 2013].

²⁹³ Vide <http://www.neot-kedumim.org.il>, [consult. 5 de junho de 2013].

²⁹⁴ Vide <http://www.neot-kedumim.org.il>, [consult. 5 de junho de 2013].

bíblico como algo ao nível da cultura comum, isto é, como um património que merce ser compartilhado com um público em geral.

É imprescindível enfatizar que o contexto explica o texto e o contexto está intimamente ligado ao espaço geográfico da Palestina. Evidentemente, a geografia, a arqueologia e a cultura bíblica estão ainda presentes na Terra Santa, porém é necessário algum esforço para poder ter contato direto com os contextos bíblicos. Em muitos países, instituições bíblico-teológicas reconheceram esta necessidade e encontraram formas para possibilitar o contato direto com a terra de Israel, proporcionando formação no terreno *in loco*. Também portugueses estudaram e investigaram na Terra Santa. Sobretudo o ensino universitário beneficiou deste investimento pessoal, porém multiplicador. Uma articulação dos estudos do mundo bíblico com os lugares bíblicos é precisa. Da mesma forma é pertinente investir em multiplicadores e é necessário que se encontrem formas exequíveis. No presente trabalho, atestou-se menos interesse nas novas gerações em adquirir conhecimento do mundo da Bíblia. Assim sendo, é importante lembrar o apelo de Frei Francolino Gonçalves, pois é essencial investir nas crianças e jovens, ir às escolas e lugares públicos e trazer o tema do mundo bíblico ao debate. Igualmente, é substancial encontrar meios pedagógicos e didáticos, através dos quais a história, geografia e cultura do mundo bíblico possam ser ensinadas. No entanto, é importante notar que, afinal, não é necessário ‘inventar a roda’, pois existe material de apoio sobre o mundo bíblico em português, literatura e filmes, e é necessário valorizar e, sobretudo, utilizar estes recursos valiosos. Evidentemente será de igual modo proveitoso produzir algum material didático novo, sobretudo onde houver lacunas a preencher.

Por fim, quero salientar que o mundo da Bíblia é uma memória a ser lembrada, pois a recordação ativa faz parte da natureza deste património. O apelo ‘lembra-te’ é substancial para que igualmente seja lembrada na próxima geração. Portanto, é necessário criar formas mnemotécnicas apropriadas ao século XXI. Consequentemente, na terceira parte do presente trabalho de projeto, são delineadas intervenções concretas para melhorar o conhecimento e a compreensão do mundo bíblico, primeiro em comunidades educativas, depois na formação de multiplicadores e terceiro num curso livre para pessoas interessadas, ou seja, para a sociedade em geral.

III - Mundo Bíblico, que fazer com esta memória?

No ano de 2003, o Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa organizou um colóquio, intitulado ‘Antiguidade Clássica: que fazer com este património?’, no qual foi abordado o problema da continuidade, da transmissão e da receção dos valores da antiguidade clássica.²⁹⁵ Inspirado por esta temática, decidi atribuir ao terceiro capítulo do presente trabalho de projeto o título ‘Mundo Bíblico, que fazer com esta memória?’, uma vez que considero ser este o desafio das disciplinas que lidam com o passado, sobretudo a filologia, a história e também os estudos bíblicos. A discussão não é somente pragmática, uma vez que, à luz da questão da memória, o assunto também tem a ver com a problemática de como podemos impedir o esquecimento.

Lembramos que no atual estudo abordaram-se a problemática da memória no contexto do mundo bíblico; depois, estudaram-se as representações atuais desta memória e agora são elaboradas propostas concretas que visam dar resposta à interrogação levantada ‘que fazer com esta lembrança?’.

A pergunta que se coloca é a seguinte: como pode a memória do mundo bíblico ser transmitida de forma resistente ao esquecimento? De facto, no atual mundo de mudanças rápidas e profundas, uma herança do passado enfrenta dificuldades acrescentadas para evitar entrar na esfera do passado já esquecido. A meta destas páginas é conceber uma mnemotécnica adaptada aos tempos e às gerações atuais. Frei Francolino Gonçalves estava perfeitamente certo na sua visão de urgência em trazer a Bíblia para o espaço público, investir nas gerações mais novas e, através do interesse delas, alcançar os pais e outros adultos. Vieweger mostrou um caminho educativo importante, ao produzir material didático que vai ao encontro dos jovens. É igualmente revelador o modo como o Instituto Alemão, em Jerusalém, mostra descobertas arqueológicas a um público geral não erudito. O *Studium Biblicum Franciscanum* e o *Jerusalem University College* compartilham uma metodologia fundamental ao apostar no ensino da geografia e topografia. Consequentemente, estão a articular o espaço com os acontecimentos históricos. O *Nazareth Village* aporta contribuições valiosas, ao reviver e envolver os visitantes nas questões da vida diária do tempo bíblico. E, para não mencionar mais exemplos de Israel, finalizo o percurso por esta região mencionando o esforço do museu da *Israel*

²⁹⁵ Vide em <http://www2.dlc.ua.pt/classicos/Not%C3%ADcias6.pdf>, [consult. 6 de agosto de 2013] e *Antiguidade Clássica: que fazer com este Património? Colóquio à memória de Victor Jabouille. 8-10 de maio de 2003*, Aires A. Nascimento (ed.), Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, 2004.

Bible Society que apresenta o itinerário da escrita e do texto bíblico na antiguidade, ao longo do tempo.

Evidentemente, existem barreiras e abismos entre quem se dedica à Bíblia e ao seu mundo e um público não religioso. Verificámos que os leitores da Bíblia, tanto católicos, como evangélicos, poucas vezes identificam como prioridade informar um público mais geral acerca da história, geografia e cultura bíblica. Na verdade, permanece fortemente enraizada a convicção de que a mensagem bíblica é um assunto exclusivo das comunidades eclesiais. No entanto, não foi sempre assim nos tempos primordiais, tanto bíblicos, como na história do cristianismo, pois frequentemente os esforços iniciais partiram de naturezas extrovertidas e mentalidades abertas para com os outros. Logo, é preciso não somente ultrapassar o abismo entre o ‘sagrado’ e o ‘profano’, ou seja entre a teologia e as ciências que lidam com o mundo antigo, mas também entre o mundo erudito e o público comum. É necessária uma abordagem interdisciplinar porque os diferentes saberes precisam uns dos outros. Assim sendo, é de recordar que a própria Bíblia oferece orientação concreta para a transmissão da memória. ‘Lembra-te!’ é um imperativo forte e o foco está nas gerações mais novas e futuras. A pedagogia inerente à mnemotécnica bíblica é prática, podíamos dizer experimental, no sentido de ser uma instrução que proporciona a ação concreta²⁹⁶. Por conseguinte, como podemos transmitir um mundo distante do nosso, em tempo, espaço e cultura?

É tarefa deste capítulo do presente Trabalho de Projeto, delinear intervenções para o ‘Sector Animação Bíblica e Cultural’ da Sociedade Bíblica de Portugal (SBP), com o objetivo de melhorar o conhecimento do mundo bíblico na sociedade. O documento estratégico da animação bíblica e cultural explica que²⁹⁷

Uma das características mais distintivas da atuação da Sociedade Bíblica tem sido a opção pelo espaço público, frequentemente não-religioso, onde se procura ir ao encontro das pessoas que deixaram de frequentar espaços e atividades de cariz religioso, ao mesmo tempo valorizando a Bíblia como património comum e de interesse geral.

É importante lembrar que a Sociedade Bíblica tem procurado, ao longo dos duzentos anos da sua atividade em Portugal, divulgar a Bíblia no seio da sociedade, tendo iniciado este esforço numa época em que a igreja católica romana ainda não tinha aprovado a divulgação da Bíblia na língua do povo²⁹⁸ e as igrejas evangélicas / protestantes nem sequer existiam.

²⁹⁶ Conforme o conceito inglês *learning by doing*.

²⁹⁷ Vide *Documento estratégico do Sector Animação Bíblica e Cultura da Sociedade Bíblica*, p. 2.

²⁹⁸ Vide sobre o começo da Sociedade Bíblica em Portugal http://www.sociedade-biblica.pt/canais_pagina.php?id_canais_new=2&id_canais_menu_new=2&id_canais_menu_sub_new=23, [consult. 7 de agosto de 2013].

Outra característica da Sociedade Bíblica é que ela “busca trabalhar em parceria, desenvolvendo os seus projetos e iniciativas em cooperação com outras entidades, dirigindo-se aos seus públicos.”²⁹⁹ A SBP declara querer trabalhar com igrejas, porém também procura colaborar com entidades não religiosas, como escolas e bibliotecas, entre outras.³⁰⁰ As linhas orientadoras principais do ‘Sector Animação Bíblica e Cultural’ são: o impacto - que deve ser visível, a formação - que visa construir ou reforçar pontes entre a Bíblia e a sociedade - e parcerias - que asseguram a sustentabilidade e continuidade da Animação Bíblica e Cultural.³⁰¹

Com base nestas orientações, são apresentadas três linhas orientadoras para o ‘Sector Animação Bíblica e Cultural’ da Sociedade Bíblica de Portugal. A primeira para as escolas, a segunda para multiplicadores ligados a comunidades cristãs e a terceira para um público geral.

Trata-se de uma abordagem interdisciplinar que visa uma compreensão profunda do mundo bíblico, do seu valor para o presente e o desenvolvimento da capacidade de articulação dos diferentes saberes. Pelo facto de serem esforços de valorização e dinamização da memória cultural, enquadram-se nos processos de educação pela cidadania.

1. Formação contínua de docentes com exposição e aulas

A atuação no meio escolar tem sido inerente ao presente trabalho, porém esta sugestão valiosa partiu de Juan Ambrósios, ao propor o investimento numa formação contínua acreditada de docentes. Para implementar a memória do mundo bíblico, de forma mais consistente, é necessário encontrar formatos mais oficiais. Por experiência própria, no meio dos professores de Educação Moral e Religiosa Evangélica, verifiquei que não basta apresentar mais uma oferta pedagógica de natureza opcional, porque é demasiado forte, por um lado, a tradição de fazer o que se sempre fez e, por outro lado, a inflação com novas abordagens, que, não obstante, não vão ao encontro da memória do mundo bíblico. A formação contínua dos professores é uma exigência legal, bem definida e implementada. Apesar disso não foi fácil obter informações concretas. A própria legislação revelou ser a fonte mais explícita nesta matéria. O ‘regime jurídico da formação contínua de professores’³⁰² define que todos os docentes têm de

²⁹⁹ Vide anexo, *Documento estratégico do Sector Animação Bíblica e Cultura da Sociedade Bíblica*, p. 2.

³⁰⁰ Vide *Ibid.*, p. 2.

³⁰¹ Vide *Ibid.*, pp. 3-4.

³⁰² Vide a legislação que define o ‘regime jurídico de formação contínua de professores’, disponível em <http://www.ccpfc.uminho.pt/Default.aspx?tabindex=1&tabid=18&pageid=49&lang=pt-PT>, [consult. 7 de agosto de 2013].

realizar uma ação de formação acreditada. A acreditação das ações de formação é realizada pelo ‘Conselho Científico-Pedagógico de Formação Contínua’ (CCPFC), em Braga.³⁰³ A realização das ações de formação é feita pelos centros de formação acreditados pelo CCPFC. Existem centros de formação de associação de escolas, de professores, universidades e outras entidades. Nas ações de formação há diferentes modalidades, no entanto o ‘curso de formação’ é a forma mais indicada para a realização de uma formação contínua acreditada. A proposta de uma formação contínua tem de ser dirigida diretamente ao CCPFC, em formulário próprio. O alvo da ação de formação proposta é também a interdisciplinaridade, pois como constatámos, os diferentes saberes que lidam com o mundo bíblico precisam do apoio e da inspiração mútua. Segue-se o conteúdo da proposta.

1.1 Ação de formação para professores

A designação da ação de formação³⁰⁴ é a seguinte: “O mundo bíblico em diálogo com outros saberes”. Este curso de formação contínua é dirigido aos docentes dos 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico, nomeadamente aos professores das seguintes disciplinas: Educação Moral e Religiosa, Católica e Evangélica (EMRC e EMRE), História, Geografia, Ciências de Natureza, Língua Portuguesa, Educação Visual e Artística e outros interessados. A justificação desta ação de formação assenta no pressuposto de que o mundo bíblico, ou seja, a história, a cultura e a geografia bíblicas fazem parte da história e cultura universal. Na verdade, estes temas são abordados nos programas escolares, nomeadamente nos programas de História, de EMRC e de EMRE. Porém, na investigação de competências nesta área do saber, foram detetadas lacunas na orientação teórica e prática. Verificaram-se, igualmente, nos alunos das disciplinas de Educação Moral e Religiosa, dificuldades na capacidade de articulação dos seus conhecimentos bíblicos com outras disciplinas, de modo particular com a Geografia. Os contextos dos textos dos livros bíblicos estão articulados com questões de História, de Geografia (locais e geopolíticas), de ambiente e da vida diária. Os próprios textos bíblicos, inseridos no Médio Oriente Antigo, são literatura e a sua escrita e transmissão constituem uma história fascinante.

³⁰³ Vide <http://www.ccpfc.uminho.pt>, [consult. 7 de agosto de 2013].

³⁰⁴ A proposta da ação de formação foi elaborada conforme o formulário da CCPFC, vide ‘An2-A - Apresentação de Ação de Formação nas modalidades de Curso, ...’ disponível em <https://sites.google.com/a/profsintra.org/aps/centro-formacao/seja-formador-na-aps>, [consult. 7 de agosto de 2013].

Na sociedade atual, como também no meio escolar, celebram-se festas cujas raízes cresceram nas fontes bíblicas - como o Natal e a Páscoa -, porém esta memória está cada vez mais distante das origens. Ainda assim, a história e a cultura europeia nasceram de duas fontes principais, a grega e a bíblica. Entretanto, a segunda foi delimitada à esfera religiosa, se bem que, originalmente, tenha surgido inserida nas questões da vida diária e tenha permanecido, ao longo da sua história, em diálogo com outros saberes. Perante a aparente dificuldade da articulação do fenómeno religioso com outras disciplinas, julga-se pertinente proporcionar um espaço no qual a comunidade educativa possa conhecer o mundo bíblico e dialogar com ele.

Os objetivos desta formação contínua de docentes são:

- a) Aprofundamento e atualização de conhecimentos sobre o mundo bíblico, nas vertentes teórica e prática;
- b) Aquisição e desenvolvimento de capacidades para lidar com textos bíblicos e sua articulação com outras disciplinas e
- c) Aperfeiçoamento das competências profissionais de integração da memória bíblica no contexto cultural da educação.

Conteúdos da Ação de Formação, conforme as disciplinas:

Conteúdo geral: Uma abordagem interdisciplinar do mundo bíblico.

Conteúdos por disciplinas:

- História
 - Identificar contributos bíblicos no surgimento das civilizações;
 - Saber localizar no tempo e no espaço acontecimentos narrados em textos bíblicos;
 - Saber articular contributos civilizacionais dos grandes rios e do Mediterrâneo oriental antigo com o mundo bíblico;
 - Articular narrativas bíblicas do Antigo Testamento com textos do Médio Oriente Antigo;
 - Conhecer o contexto greco-romano dos livros do Novo Testamento e
 - Compreender o desenvolvimento da escrita, suas aplicações e transmissões de textos bíblicos ao longo do tempo.
- Geografia
 - O Levante no mediterrâneo oriental - um estudo de caso, contrastes e semelhanças;
 - A terra da região sírio-palestinense: análises e representações;

- Meio natural do Levante e sua comparação com o meio natural de Portugal;
- Populações e povoamentos na antiguidade;
- Atividades económicas na antiguidade;
- Contrastes de desenvolvimento ao longo do tempo e
- Ambiente e sociedade nos tempos bíblicos.

Competências geográficas do mundo bíblico:

- A localização das regiões em estudo;
- O conhecimento dos lugares e regiões e
- O dinamismo das inter-relações entre os espaços.
 - Ciências da Natureza
 - Conhecer alguma fauna e flora do mundo bíblico e
 - Aprender sobre o ambiente e os ecossistemas do mundo bíblico.
 - Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC)
 - Aprofundar o conhecimento da cultura bíblica e adquirir novas competências na área do mundo bíblico, em especial na aptidão de poder articular estes domínios com outras disciplinas;
 - Saber reconhecer as implicações da mensagem bíblica nas práticas da vida escolar nas competências específicas de EMRC e
 - Conhecer o material didático e preparar a aula “A fruticultura no tempo de Jesus”, *vide* em baixo.
 - Educação Moral e Religiosa Evangélica
 - Aprofundar conhecimentos sobre os contextos dos textos bíblicos;
 - Saber contextualizar o mundo bíblico no ambiente escolar;
 - Aprender a articular e a dialogar com outros saberes e
 - Conhecer frutos de Israel, mencionados na Bíblia.
 - Línguas
 - Da interpretação à compreensão de textos bíblicos - os textos e seus contextos;
 - Saber identificar géneros literários nos textos bíblicos e
 - Conhecer textos bíblicos em articulação com o conhecimento linguístico e as experiências humanas.
 - Educação Visual e Tecnológica
 - Conhecer e experimentar ofícios antigos: fabrico de roupa por exemplo tecelagem, tingir lã;

- Trabalhar com madeira e cerâmica e
- Produção de alimentos: o processo do trigo até ao pão.

Metodologias de realização da Ação de Formação

a) Aula teórica do curso: ‘O mundo bíblico visto de hoje’ - 7 horas, num sábado.

1ª Parte - 2 horas: ‘O que entendemos quando falamos do mundo bíblico?’:

- Qual a importância dos contextos para a compreensão dos textos bíblicos?
- A articulação do mundo bíblico com a memória e a história e
- A geografia do mundo bíblico e o seu ambiente natural.

2ª Parte - 1 hora e 30 minutos - ‘Representações do mundo bíblico e sua receção em comunidades educativas atuais’:

- Apresentação da pesquisa realizada no âmbito do mestrado em história e
- Análise dos contextos dos formandos em grupos.

3ª Parte - 1 hora e 30 minutos - ‘Outras representações do mundo bíblico em Portugal e em Israel’:

- Apresentação da pesquisa realizada e amostra de exemplos e recursos e
- Exposição de material didático: Apoios para a planificação de duas aulas sobre o mundo bíblico e filmes.

4ª Parte - 2 horas - ‘O mundo bíblico na nossa escola’:

- Apresentação da exposição ‘O mundo bíblico em diálogo’ da Sociedade Bíblica (para ser realizada nas escolas num projeto interdisciplinar);
- Elaboração de um trabalho de grupo do anteprojecto sobre aulas e exposição: ‘O mundo bíblico em diálogo’ e
- Apresentação das propostas.

b) Prática - 14 horas - ‘O mundo bíblico em diálogo’ (do saber fazer no contexto escolar e o desafio do saber ser)

1) Duas aulas - 4 horas - no próprio contexto escolar, em parceria ou articulação com outras disciplinas, duas aulas sobre o mundo bíblico, ligadas à própria disciplina, ou em parceria com outra disciplina (planificação, realização e avaliação das aulas dadas). Pode-se requerer ao apoio do(s) formador(es).

2) Exposição ‘Uma expedição pelo mundo bíblico’ / ‘O mundo bíblico em diálogo’ - 10 horas - (planificação, realização e avaliação), esta parte conta com o apoio do(s) formador(es);

- é possível integrar ou articular as aulas do mundo bíblico com a exposição;
- ou elaborar e realizar outra atividade com os alunos ligada ao tema. Exemplo:

conferência com debate.

c) **Avaliação das atividades realizadas e elaboração de um relatório** - 4 horas.

Duas aulas sobre o mundo bíblico

Proposta de um filme didático sobre o mundo bíblico.

A Sociedade Bíblica extrai e traduz conteúdos do filme da *United Bible Societies* com o título *'Bible Lands as Classroom'*³⁰⁵ e produz um filme didático para ser utilizado em duas aulas.

A primeira parte tem a duração de 19 minutos e aborda a introdução à geografia das terras da Bíblia. Os conteúdos são mapas, estradas, o clima, a diversidade geográfica e a importância da água.

A segunda parte, com a duração de 27 minutos, trata dos seguintes aspetos:

- a) a escrita no mundo antigo, o desenvolvimento e os materiais usados (6 minutos);
- b) a helenização, da conquista cultural de Alexandre, o Grande, até aos romanos (7 minutos);
- c) os romanos, Herodes e Jerusalém (9 minutos) e
- d) Galileia, Nazaré e a vida diária do povo (5 minutos).

O conteúdo do filme em formato DVD pode ser utilizado nas aulas de Educação Moral e Religiosa, Católica e Evangélica, porém a primeira parte pode também ser utilizada numa aula de Geografia e a segunda parte numa aula de História. Serão ainda elaborados um guia para os docentes e fichas para os alunos.

Acerca de outros materiais de apoio para aulas e atividades sobre o mundo bíblico, *vide* apêndice II.

1.2 **Exposição móvel 'Uma expedição pelo Mundo Bíblico'**

O **objectivoda exposição**³⁰⁶ é encaminhar o público escolar para o mundo bíblico, ultrapassando as distâncias geográficas, históricas e culturais e envolver os visitantes nas atividades pedagógicas.

O **tema da exposição** é uma viagem até ao lado oriental do mar Mediterrâneo - *Mare Nostrum* -, visitando diferentes épocas que marcaram a nossa memória coletiva. Nesta excursão

³⁰⁵ Vide <http://www.thebibletranslator.org/index.php?q=content/bible-lands-classroom-8-dvd-series>, [consult. 8 de agosto de 2013].

³⁰⁶ A elaboração deste subcapítulo recebeu orientação das entrevistas sobre exposições realizadas, vide Barbara Alder e Barbara den Brok, "Porträts", *Die perfekte Ausstellung. Ein Praxisleitfaden zum Projektmanagement von Ausstellungen*, Bielefeld, transcript Verlag, 2012, pp. 91-186.

são pelas terras e tempos da Bíblia, iremos conhecer, em primeiro lugar, o exemplo de uma jovem estrangeira, Rute, que enfrentou uma crise tremenda e seguidamente marcou o futuro da nação que ela tinha escolhido; na segunda etapa, conheceremos algumas construções do grande rei Herodes, que dependia do Imperador César Augusto, e, logo a seguir, visitaremos pessoas mais humildes, numa zona rural. No final desta viagem, desvendar-se-á o segredo de como se pode saber acerca destes factos do passado.

A **exposição** móvel foca, no ‘primeiro espaço de experiência’, a localização do espaço geográfico da Palestina, através de um grande mapa do mar Mediterrâneo. O ‘segundo espaço de experiência’ incide sobre o contexto sociocultural do mundo do Antigo Testamento. Através do exemplo da narrativa do livro de Rute, será mostrada a responsabilidade do indivíduo na comunidade e questões de justiça social. No ‘terceiro espaço de experiência’, dedicado ao Novo Testamento, serão apresentadas tensões geopolíticas e culturais da helenização e romanização, tanto urbanas como da vida diária no mundo rural da Galileia e o ‘quinto espaço de experiência’ será um laboratório experimental das fontes da história - textos e achados arqueológicos. Um tema intrínseco à exposição será o encontro entre Ocidente e Oriente e o ambiente natural da Palestina.

O que vão os visitantes ‘levar para casa?’ Inspiração e um despertar do interesse pelo mundo bíblico. Ter experimentado o contato direto com textos da Bíblia e ter compreendido a importância dos contextos. Motivação para articular ensinamentos bíblicos com outras disciplinas. Lembrança de atividades educativas que propagam a memória do mundo bíblico. Interesse em voltar a ler textos da Bíblia, prestando agora mais atenção aos seus contextos. Os docentes levam para casa a experiência da articulação entre o mundo bíblico e outros saberes.

O **grupo alvo** são turmas do 2º e 3º Ciclo do Ensino Básico, professores, encarregados de educação e um público mais geral da comunidade envolvente. No entanto, a exposição e as atividades poderão ser adaptadas para o 1º Ciclo ou para o Ensino Secundário.

Atividades que estão a acompanhar a exposição: Pelo menos dois docentes da escola participam na ação de formação e estão envolvidos na preparação, promoção e realização da exposição. Duas, ou mais aulas das turmas envolvidas devem ser realizadas antes, durante ou depois da exposição. Durante a semana em que a exposição estiver na escola, as disciplinas e turmas envolvidas participam nas visitas guiadas e nas atividades. Na escola, podem ainda ser realizados demonstrações de filmes ligados ao tema, seminários, palestras, atividades como teatro, emissão de programa de rádio, etc.. No fim de semana seguinte, a exposição deverá ir para outro sítio da localidade - biblioteca municipal, auditório, etc.- e ali poderão ser

realizadas atividades com as igrejas e organizações, etc.. O alvo é envolver os pais, encarregados de educação, familiares, igrejas e outros interessados.

Durante a exposição, poderá haver venda de livros e filmes, e poderá realizar-se um concurso que motive a visita mais aprofundada da exposição.

A **duração da exposição:** Durante uma semana do ano letivo, fora do período de exames, avaliações e outras atividades dominantes da escola.

A **equipa que trabalhará na exposição:** Para o planeamento definitivo e implementação, a Sociedade Bíblica convocará uma equipa pluridisciplinar. A fase de execução da exposição será realizada em articulação com a ação de formação para docentes. A realização da exposição nas escolas será feita com os docentes envolvidos e outros voluntários.

A estimativa dos **custos da exposição** faz parte da preparação do projeto, com a elaboração de um orçamento de despesas e receitas.

Será igualmente tarefa da equipa que vai elaborar o **anteprojeto** definir o seu conteúdo detalhado. Assim sendo, a exposição terá como meta ser um espaço de comunicação e interação entre a memória do mundo bíblico e a sociedade atual. As estratégias e métodos das diferentes estações da exposição são orientados para a interatividade, a experiência com vários sentidos e a participação prática em encontrar soluções para as problemáticas apresentadas. A exposição ‘Uma expedição pelo Mundo Bíblico’ será uma aprendizagem interdisciplinar, não formal, que aumentará a literacia bíblica.

Métodos e matérias: mapas interativos que conseguem ‘levar’ os visitantes pelo Mediterrâneo até ao Levante; apresentações multimédia, nomeadamente filmes de curta duração que contextualizam o assunto da exposição; imagens que representam contextos do mundo bíblico, incluindo algumas plantas e representações de animais da Palestina; textos relevantes da Bíblia e outros textos do contexto; fotografias e/ou réplicas de relíquias arqueológicas do mundo bíblico, maquetes; um guião didático com o título ‘assim viveram as pessoas no tempo de Jesus’ com uns cartões³⁰⁷, livros e outros materiais didáticos.

A exposição necessitará de cerca de 90 metros quadrados.

O planeamento da realização da exposição nas escolas será feito em articulação com a ação de formação já referida e com a antecedência necessária para que a exposição possa ser apresentada nos planos anuais de atividades das escolas.

Para obter mapas, imagens, filmes, etc., a Sociedade Bíblica de Portugal deverá pedir apoio a outras sociedades bíblicas nacionais e solicitar à *United Bible Societies* o direito para

³⁰⁷ Vide em baixo o subcapítulo 1.3 ‘Aulas sobre o Mundo Bíblico para a Educação Moral e Religiosa’.

utilizar tais materiais. Algumas réplicas de pequenas dimensões podem ser trazidas do Médio Oriente. O Museu Nacional de Arqueologia, que tem um serviço educativo muito bem elaborado,³⁰⁸ assim como outros museus regionais e locais, podem ser contactados para prestar apoio na área de arqueologia e no empréstimo de materiais.

Futuras iniciativas que poderiam ser desenvolvidas: Inspiração pode vir igualmente dos clubes de arqueologia, existentes em várias escolas. O Museu Nacional de Arqueologia tem assumido um papel decisivo neste esforço educativo.³⁰⁹ A Associação dos Arqueólogos Portugueses tem realizado atividades para consciencializar o público em geral sobre a memória do passado mais remoto e para conseguir articular a arqueologia com a comunidade, através da promoção cultural. Esta associação tem realizado a Festa de Arqueologia no Museu Arqueológico do Carmo em Lisboa, com o apoio de outras entidades. Afirmam os organizadores:

A Festa da Arqueologia é um evento de divulgação cultural e científica que une a Arqueologia à sociedade. Através de atividades práticas, exposições interativas, conversas com os profissionais e muitas outras experiências, venha conhecer de que é feita hoje a Arqueologia em Portugal.³¹⁰

A terceira Festa da Arqueologia ocorreu durante três dias, num fim de semana em junho de 2013 e “contou com quase 4000 visitantes e vinte instituições ligadas à Arqueologia em Portugal.”³¹¹ Em muitas atividades educativas e lúdicas, os expositores - museus arqueológicos, centros de arqueologia de câmaras municipais, parques arqueológicos, universidades e empresas - conseguiram envolver jovens, adultos e famílias e despertar o interesse pelo estudo do passado. Outro fenómeno que pode oferecer inspiração são as Feiras Medievais. Na Escola Ferreira de Castro em Mem Martins, a Feira Medieval de 2013 envolveu toda a comunidade escolar.³¹²

Perguntei em vários museus com serviços educativos, como se pode adquirir formação nesta área pedagógica, no entanto, não parece existir oferta formativa não superior e contínua. O que me foi dito é que os técnicos nos museus desenvolvem as suas próprias ofertas pedagó-

³⁰⁸ Vide a entrevista com o responsável do serviço educativo do Museu Nacional de Arqueologia, disponível em <http://www.maiseducativa.com/2012/03/28/detetive-do-passado>, [consult. 9 de agosto de 2013].

³⁰⁹ Vide <http://www.clubesdearqueologia.org> e <http://museunacionaldearqueologia-educativo.blogspot.pt>, [consult. 9 de agosto de 2013].

³¹⁰ Vide <http://festadaarqueologia.wix.com>, [consult. 9 de agosto de 2013].

³¹¹ Vide *Ibid.*, [consult. 9 de agosto de 2013].

³¹² Vide <http://www.efcastro.pt/default.aspx?canal=13&artigo=258>, [consult. 9 de agosto de 2013].

gicas. Porém, no ensino superior, existe a oferta de cursos ao nível de pós-graduação, em Museologia.³¹³

Futuras iniciativas de exposições, museus e jardins bíblicos deveriam procurar inspiração em trabalhos realizados em outros países.³¹⁴ Dessa forma seria importante consultar trabalhos que receberam orientação científica. Menciono aqui dois exemplos da Alemanha, mas é óbvio que existem mais em outros países e línguas, também. Abordam o mundo bíblico, o *Bibelhaus*³¹⁵ (casa da Bíblia) de Francoforte e o já referido³¹⁶ *Bibeldorf Rietberg - Religionspädagogischer Lernort und Museum zur Umwelt der Bibel* (Aldeia Bíblica Rietberg - Centro de Educação Religiosa Pedagógica e Museu do Mundo da Bíblia)³¹⁷, no Norte da Alemanha.

1.3 Aulas sobre o Mundo Bíblico para Educação Moral e Religiosa

Baseado no guião didático *So lebten die Menschen zur Zeit Jesu*³¹⁸ (assim viviam as pessoas no tempo de Jesus), são elaboradas propostas para aulas. Este material presta informação concisa, clara e ilustrada sobre a história bíblica e a vida social na época do Novo Testamento. Explica as seguintes questões da vida diária das pessoas:³¹⁹

- como viviam?
- o que vestiam?
- o que comiam?
- quais as profissões que praticavam?
- como punham em prática a sua religiosidade?
- como celebravam as festas?
- qual foi o papel da ocupação romana?

³¹³ Vide por exemplo o Departamento em Museologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, disponível em <http://www.museologia-portugal.net/apresentacao/apresentacao-departamento>, [consult. 9 de agosto de 2013].

³¹⁴ Vide *Bibelgärten* e iniciativas de animação bíblica nos países de língua alemã em <http://www.bibelgarten.info/bibelgaerten.html>, [consult. 9 de agosto de 2013].

³¹⁵ Vide <http://www.bibelhaus-frankfurt.de> e vide também a lista de outros museus bíblicos em <http://bibelhaus-frankfurt.de/index.php?id=86>, [consult. 26 de agosto de 2013].

³¹⁶ Vide na parte II, 4.1 do presente trabalho.

³¹⁷ Vide <http://www.bibeldorf.de>, vide também em inglês <http://www.germany.travel/en/specials/spiritual-travel/churches-cathedrals-and-minsters/religious-museums/religious-museums.html>, [consult. 1 de junho de 2013].

³¹⁸ Vide Horst Klaus Berg e Ulrike Weber, *So lebten die Menschen zur Zeit Jesu. Freiarbeit Religion, Materialien für Schule und Gemeinde*, Stuttgart, Calwer Verlag, 2007.

³¹⁹ Vide Horst Klaus Berg e Ulrike Weber, “Zu diesem Buch“, *So lebten die Menschen zur Zeit Jesu. Freiarbeit Religion, Materialien für Schule und Gemeinde*, Stuttgart, Calwer Verlag, 2007, p. 5.

O material didático consiste em modelos para cópiapara a produção de cento e dez cartões de formato A5, com informações, ilustrações e imagens. A geografia, agricultura, religião, sociedade e vida diária são tratadas nestes cartões. Os cartões têm cores, consoante os temas.

Temas do mundo bíblico para unidades letivas³²⁰

A agricultura:

- Trabalhos nos campos de cereais;
- Trabalhos com cereais depois da colheita;
- Viticultura;
- Produção de azeite;
- Fruticultura;
- Horticultura e
- Pecuária.

A vida diária:

- Habitação;
- Alimentação;
- O mercado;
- Vestuário e
- A vida em família.

Profissões:

- Pescadores, pastores e agricultores;
- Oleiro, tecelão, tintureiro, comerciante e
- Ferreiro, construtor e publicano.

A sociedade;

A política;

O país da Bíblia (geografia das regiões de Israel) e

A religião judaica:

- Bases;
- Fé no dia-a-dia;
- Grupos religiosos;
- Festas 1: as 3 festas de peregrinação;
- Festas 2: outras festas;

³²⁰ Vide Horst Klaus Berg e Ulrike Weber, “Zum Aufbau des Materials“, *So lebten die Menschen zur Zeit Jesu. Freiarbeit Religion, Materialien für Schule und Gemeinde*, Stuttgart, Calwer Verlag, 2007, p. 13.

Do nascimento até a morte;
A sinagoga e
A Torá.

Planificação de uma aula.

Baseado no material didático ‘Assim viviam as pessoas no tempo de Jesus’

Tema: A fruticultura no tempo de Jesus

Duração: 45 minutos

Anos escolares: 5º, 6º, 7º, 8º e 9º

INTRODUÇÃO 5 minutos	- 5’ Conversa informal sobre a semana que passou (escola, família acontecimentos, ...) e introdução ao tema;
DESENVOLVIMENTO 35 minutos	- 5’ Apresentar o tema: ‘Assim viviam as pessoas no tempo de Jesus’, com DVD ‘A vida diária no tempo de Jesus’, a parte das plantas; - 3’ Mostrar o cartaz: ‘As plantas mais importantes de Israel’ e distribuir os seguintes cartões (fruticultura), um por cada par de alunos: Figs nº 3 e nº 4, tâmaras nº 5, romãs nº 6 e nº 7, alfarroba nº 7 e nº 8, amêndoas e nozes nº 9, pistácias e restantes nº 10 - 12’ Tarefa: aprender o que o cartão diz, ler texto bíblico e refletir sobre o que entendem melhor com estas informações e preparar apresentação aos outros, com material; - 15’ os grupos apresentam os seus frutos uns aos outros;
CONCLUSÃO 5 minutos	- 5’ Jogo final: com os olhos vendados provar alguns frutos e tentar descobrir de que fruto se trata. Na próxima aula vamos falar sobre o cultivo, a colheita e o tratamento da uva.

Lista com os frutos e os respetivos textos bíblicos:

Figs, Mateus 24:32;

Tâmaras, Salmo 92, 13-15 e João 12, 12-13;

Romãs, Números 13:23;

Alfarroba, Mateus 3:4 e Lucas 15:16;

Pistácias e amêndoas, Génesis 43:11 e

Nozes e romãs, Cântico dos Cânticos 6:11.

Material necessário para a aula:

Filme em formato DVD ‘A vida diária no tempo de Jesus’ (leitor, projetor e comando);

Cartaz grande: ‘as plantas mais importantes no tempo de Jesus’;

Cartões sobre fruticultura;

Frutos para mostrar: figos com ramo e folha, tâmaras com ramo de palmeira, romãs, alfarroba, amêndoas, nozes e pistácias e

Vendas (para tapar os olhos).

Perspetivas

Consoante o interesse manifestado pelos docentes, a Sociedade Bíblica poderá estudar a possibilidade em adquirir os direitos para a edição deste material didático em português.

2. Formação com viagens de estudo para multiplicadores

No domínio de competências nas áreas do mundo bíblico, foram verificadas lacunas na formação inicial de teólogos e de professores de Educação Moral e Religiosa. A falta de novos académicos que possam ensinar sobre o mundo bíblico é preocupante. Verificou-se, igualmente, a carência de contextualização e de uma abordagem interdisciplinar na prática do ensino. Consequentemente, a capacidade em colocar o texto no seu contexto merece melhorar. Do mesmo modo, é necessário investir na compreensão do papel da cultura material, isto é, um entendimento científico da arqueologia do mundo bíblico merece atenção, porque a tendência em querer ‘procurar objetos para poder provar algo ainda é forte’.

Com o objetivo de melhorar estas aptidões, é elaborada a proposta de um ‘curso de formação contínua para multiplicadores com formação em teologia, ciências religiosas, educação cristã e outras áreas relacionadas’. Este estudo de aprendizagem prática poderá ser articulado com instituições de ensino teológico, ciências religiosas e formação inicial de professores de ensino religioso e bíblico.

Neste curso pretende-se:

- Desenvolver, em pessoas interessadas, nomeadamente em professores de EMRC e EMRE, a competência de articular o texto bíblico com o seu contexto e *vice versa* e
- Formar formadores aptos a multiplicar os saberes adquiridos.

Tema do Curso: ‘O texto bíblico e o seu contexto - introdução à arqueologia, cultura, geografia e ambiente natural do mundo bíblico’.

Objetivo geral de aprendizagem: Adquirir e/ou aprofundar conhecimentos úteis para uma melhor compreensão dos textos bíblicos, nomeadamente nos campos da arqueologia, da cultura, da geografia e do ambiente natural bíblico.

Competências a adquirir na área da cultura material: Ter uma compreensão base de arqueologia. Saber articular o texto com o seu contexto.

Competências a adquirir na área das civilizações do Médio Oriente Antigo: Ter conhecimento sobre a cultura do Médio Oriente e experiências próprias (em viagem a realizar) Ter uma visão panorâmica da história e da cultura da Palestina dos últimos 4000 anos. Adquirir conhecimento panorâmico da história e da cultura pré-clássica do Médio Oriente Antigo e da história e cultura greco-romana. Ter um entendimento das influências geopolíticas que a terra de Israel sofreu em tempos bíblicos.

Competências a adquirir na área da geografia e do ambiente natural: Compreender a geografia e o clima do Mediterrâneo oriental, especialmente da Palestina. Conhecer a topografia das regiões e lugares a visitar e respetiva flora e fauna.

A filosofia organizacional da formação: Será uma formação pós-laboral, ao longo de um ano letivo, com uma componente letiva teórica e excursões, visitas e viagens de estudo a museus e sítios arqueológicos em Portugal e noutros países, incluindo na Terra Santa. Portanto, o foco principal desde curso é o mundo bíblico, porém, também serão tratadas outras épocas históricas e culturais, assim como a situação atual de Israel e da Palestina.

Por questões de metodologia seria preferível abordar a história cronologicamente, ou seja, começar com a história pré-clássica e o Antigo Testamento e depois seguir para o mundo greco-romano e o Novo Testamento. Porém, por razões organizacionais do programa, começaremos com pequenas excursões em Portugal, para conhecer alguns aspetos do Portugal romano e somente mais tarde iremos visitar locais que representam o Médio Oriente Antigo. Ao longo do curso, pretende-se promover a articulação entre o conhecimento já adquirido e a descoberta de novos horizontes, bem como estimular e valorizar a cultura conhecida e despertar para a integração de outros saberes. Nesta formação também serão fortalecidas competências culturais, organizacionais, de liderança, dinamização e adaptação a situações novas. Dentro do possível, as viagens serão concretizadas de transportes públicos e as dormidas serão em alojamentos económicos. Deste modo, espera-se a participação ativa de todos os formandos na realização dos trajetos. Segue-se o plano de estudos, constituído por três partes principais.

2.1 Parte 1 - Uma comparação entre o Portugal Romano e o Mundo do Novo Testamento

Competências a desenvolver: Capacidade em colocar o texto no seu contexto - histórico, arqueológico, geográfico e cultural. Reconhecer o papel da cultura material para o estudo dos textos. Desenvolver noções básicas de trabalho arqueológico. Comparar o contexto romano da Hispânia com o contexto greco-romano do Levante.

Unidade 1: Introdução ao mundo bíblico do Novo Testamento (2 x 2 horas, pós laborais, ou num sábado). Temas principais: O texto da Bíblia e a geografia, o ambiente natural, a história, a cultura e a arqueologia do mundo bíblico.

Unidade 2: Introdução ao trabalho arqueológico e à importância do contexto - um exemplo do Portugal romano. Visita de estudo ao Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas,³²¹ Sintra (2,5 horas) e introdução à escavação arqueológica no Sítio Arqueológico do Alto da Vigia,³²² Praia das Maças, Colares (3,5 horas num sábado).

Unidade 3: O Mediterrâneo no fim do século I a. C. e no século I d. C., história e cultura comparada entre ‘Portugal romano’ e ‘Judeia romana’ (2 horas) e posterior visita de estudo a uma cidade romana - Conimbriga³²³ ou Miróbriga³²⁴ - (1 até 2 dias)

Opção: visitar outras cidades romanas

Augusto Emerita,³²⁵ na atual Mérida, é Património Mundial da UNESCO. A distância entre Lisboa e Mérida é de cerca de 300 km. Outra opção seria o sítio arqueológico de *Volubilis*³²⁶ em Marrocos, perto de Meknés. A antiga cidade romana tem 42 hectares e foi classificada Património Mundial. A distância entre Lisboa e *Volubilis* é de cerca de 850 km. Vantagens: contacto com o mundo oriental e a cultura bérbere-árabe. Desvantagens, a distância e respetivos custos de viagem e alojamento.

Bibliografia para esta parte do curso³²⁷

ALARCÃO, Jorge de, *O Domínio Romano em Portugal*.

TAVARES, Maria José Ferro, *Portugal Romano, e Arqueologia Romana em Portugal*.

³²¹ Vide <http://www.museuarqueologiccodeodrinhas.pt/vestigare.php>, [consult. 25 de agosto de 2013].

³²² Vide <http://www.museuarqueologiccodeodrinhas.pt/escavacoes/1/alto-da-vigia.html>, [consult. 25 de agosto de 2013].

³²³ Vide http://www.imc-ip.pt/pt-PT/museus_palacios/ContentDetail.aspx?id=1114, [consult. 10 de agosto de 2013].

³²⁴ Vide <http://www.cm-santiagocacem.pt/concelho/Patrimonio/PatrimonioArqueologico/Paginas/Patrim%C3%B3nioArqueologico.aspx>, [consult. 10 de agosto de 2013].

³²⁵ Vide <http://whc.unesco.org/en/list/664>, [consult. 10 de agosto de 2013].

³²⁶ Vide <http://whc.unesco.org/en/list/836>, [consult. 10 de agosto de 2013].

³²⁷ Vide Jorge de Alarcão, *O Domínio Romano em Portugal*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 2002; Maria José Ferro Tavares, *Portugal Romano*, Lisboa, Universidade Aberta, 1992 e *Arqueologia Romana em Portugal*, disponível em <http://www.portugalromano.com>, [consult. 10 de agosto de 2013].

2.2 Parte 2 - O Médio Oriente Antigo e o Mundo Bíblico

Viagem de estudo ao *British Museum* (Museu Britânico) em Londres, com análise comparada de peças que se articulam com o mundo bíblico.

Competências a desenvolver: Contextualizar os artefactos que foram retirados do seu sítio original e compreender o respetivo contexto histórico, geográfico e cultural. Comparar as peças e seus contextos com épocas e acontecimentos bíblicos e com os próprios textos bíblicos. Adquirir conhecimento panorâmico do Médio Oriente Antigo. Entender efeitos geopolíticos e culturais da história e cultura bíblicas.

Tarefas específicas: Cada participante escolherá antecipadamente um ou mais objetos e preparará uma apresentação sobre o(s) mesmo(s), contextualizando e articulando a(s) peça(s) do museu com o mundo bíblico. Tempo de visitas de estudo no Museu Britânico - dois dias completos.

Guia de estudo para uma ‘viagem pelo tempo e espaço do Mundo Bíblico’ no Museu Britânico - proposta de percurso pelas salas que contêm objetos relacionados com o mundo da Bíblia.³²⁸

Mesopotâmia de 6000 até 1500 a. C. (sala 56)

Suméria, cidade de Ur, achados do túmulo real: estandarte, bode, joias e tabuleiro de jogo, entre outros.

Mesopotâmia, de 1500 a 539 a. C. (sala 55)

Textos cuneiformes sobre a origem da humanidade e o mundo, *Enuma elish*, *Atrahasis* e *Gilgamesh*. Leitura em português³²⁹ e comparação com os relatos da criação e do dilúvio, no livro de Génesis.

Levante Antigo, de 8000 a 539 a. C. (salas 57 até 59)

Objetos da cultura dos cananeus - *Ras Shamra / Ugarit* -, arameus, amorreus, fenícios e israelitas. Leitura de um texto da mitologia de Baal.³³⁰

³²⁸ Ainda não tive oportunidade de visitar o Museu Britânico, razão pela qual optei pela metodologia seguinte, para a elaboração desta proposta de viagem de estudo. Consultei os registos das fotografias do Museu Britânico em “Fonte das ilustrações”, *O Mundo da Bíblia*. São Paulo, Edições Paulinas, 1986, p. 679 (com 62 imagens) e em “Bildnachweis”, *Die Bibel - Mit Bildern und Erklärungen*, Stuttgart, Deutsche Bibelgesellschaft, 1983, p. 414 (com 38 imagens). Examinei as fotografias do Museu Britânico, ao longo destas obras. Seguidamente procurei localizar os objetos no Museu Britânico, examinando o mapa com as salas em ‘Visiting / Floor plans and galleries0’, http://www.britishmuseum.org/visiting/floor_plans_and_galleries/ground_floor.aspx, [consult. 12 de agosto de 2013].

³²⁹ Vide “Origens da Humanidade e do Mundo”, *Atlas Bíblico - Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, James B. Pritchard (diretor principal), José Nunes Carreira (ed. port.), Lisboa, Edições Zairol, 1996, pp. 308-309.

Egito Antigo, de 2600 a. C até ao século II a. C. (sala 4)

Um panorama introdutório sobre a história e a cultura do Egito antigo: objetos da vida diária (nomeadamente agrícola), documentos escritos e iconográficos, estátua de Ramsés II, relevo com a cabeça de um filisteu e Pedra de Roseta - descoberta da história da Pedra de Roseta e decifrar da escrita hieróglifa por Champollion.

Assíria, séculos XXI aXII a. C. (salas 6 a 10)

Monumentos de palácios reais da Assíria e os instrumentos políticos dos tratados *Ade*.

Obelisco negro de Salamanassar III - da campanha de 840 a. C. contra Israel. Leitura da tradução portuguesa³³¹ com leitura comparada do texto bíblico em 2 Reis 1-27. Baixos-relevos da caça aos leões. Interpretação aprofundada dos relevos da conquista de Láquis, oriundos do palácio de Nínive. Prisma de Senaquerib, leitura da tradução portuguesa³³² e confronto com 2 Reis 18, 13-16. Réplica da inscrição de Ezequias, do canal de abastecimento de água de Jerusalém e comparação com 2 Reis 20:20.

Réplica da estela de Mesha, do rei de Moab, 830 a. C. (*Room of Writing*), leitura do texto em português³³³ e comparação com 2 Reis 3, 4-5.

Neo-Babilónia³³⁴

A conquista de Judá e Jerusalém na Crónica da Babilónia³³⁵ e nos livros bíblicos: Reis, Crónicas e Jeremias. Leitura das cartas (óstracas) de Láquis, na tradução portuguesa.³³⁶

A Pérsia Antiga (sala 52)

O cilindro de Ciro com leitura da tradução portuguesa³³⁷ e comparação com 2 Crónicas 36 e Esdras 1. Baixo-relevo do palácio de Susa.

Uma visão panorâmica sobre o mundo greco-romano

Estudo de objetos e escritos ligados ao mundo bíblico do Novo Testamento: escrita, moedas, vida diária, etc.. Exposições de maior interesse:

A vida grega e romana, de 1450 a. C. a 500 d. C. (sala 69);

O mundo de Alexandre, o Grande, 323 a 31 a. C. (sala 22) e

Império Romano (sala 70).

³³⁰ Vide “Seminómadas na Orla do Deserto”, *Atlas Bíblico - Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, op. cit., pp. 324-325.

³³¹ Vide *Ibid.*, pp. 334-335.

³³² Vide *Ibid.*, pp. 337-338.

³³³ Vide *Ibid.*, p. 335.

³³⁴ A sala não está indicada na página de Internet do Museu Britânica, vide http://www.britishmuseum.org/explore/cultures/middle_east/babylonians.aspx, [consult. 12 de agosto de 2013].

³³⁵ Vide “Seminómadas na Orla do Deserto”, *Atlas Bíblico - Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, op. cit., p.338.

³³⁶ Vide *Ibid.*, p. 341.

³³⁷ Vide *Ibid.*, pp. 342-343.

Manuscritos da Bíblia na *British Library* (Biblioteca Britânica)

Além de muitos textos e fragmentos bíblicos pequenos, tanto do Antigo como do Novo Testamentos, destacam-se:

Os Manuscritos hebraicos do Mar Morto;³³⁸

A Bíblia hebraica completa, manuscrita em Lisboa em 1482;³³⁹

O *Codex Sinaiticus*,³⁴⁰ em grego, século IV d. C., abrangendo o Novo Testamento completo e

O *Codex Alexandrinus*,³⁴¹ em grego, século V d. C., contendo a Septuaginta, livros apócrifos e a maior parte do Novo Testamento.

2.3 Parte 3 - Viagem de estudo a Israel

Objetivos da viagem:

- Estudar e conhecer *in loco* a geografia e topografia das áreas a visitar;
- Nas viagens de estudo, articular a leitura de textos do mundo antigo e do mundo bíblico com o contexto geográfico e topográfico;
- Conhecer o ambiente natural, a agricultura e a pastorícia no terreno e articulá-los com textos que tratam destes temas;
- Visitar sítios arqueológicos e articular os achados materiais com textos das épocas em estudo e com as épocas históricas e culturais;
- Compreender a vida diária e as profissões dos tempos bíblicos;
- Adquirir noções básicas sobre a crítica textual, transmissão dos textos bíblicos e
- Conhecer as principais épocas históricas pós-bíblicas, as religiões e confissões religiosas presentes na Terra Santa.

Condicionantes da viagem:

A viagem em transportes públicos em Israel condiciona a chegada a sítios arqueológicos e exige rigor na preparação e execução dos trajetos. Alguns sítios arqueológicos de interesse encontram-se em zonas isoladas e de difícil acesso. Igualmente, a limitação de alojamento económico restringe a possibilidade de operação no território. Por outro lado, o tipo de viagem de estudo proposto proporciona muito mais contacto direto com a população e a cultu-

³³⁸ Vide <http://www.bl.uk/learning/cult/sacredbooks/religiousbooks/jewish/deadsea/deadseascrolls.html>, [consult. 12 de agosto de 2013].

³³⁹ Vide <http://www.bl.uk/learning/cult/sacredbooks/religiousbooks/jewish/biblelisbon/lisbonbible.html>, [consult. 12 de agosto de 2013].

³⁴⁰ Vide <http://www.bl.uk/aboutus/stratpolprog/ccare/events/codex/index.html>, e <http://codexsinaiticus.org/en>, [consult. 12 de agosto de 2013].

³⁴¹ Vide <http://www.bl.uk/ebj/1998articles/article12.html>, [consult. 12 de agosto de 2013].

ra do que um programa turístico tradicional. A situação política entre o estado atual de Israel e a Palestina também influencia a viagem e a visita a sítios arqueológicos e paisagens de interesse em territórios palestinos, razão pela qual se limitam as viagens dentro de Israel.

2.3.1 Sítios arqueológicos da época do Antigo Testamento

Guézer encontra-se numa planície costeira, no cruzamento entre a via que ligava o Egito com a Mesopotâmia com a estrada que ia de Jerusalém até a costa do mar Mediterrâneo.³⁴² Esta cidade sofreu repetidamente a influência egípcia durante o Império Novo e consequentemente ficou várias vezes registada em documentos relacionados com o Egito. Destacam-se, da altura das campanhas do faraó Tutmés III, as inscrições no templo de Karnak, nas cartas de Amarna e na estela de Merenptaha.³⁴³ Estas referências abrangem o período egípcio do Império Novo, desde o século XV a. C. até cerca de 1230 a. C.. Nos textos do Antigo Testamento, no livro de Josué 12:12 encontra-se a afirmação que Guézer foi conquistada pelos israelitas. No entanto, a influência militar do Egito continuou mesmo durante o 3º Período Intermédio. Declara o texto bíblico “O faraó, rei do Egito, tinha atacado Guézer, matando todos os seus habitantes e pondo fogo à cidade. Depois, deu-a como dote a sua filha, quando ela se casou com Salomão, rei de Israel. Salomão reconstruiu então Guézer.” (I Reis 9, 16-17). Guézer é referida como uma das cidades maiores do reinado de Israel, ao lado de Haçor e Meguido (I Reis 9: 15). Em I Reis 14: 25, é mencionado que depois da morte de Salomão, “o rei Chichac, do Egito, marchou contra Jerusalém”. Conforme os registos do Egito, nesta campanha, que ocorreu cerca de 924 a. C., Guézer foi destruída.³⁴⁴ Explica Negev que os trabalhos arqueológicos relevaram que o território da cidade de Guézer abrangia 15 hectares. Infelizmente, as primeiras escavações foram realizadas com pouco cuidado científico e por isso a interpretação dos achados ficou bastante limitada.³⁴⁵ Escavações posteriores revelaram ocupação filisteia, duas destruições, uma pelos assírios no século VIII e outra no século VI pelos babilónios, e ainda a ocupação pelos macabeus e hasmoneus e suas fortificações, edifi-

³⁴² Vide ‘Gezer’, “Sítios e Personagens do Mundo Bíblico”, *Atlas Bíblico - Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, James B. Pritchard (diretor principal), José Nunes Carreira (ed. port.), Lisboa, Edições Zairol, 1996, p. 233.

³⁴³ Vide *Ibid.*, p. 233 e Estela de Merenptah’ em “Egito e Canã”, *Atlas Bíblico - Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, *op. cit.*, 318-319 e ‘Cartas de Amarna - Amenófis III a Milkilu, de Gezer’, “Seminómadas na Orla do Deserto”, *Atlas Bíblico - Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, *op. cit.*, p. 328.

³⁴⁴ Vide ‘Gezer’, “Sítios e Personagens do Mundo Bíblico”, *Atlas Bíblico*, *op. cit.*, p. 233.

³⁴⁵ Vide *Ibid.*, pp. 233-234 e “Geser”, *Archäologisches Bibelllexikon*, Avraham Negev (ed.), Neuhausen-Stuttgart, Hänssler-Verlag, 1991, pp. 153-154.

cadadas contra os selêucidas.³⁴⁶ Ainda merece atenção o chamado ‘calendário de Guézer’ que data do século X a. C.. Trata-se de uma pequena placa calcária, com inscrições em paleo-hebraico, mencionando atividades agrícolas.

Guézer foi um sítio importante pela sua localização estratégica, controlando vias de comunicação desde os tempos antigos. Porém, esta cidade sofreu continuamente com os conflitos geopolíticos do Médio Oriente Antigo, sobretudo da parte do Egito. Infelizmente, o sítio arqueológico atual não revela tanto quanto o que poderia, devido à falta do rigor científico da primeira escavação.

Meguido encontra-se a norte do Carmelo no vale de Jezreel. Na altura do Antigo Testamento, esta área foi chamada a “planície de Meguido”, conforme II Crónicas 35:22. O “caminho do Mar” que ligava o Ocidente ao Oriente passava por Meguido; a dada altura dividia-se em três: um ramo continuava pela costa do mar Mediterrâneo para norte, uma outra estrada prosseguia pela Galileia em direção à Síria e uma terceira rota seguia rumo à atual Jordânia. Colocada num ponto estratégico, Meguido sofreu influências idênticas às de Guézer. Ficou célebre a batalha de Meguido, do faraó Tutmes III contra a rebelião da coligação cananea, em 1482 a. C.³⁴⁷, tendo Meguido ficado sob controlo egípcio. Na época de Amarna, uma carta foi redigida pelo governador de Meguido, queixando-se da falta de atenção e proteção do rei do Egito.³⁴⁸ Os textos bíblicos não são explícitos acerca da conquista de Meguido por parte de Israel. Conforme Josué 17:11 a 12 e Juízes 1:27, Meguido não foi subjogado pelos israelitas. No entanto, na época de Salomão, esta cidade fazia parte do reino de Israel, juntamente com Guézer, como foi referido acima. Segundo um registo egípcio, Meguido foi conquistada pelo faraó Shishak (ou Chichac) em 734 a. C..³⁴⁹ Na invasão assíria, a cidade foi subjogada por Tiglat-Piléser III em 734 a. C. e tornou-se a capital da província da Assíria.³⁵⁰ No fim do esplendor da Assíria, e no surgimento da Neo-Babilónia, a cidade de Meguido voltou a ser palco de lutas geopolíticas. Josias, rei de Judá, tinha sido aliado da Babilónia, porém o Egito tentou apoiar o velho Império assírio. Segundo a narração de II Reis 23: 29 “Durante o seu reinado, o faraó Neco, rei do Egito, marchou com o seu exército em direção ao rio Eufrates para ajudar o rei da Assíria. O rei Josias tentou deter o exército egípcio em Meguido mas foi

³⁴⁶ Vide *Ibid.*, p. 156.

³⁴⁷ Vide ‘Cartas e Amarna - Biridiya de Megiddo a Amenófis III’, “Seminómadas na Orla do Deserto”, *Atlas Bíblico - Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, *op. cit.*, p. 328.

³⁴⁸ Vide ‘Anais de Tutmés III’, “Egipto e Canaã”, *Atlas Bíblico - Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, *op. cit.*, pp. 316-318.

³⁴⁹ Vide ‘Megiddo’, “Sítios e Personagens do Mundo Bíblico”, *Atlas Bíblico - Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, *op. cit.*, p. 266.

³⁵⁰ Vide *Ibid.* p. 266.

morto em combate.” Com a morte do rei Josias e o fim da Assíria, “termina também a história da cidade.”³⁵¹

Neste sítio arqueológico, foram encontrados muitos outros artefactos, durante as escavações. A presença egípcia é testemunhada através de achados, mas também foi encontrada uma peça com a epopeia de Gilgamesh em escrita cuneiforme, revelando grandes estábulos da altura israelita e palácios assírios.³⁵² Igualmente impressionantes são os sistemas de abastecimento de água da cidade.

Os sítios arqueológicos de Meguido, Haçor e Beersheva foram declarados Património Mundial pela UNESCO.³⁵³

Láquis encontra-se entre a zona costeira e as montanhas de Judá, na Chefala. Também se encontrava ali um cruzamento, neste caso das estradas secundárias que ligavam Ascalon a Hebron e Gerar a Bet-Shemesh. Apesar de Láquis não se ter encontrado numa via internacional, por ser situada mais no interior grande parte da sua história é idêntica à de Guézer. Uma das cartas de Amarna foi escrita pelo governador Zimreddi de Láquis.³⁵⁴ A data da sua conquista por parte de Israel não é clara, no entanto, conforme II Reis 14:19, no período dos reis, Láquis fazia parte da monarquia. O texto de II Crónicas 11, 5-12 menciona Láquis entre as cidades que o rei Roboão mandou fortificar no território de Judá e de Benjamim: “Construí-lhes muralhas à volta, nomeou-lhes governadores e construiu-lhes armazéns para as suas provisões, para o azeite e para o vinho. Colocou em cada uma destas cidades escudos e lanças, tornando-as muito fortes.” No entanto, a invasão da Assíria mudou drasticamente o rumo da cidade. Láquis foi conquistada e uma parte da população foi morta e a outra deportada. Os baixos-relevos da conquista de Láquis, oriundos do palácio de Nínive, que se encontram no Museu Britânico, testemunham a tragédia da queda desta cidade. Igualmente, o texto bíblico em II Reis 18:13-14 e 17 menciona a ofensiva de Assur: “No décimo quarto ano do reinado de Ezequias, Senaquerib, rei da Assíria, atacou todas as cidades fortificadas de Judá e conquistou-as. Então Ezequias, rei de Judá, mandou dizer ao rei da Assíria, em Láquis (...). Entretanto, o rei da Assíria, que se encontrava em Láquis, enviou ao rei Ezequias, em Jerusalém, (...).” Este texto bíblico indica que Láquis se tornou quartel de Senaquerib. Todavia, o rei da Assíria teve que abandonar Láquis devido à ameaça da parte do país do Nilo. O livro de Isaías declara que o monarca assírio “... tinha deixado Láquis para combater contra Libna e foi lá

³⁵¹ Vide *Ibid.* p. 266.

³⁵² Vide <https://sites.google.com/site/megiddoexpedition/photo-gallery/past-excavations>, [consult. 14 de agosto de 2013].

³⁵³ Vide <http://whc.unesco.org/en/list/1108>, [consult. 14 de agosto de 2013].

³⁵⁴ Vide ‘Cartas e Amarna - Carta de Zimreddi de Lakish’, “Seminómadas na Orla do Deserto”, *Atlas Bíblico - Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, *op. cit.*, p. 328.

que o encontrou. De facto o rei de Assur tinha sabido que o faraó etíope Tiraca³⁵⁵ o vinha atacar(...)” (37:8-9). Portanto, os agitados conflitos geopolíticos do mundo antigo não pararam perante as cidades de Israel. Da mesma forma, a invasão da Neo-Babilónia marcou o destino da cidade em estudo. O livro do profeta Jeremias afirma em 34:7 que Láquis ofereceu resistência até ao fim: “Entretanto, o exército do rei da Babilónia atacava a cidade e sitiava simultaneamente Láquis e Azaca, as outras cidades fortificadas de Judá, que ainda ofereciam resistência.” As cartas, ou seja óstracas, encontradas nas escavações de Láquis, testemunham a aflição vivida pelo comandante da cidade durante o cerco de Nabucodonosor II, rei da Babilónia.³⁵⁶ Apesar das muitas súplicas por socorro, o apoio da parte de Jerusalém não chegou a esta cidade e ela foi conquistada, destruída e a sua população foi levada para o exílio. No entanto, conforme o registo em Neemias 11:30, Láquis voltou a ser povoada, quando os judeus voltaram do exílio, durante o domínio persa.

Escavações arqueológicas revelaram a ordem hierárquica seguida na construção das cidades, na Idade de Ferro, ou seja, durante o tempo da Monarquia de Israel e Judá. Em cidades como Meguido e Láquis, nota-se a primazia dos centros administrativos, com o palácio, a praça, armazéns e instalações militares; por outro lado, para a população restava uma estreita área com bairros de casas humildes e estreitas.³⁵⁷ Explica o Atlas Bíblico que “os centros administrativos principais serviam sobretudo a burocracia. No fim do século X, as estruturas públicas cobriam 82 por cento da área de Megiddo e 84 por cento da de Lakish.”³⁵⁸ O texto em I Samuel 8:12-20, já tinha alertado para o carácter absolutista dos monarcas de então: “Os vossos filhos terão de cultivar as terras do rei, terão de fazer as suas colheitas, (...). Ele há de apoderar-se dos vossos melhores campos, vinhas e olivais, para os distribuir pelos seus ministros. Tomará para si uma décima parte do vosso cereal e das vossas uvas, para distribuir pelos seus cortesãos e ministros (...).” Evidentemente, as sociedades de Israel e Judá não estavam isentas de problemas e injustiças, pois, os profetas bíblicos alertaram energicamente para a justiça social na comunidade. Isaías julgou com rigor a corrupção dos poderosos e avisou acerca da proteção dos fracos e desprotegidos: “Os teus governantes são rebeldes e companheiros de bandidos. Todos eles se deixam comprar por dinheiro e fazem tudo para receberem presentes. Não protegem o órfão nem aceitam defender os direitos da viúva.” (Isaías 1:23).

³⁵⁵ Tiraca, o faraó Taharqa da XXV dinastia cuxita, ou etíope.

³⁵⁶ Vide ‘Óstraca de Lakish’, “Seminómadas na Orla do Deserto”, *Atlas Bíblico - Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, *op. cit.*, p. 341.

³⁵⁷ Vide “Projectos das Cidades - A Ordem Hierárquica”, *Atlas Bíblico - Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, *op. cit.*, p. 120.

³⁵⁸ Vide *Ibid.*, p. 120.

Assim sendo, os objetivos de uma viagem de estudo também são ‘deixar os textos e as pedras falarem’, penetrar na história e cultura de então e compreender o contexto histórico, cultural e social do mundo bíblico. Para uma visita de estudo com um grupo, os três locais arqueológicos mencionados têm vantagens e desvantagens. Guézer e Láquis encontram-se em lugares isolados e de difícil acesso usando transportes públicos. Não se paga entrada, porém não existem infraestruturas nos locais que apoiem e informem os visitantes. Meguido, por outro lado, tem um acesso fácil através de autocarros públicos e é um sítio oficial com entrada paga e museu.

Existem ainda muitos outros sítios arqueológicos com testemunhos do tempo do Velho Testamento. Seja aqui ainda mencionado o **Tel Dan**, no extremo norte de Israel. Este sítio arqueológico, gerido pelas autoridades dos parques naturais de Israel, apresenta construções dos cananeus. Especialmente, a porta cananea em tijolos de barro é impressionante. Da época cananea, Bronze tardio, foi encontrada cerâmica de Micenas que data do século XIV a. C..³⁵⁹ Trata-se de um testemunho remoto que testifica as ligações antigas pelo Mediterrâneo. A porta e os muros em pedra desta cidade de Israel, da altura da divisão do reino do Norte com o rei Jeroboão, continuam a manter a sua firmeza e certificam o texto de I Reis 12:29. Com efeito, os altos de culto deste lugar ainda hoje mostram a concorrência com o templo de Jerusalém, do reino do Sul, Judá. A estela de Dan, encontrada no Tel Dan, é de um rei de Damasco e menciona a ‘Casa de David’. Atualmente encontra-se no *Israel Museum*, em Jerusalém.

Jerusalém tem uma história longa e listar os achados arqueológicos da capital ultrapassa o âmbito deste trabalho. Igualmente é ter em conta a situação muito complexa da velha cidade. Foi destruída e reconstruída várias vezes e grande parte da sua área encontra-se ocupada por construções recentes que não permitem escavações. A situação entre os judeus e a população árabe é bastante tensa na área da Jerusalém antiga. Atividades arqueológicas nesta região provocariam facilmente um agravar dos conflitos, pois a datação dos artefactos é por vezes polémica. No entanto, não deixo de referir os sítios mais marcantes. O *Jerusalem Archaeological Park*³⁶⁰ oferece uma perspectiva sobre várias épocas históricas. Destacam-se os sistemas de água dos jebuseus, através dos quais, segundo o relato de II Samuel 5:6-8, David conquistou a cidade, bem como o túnel de Ezequias que este rei de Judá mandou construir na altura da invasão assíria. De acordo com II Crónicas 32:30 “Foi Ezequias que mandou fechar a saída da água de Guion, pela parte de cima, para a canalizar por baixo da terra, dirigindo-a

³⁵⁹ Vide “Dan”, *Archäologisches Bibelllexikon*, Avraham Negev (ed.), Neuhausen-Stuttgart, Hänssler-Verlag, 1991, pp. 99-100.

³⁶⁰ Vide <http://www.archpark.org.il>, [consult. 15 de agosto de 2013].

para o lado ocidental da cidade de David.” Na área da “Cidade de David”, escavações revelaram habitações da época da monarquia unida de Israel. Porém, nesta zona, a interpretação dos achados é altamente conflituosa, sobretudo por se encontrar perto do ‘Monte do Templo’ dos judeus, que para os islâmicos é o *Haram esh-Sharif*, o lugar santo das mesquitas.

Porém, numa “viagem” pelas épocas históricas, é necessário conhecer o tempo greco-romano, durante o qual ocorreram os acontecimentos narrados na segunda parte da Bíblia cristã.

2.3.2 Excurso: Introdução ao contexto histórico da época do Novo Testamento

Facilmente o Novo Testamento é visto como algo novo, independente do Antigo Testamento, no entanto não é assim. Na verdade, é necessário olhar para o contexto histórico e cultural que antecedeu os acontecimentos narrados nos escritos neotestamentários. Alexandre, o Grande, da Macedônia, venceu os persas em 333 a. C. e mudou o palco da história. A Judeia não resistiu à tomada dos gregos e conseqüentemente não sofreu danos piores. Porém, as lutas entre os sucessores de Alexandre, no Levante, os Selêucidas e os Ptolemeus, determinaram o destino dos judeus. Igualmente, a influência da cultura grega, conhecida como helenismo, assinalou o rumo do povo judaico. Muitos judeus rejeitaram a influência grega, outros porém deixaram-se determinar pelo helenismo. Este conflito é relatado nos livros dos Macabeus. A leitura destes registros parece mostrar que os judeus partidários dos macabeus eram contra qualquer influência estrangeira, sobretudo grega.³⁶¹ Contudo, é de lembrar que os judeus viveram, desde o exílio na Babilônia, sob o domínio de reinos estrangeiros.³⁶² Na literatura bíblica, reis persas foram descritos como instrumentos de Deus,³⁶³ pois assumiram uma política de tolerância em questões religiosas e culturais. A maioria dos reis Ptolemeus, similarmente, não interferiu nos assuntos religiosos e culturais do povo judaico. No entanto, o rei selêucida, Antíoco Epífanes, impôs agressivamente o culto grego e a cultura helênica na Judeia³⁶⁴ e esta imposição provocou a revolta dos macabeus. É importante notar que a oposição dos macabeus foi sobretudo provocada por questões de autonomia religiosa e cultural e graças também ao enfraquecimento que os romanos impuseram aos reis selêucidas. Os nacionalistas judeus conseguiram a independência, de acordo com o relato do capítulo 8 de I Macabeus. Segundo a

³⁶¹ I Macabeus 1 salienta os males que vieram através de Alexandre, o Grande, e os seus sucessores (1:9). Terem feito aliança com estrangeiros é considerado perverso (1:11). II Macabeus 4:13-15 lamenta a difusão dos costumes helênicos no meio dos judeus.

³⁶² Primeiro Babilônia e depois Pérsia.

³⁶³ Vide os exemplos de Ciro em Esdras 1:1-4 e Dário em Esdras 6:8-12.

³⁶⁴ Vide o relato de I Macabeus 1:16-61.

narração deste livro, a hegemonia de Roma no Mediterrâneo é reconhecida pelo líder judaico, Judas Macabeu (8:1a), seguindo-se o relato da forma como os reinos que se opunham a Roma eram tratados (8: 2-11a), no entanto o autor do livro reconhece o potencial de se tornar aliado (8:1b e 11b) e o modelo de governo da República de Roma é descrito com admiração³⁶⁵ (8:14-16). Assim sendo, e com a intenção de ficar independente de Selêucida, uma delegação é enviada a Roma e é celebrada uma aliança de amizade com o Senado (8:17-22). Conforme o relato deste livro, o Senado romano aceitou a proposta dos judeus.³⁶⁶ É essencial notar que a celebração da aliança com Roma e as suas renovações fazem parte da revolta dos Macabeus contra a Selêucida. Para isto, os judeus procuraram apoio através de uma ligação com a potência estrangeira, Roma. A dinastia dos macabeus, que é conhecida como a dos hasmoneus, conseguiu a independência política até à conquista romana em 63 a. C.. Contudo, os líderes judaicos afastaram-se cada vez mais dos ideais religiosos e assumiram ambições políticas que trouxeram conflitos internos, destabilizando deste modo o seu reino, facto que facilitou a intervenção romana.

O Novo Testamento menciona grupos religiosos do judaísmo, fariseus, escribas e saduceus.³⁶⁷ É importante lembrar que sobretudo a clivagem entre fariseus e saduceus surgiu dos conflitos culturais mencionados e obviamente também devido às diferentes interpretações das Escrituras Sagradas. Identicamente, na leitura da história e cultura do Novo Testamento tem que se estar consciente da existência dos muitos judeus que viveram numa vasta diáspora e das suas influências na Palestina. Uma grande comunidade judaica vivia no Egito e os escritos que foram produzidos por eles são muitos. Lourenço nota a este respeito que “Um dos objetivos desta literatura era o de mostrar que o judaísmo era compatível e podia dialogar com os valores de outras culturas, designadamente com o helenismo reinante em Alexandria, embora esse diálogo nem sempre tenha sido fácil.”³⁶⁸ De facto, já a tradução grega da Bíblia hebraica, a Septuaginta, é testemunha do “diálogo com a cultura helenística”³⁶⁹ que o judaísmo helénico procurou. A análise do Atlas Bíblico acerca das relações entre judeus e gregos no Egito é reveladora:

³⁶⁵ Os judeus conheciam na sua história, além da monarquia, o governo do conselho dos anciãos; é possível que a república de Roma lhes tenha feito ecos históricos.

³⁶⁶ A aliança com Roma foi celebrada em 163, ou 162 a. C., vide Elias, Bickerman, “Makkabäerbücher I und II”, *Paulys Realencyclopädie der Classischen Altertumswissenschaft*, Geroge Wossowa (ed.), München, Alfred Druckenmüller Verlag, 1928, vol. 27.1; p.785.

³⁶⁷ Flávio Josefo ainda lista os essênios, porém não são mencionados no Novo Testamento.

³⁶⁸ Vide João Duarte Lourenço, “O Mundo Político do Período Intertestamentário”, *O Mundo Judaico em que Jesus viveu*, Lisboa, Universidade Católica Editora, 2005, p. 33.

³⁶⁹ Vide *Ibid.*, p. 41.

Alguns Judeus apoiavam a cultura helenística, enquanto outros a rejeitavam. Mas todos os escritores hebreus ansiavam por convencer os compatriotas judeus e os gentios de que as tradições hebraicas se equiparavam às dos pagãos. Inclusive, orgulhavam-se da sua contribuição para o mundo do saber, como da lealdade ao país que os acolhia, a fim de provar ser injusto persegui-los.³⁷⁰

Contudo, na segunda metade do século I a. C. o Mediterrâneo viveu tempos conflituosos. O general romano Pompeu pacificou o Oriente, ocupou em 63 a. C. Jerusalém, terminando assim as lutas internas no reino dos judeus, porém reduziu o grande território dos Hasmoneus e colocou Hircano II (63-40 a. C.) como Sumo-sacerdote e Etnarca e o idumeu Antipater como conselheiro.³⁷¹ Seguidamente, Roma entrou em guerra civil, os partos invadiram a Palestina e em 40 a. C. o Senado de Roma declarou o filho de Antipater, Herodes, ‘rei da Judeia’. Em 37 a. C. os romanos expulsaram os partos e em 31 a. C. Octaviano declarou Herodes rei-vassalo de Roma.³⁷² Herodes, o idumeu, foi rei sobre a Judeia, Idumeia, Samaria, Galileia, Pereira e também recebeu poder sobre as cidades helénicas da Decápole, Hippos (Sussita), Gádara e as cidades costeiras, além de Ascalon.³⁷³ O estabelecimento de reinos semi-autónomos nas fronteiras do Império era política de Roma. Estes reinos-clientes “gozavam de certa autonomia local, desde que não pusessem em questão a lealdade a Roma. (...) foram os sucessivos reis herodianos, que não estavam envolvidos, enquanto Idumeus, no nacionalismo judeu, que melhor serviram os interesses romanos.”³⁷⁴

O evangelho de Lucas situa a narração do nascimento de Jesus “no tempo de Herodes, rei da Judeia” (1:5) e do “imperador Augusto” (2:1) e contextualiza o início do ministério de Jesus da seguinte maneira: “Estava-se no ano quinze do governo do imperador Tibério. Pôncio Pilatos era então governador da Judeia, Herodes governava a Galileia, seu irmão Filipe governava a Itureia e a Traconítide. Lisânias governava a Abilena. Anás e Caifás eram os chefes dos sacerdotes.” (3:1-2). Depois da morte de Herodes, o Grande, no ano 4 a. C., o reino foi dividido por três filhos, no entanto, em 6 d. C. a Judeia, Idumeia e Samaria foram colocadas sob governação romana.³⁷⁵

³⁷⁰ Vide “Judá no Período Helenista. Domínio Egípcio em Judá - Reino dos Ptolomeus”, *Atlas Bíblico - Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, op. cit., p. 143.

³⁷¹ Vide “Roma no Oriente”, *Atlas Bíblico - Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, op. cit., p. 150.

³⁷² Vide *Ibid.*, p. 151.

³⁷³ Vide *Ibid.*, p. 151.

³⁷⁴ Vide “O Reino de Herodes”, *Atlas Bíblico - Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, op. cit., p. 156.

³⁷⁵ Vide *Ibid.*, p. 156.

2.3.3 Visitas relacionados com a época do Novo Testamento

O contraste entre o campo e a cidade também era uma realidade na época do Novo Testamento. A vida diária numa aldeia do tempo de Jesus foi recriada num museu ao ar livre, na Galileia.

O já referido *Nazareth Village*,³⁷⁶ na cidade de Nazaré, apresenta a história social do espaço rural. Episódios da vivência quotidiana acompanham os relatos nos evangelhos. Uma visita, com estudo comparado entre cultura material e textos bíblicos, abordará os temas seguintes: Terrenos e trabalho agrícola - da vinha ao lagar, da oliveira à produção do azeite, do campo dos cereais à eira e ao moinho e frutos -; animais domésticos e o pastor; o fabrico de roupa - fiar e tecelagem -, o carpinteiro e construtor. Casas de habitação e uma sinagoga do século I d. C. também serão visitados e interpretados. Será analisada a investigação arqueológica que fundamentou a elaboração deste museu³⁷⁷ e solicitada uma entrevista com um responsável da pesquisa arqueológica.

A tensão entre o rural e o urbano encontra-se também nas interpretações arqueológicas, pois uma perspetiva somente rural e romântica não corresponde à realidade do primeiro século. Nazaré deve ter sido uma localidade pequena, porém 7 km ao Norte de Nazaré, encontra-se o *Zipori National Park*. Trata-se do sítio arqueológico de **Séforis**. Esta localidade encontra-se próximo da *Via Maris* e foi capital da Galileia na primeira parte do reinado de Herodes Antipas,³⁷⁸ no entanto, esta cidade não é mencionada no Novo Testamento. Depois da morte de Herodes, o Grande, Séforis foi palco de uma rebelião judaica, subjugada pelos romanos. No entanto em 67 d. C. os habitantes não participaram na revolta nacionalista e foram poupados por Vespasiano.³⁷⁹ O sítio arqueológico de Séforis é impressionante pelo tamanho e devido aos achados greco-romanos. Foram apresentadas hipóteses de que Jesus trabalhou em Séforis como construtor³⁸⁰, porém estas teorias também foram refutadas. Os achados encontrados nesta localidade são sobretudo do tempo depois da primeira metade do século I d. C., logo depois da vida de Jesus de Nazaré. Não obstante, Séforis ilustra o desenvolvimento de uma cidade romana, depois de Cristo, bem com a influência da cultura grega e a presença judaica, pois após a destruição de Jerusalém, a Galileia tinha-se tornado o centro do judaísmo.

³⁷⁶ Vide <http://www.nazarethvillage.com>, [consult. 20 de agosto de 2013].

³⁷⁷ Vide <http://www.nazarethvillage.com/research/content/archaeology>, [consult. 20 de agosto de 2013].

³⁷⁸ Vide João Duarte Lourenço, “As vias de comunicação, regiões e cidades da Palestina”, *Guia Bíblico e Cultural da Terra Santa*, Lisboa, Universidade Católica Editora, 2008, p. 100.

³⁷⁹ Vide *Ibid.*, p. 101.

³⁸⁰ A palavra τέκτων que é traduzida por carpinteiro, significa também construtor, vide Marcos 6:3 “Não é este o carpinteiro,”

Cafarnaum, no lago da Galileia, é muitas vezes referido nos evangelhos. Entretanto, a maioria dos achados arqueológicos também são posteriores ao tempo da vida de Jesus. A exposição no museu arqueológico dos franciscanos em Jerusalém contém vários objetos e maquetes deste sítio arqueológico.

Jerusalém foi profundamente modificada por Herodes, o Grande, pois ele foi, no seu tempo, o maior construtor no Levante. O *Model of Jerusalem in the Second Temple Period* (O modelo de Jerusalém do período do segundo Templo)³⁸¹ oferece uma perspectiva especial acerca da cidade na altura do Novo Testamento. Esta maquete, à escala 1:50 encontra-se no *Israel Museum*. Um estudo pormenorizado da topografia, dos edifícios, da leitura comparada de textos bíblicos, bem como de outras fontes, serão de grande proveito para a compreensão desta cidade, que várias vezes se tornou palco das ocorrências no Novo Testamento. Igualmente, será estudada a planta da cidade ao longo dos períodos históricos.

No *Israel Museum*³⁸² há várias exposições que abordam questões do Mundo Bíblico. Cada participante do curso terá a oportunidade de estudar uma das coleções e apresentar peças significativas, situando-as no espaço e tempo, articulando-as com os respetivos períodos históricos e culturais da Bíblia. Vão ser visitadas duas exposições permanentes de arqueologia, *Chronicles of the land* (crônicas da terra) e *Neighboring Cultures* (culturas vizinhas). *Chronicles of the land* tem as coleções seguintes: *The Land of Canaan* (a terra de Canaã) da Idade do Bronze; *Israel and the Bible*, (Israel e a Bíblia) com a Idade do Ferro, 1200 - 586 a. C.; o período Babilônio e Persa, 586 - 332 a. C.; *Greeks, Romans, and Jews* (Gregos, Romanos e Judeus) com o período helenístico 332 - 63 a. C., o início do período romano / período herodiano / período do Segundo Templo 63 a. C. - 70 d. C. Outras coleções tratam o período romano depois da destruição do templo, e as épocas seguintes. A exposição *Neighboring Cultures* aborda as coletâneas *Egypt of the Pharaohs* (Egito dos faraós), *Ancient Near East* (Antigo Oriente Próximo), *The Greek World* (o Mundo Grego) e *The Peoples of Italy* (os povos da Itália). Ainda serão estudadas as coleções temáticas *The Development of the Alphabet* (o desenvolvimento do alfabeto), *Coins in Context* (moedas em contexto) e *Glass through the Ages* (vidro através das idades). Uma boa amostra de produção de textos bíblicos e judaicos do tempo greco-romano é oferecida por *The Shrine of the Book* (o santuário do livro) com as exposições sobre os manuscritos do Mar Morto, a comunidade de Qumrã, a ‘biblioteca’ de Qumrã e o Códex de Alepo. Estas exposições providenciam uma boa introdução à grande des-

³⁸¹ Vide <http://www.holylandnetwork.com/temple/model.htm>, e http://www.english.imjnet.org.il/page_1382, [consult. 20 de agosto de 2013].

³⁸² Vide http://www.english.imjnet.org.il/page_819, [consult. 20 de agosto de 2013].

coberta no deserto do Mar Morto, à literatura bíblica e judaica e a questões da transmissão de textos, ou seja, a crítica textual.

O *Rockefeller Archaeological Museum* faz parte do *Israel Museum* e contém também achados de vários períodos da Terra Santa. Este Museu encontra-se perto da cidade antiga e a entrada é gratuita. Próximo do *Israel Museum*, encontra-se o *Bible Lands Museum Jerusalem*³⁸³ que mostra a história do Médio Oriente Antigo através de valiosas coleções. Porém, provavelmente não será possível, também, visitar este museu...

Os **vestígios do templo da altura de Herodes** merecem uma visita. Serão estudados *The Western Wall* (o muro das 'lamentações'), o 'arco de Robinson' que suportava uma das entradas do templo. O *Davidson Center* no *Jerusalem Archaeological Park*³⁸⁴ tem exposições do período em estudo e permite a entrada para o parque arqueológico com as diferentes épocas da cidade, conforme acima referido.

A **exposição *Through the Ages***³⁸⁵ (através dos tempos) oferece uma amostra arqueológica contextualizada que se encontra debaixo da igreja do redentor, no centro da cidade antiga de Jerusalém, - vide parte II capítulo 4.1 *German Protestant Institute of Archaeology in the Holy Land* -. As escavações arqueológicas visíveis providenciam a possibilidade de contar a história de Jerusalém dos últimos dois mil anos. Esta 'viagem' através do tempo será preciosa porque mostra o esforço da arqueologia contemporânea em trabalhar no contexto. Com efeito, muitas peças arqueológicas existentes nos museus foram retiradas dos seus ambientes, especialmente no passado, bastantes vezes sem preocupação com a sua contextualização. Nestas visitas será possível confrontar os textos dos Evangelhos que tratam dos lugares da última semana da vida de Jesus com a cidade de Jerusalém e as descobertas arqueológicas.

O **museu da *Israel Bible Society*** mostra, em pouco espaço, assuntos históricos ligadas aos textos da Bíblia e uma visita guiada será de interesse para reforçar várias matérias tratadas.

Uma visita ao **Museu arqueológico do *Studium Biblicum Franciscanum***³⁸⁶ trará informações complementares ao entendimento da história e cultura bíblicas. Entre os trabalhos arqueológicos dos franciscanos terão interesse, por exemplo, a maquete das casas de Cafarnaum, do primeiro século. Uma conversa com o diretor do museu será muito proveitosa.

³⁸³ Vide <http://blmj.org/en/index.php>, [consult. 20 de agosto de 2013].

³⁸⁴ Vide <http://www.archpark.org.il/exhibitions.shtml>, [consult. 21 de agosto de 2013].

³⁸⁵ Vide *Through the Ages*, <http://xn--erlserkirche-jerusalem-whc.info/index?lang=en>, [consult. 20 de agosto de 2013].

³⁸⁶ Vide <http://www.sbf.custodia.org>, [consult. 30 de maio de 2013].

Cesareia Marítima, ao Norte de Tel Aviv, tem um impressionante parque arqueológico que ainda hoje mostra o esplendor urbanístico de Herodes, o Grande. Esta cidade portuária foi construída pelo rei da Judeia em honra de César Augusto e veio a ser um centro da cultura e religião greco-romana. Depois da morte de Herodes, o Grande, Cesareia tornou-se sede do governador romano. Nos textos bíblicos, este sítio entra somente em cena nos Atos dos Apóstolos. Uma visita a este lugar oferecerá uma visão sobre a grandeza urbanística dos projetos de Herodes, o Grande, com os vestígios do porto artificial, do aqueduto, do templo de Augusto, do anfiteatro, do teatro e das outras infraestruturas.

Israel e Palestina são ricos em lugares do Mundo Bíblico. Podem ainda incluir-se visitas aos dois sítios já mencionados, o jardim bíblico de *Yad Hasmona*³⁸⁷ e o *Neot Kedumim, the Biblical Landscape Reserve in Israel*³⁸⁸, que representam a vida rural e se encontram entre Tel Aviv e Jerusalém. Porém, não é tão fácil chegar a estes dois lugares de transportes públicos, mas uma visita a um ou dois destes locais, podia servir de alternativa ao *Nazareth Village* na Galileia.

Através deste vasto roteiro bíblico e arqueológico, os participantes irão adquirir competências na contextualização histórica, geográfica e cultural do mundo bíblico.

Questões práticas e legais acerca da realização de viagens de estudo em Israel. Em Israel, os grupos turísticos organizados necessitam de um *Licensed Tour Guide*³⁸⁹ (guia turístico licenciado) para visitar sítios oficiais, históricos e arqueológicos. Porém, a viagem de estudo distingue-se de uma viagem turística. O grupo será pequeno, não mais do que 10 pessoas, viajará em transportes públicos e cada um pagará a sua entrada. As explicações dadas nos lugares não terão o carácter tradicional, mas assentarão muito mais nas contribuições dos participantes. Com estas características, as exigências legais não se aplicam. Por experiência própria³⁹⁰ posso afirmar que no âmbito desta viagem de estudo não haverá problemas legais.

³⁸⁷ Vide http://www.yad8.com/by_Info.php, [consult. 6 de junho de 2013].

³⁸⁸ Vide <http://www.neot-kedumim.org.il>, [consult. 5 de junho de 2013].

³⁸⁹ Esta licença implica ter residência em Israel, uma formação prolongada e a aprovação num exame, vide <http://www.tayarut-school.co.il/?CategoryID=105&ArticleID=569>, [consult. 21 de agosto de 2013]. Todavia, tais requisitos não estão ao alcance de quem reside em Portugal. No entanto, para a viagem de estudo proposta, não será contratado um guia licenciado, pelas seguintes razões: devido à natureza formativa da viagem de estudo e por causa dos custos elevados.

³⁹⁰ Frequentei uma formação de *Tourguide Training for guided group travel* e fui guia turístico em Portugal. Fiz uma formação *online* do Turismo de Israel, certificada e liderei viagens em Israel.

3. Curso livre - A Bíblia e o seu contexto geográfico, histórico, arqueológico e cultural

Na segunda parte do presente trabalho de projeto foram consideradas as representações do mundo bíblico e constatou-se o interesse em saber mais acerca deste assunto. Há docentes que estão interessados em aprofundar os seus conhecimentos do texto e do contexto da Bíblia. Tanto professores de Educação Moral e Religiosa, como catequistas, professores de escola dominical, membros de organizações e outros interessados. Com o intuito de oferecer uma formação para jovens adultos e adultos, segue-se a proposta de um curso livre. Ficam abertas as questões administrativas, como o corpo docente. Consoante o interesse, pode ser considerada a hipótese de estabelecer parcerias com instituições ligadas ao ensino de docentes de Educação Moral e Religiosa, formação de catequistas e professores de escola dominical.

Apresentação

A nossa sociedade foi marcada pela cultura clássica e pela Bíblia. Porém, estamos distantes dos lugares e dos tempos nos quais as narrativas bíblicas ocorreram. O curso livre “A Bíblia e o seu contexto geográfico, histórico, arqueológico e cultural” deseja responder à procura de compreensão do mundo bíblico. Esta formação pretende ensinar o estudo dos textos da Bíblia e contextualizá-los no espaço e no tempo, bem como indicar de que modo os contextos podem iluminar os textos. Serão abordadas panoramicamente a história e cultura dos povos que acompanham os textos bíblicos e os respetivos lugares geográficos. Os estudos bíblicos entrarão em diálogo com a história, geografia, arqueologia e estudos culturais. Serão dados a conhecer literatura e filmes atuais sobre o mundo bíblico e iniciativas de animação bíblica, em Portugal e no estrangeiro. Igualmente será analisada a representação do mundo bíblico na sociedade atual. Com o objetivo de conhecer o papel da arqueologia, fazem ainda parte deste curso duas visitas de estudo a sítios arqueológicos, existindo igualmente a possibilidade de uma viagem de estudo a Israel para aqueles que tenham interesse e meios próprios para o fazer.

Objetivos:

- Providenciar formação sobre o mundo bíblico;
- Transmitir conhecimento do contexto da Bíblia: história, geografia, ambiente natural, arqueologia, cultura e vida diária e
- Ensinar a competência de saber articular o texto bíblico com o seu contexto.

Destinatários:

- Pessoas ligadas ao ensino da Bíblia e outros interessados.

Carga horária:

- Semanalmente, 2 horas, acompanhadas de leitura de textos da Bíblia.

Duração:

- Vinte e cinco unidades ao longo do ano letivo, mais duas visitas de estudo em sábados à tarde e facultativamente uma viagem de estudo a Israel.

Programa:

1º Semestre - A Bíblia e o seu mundo, uma viagem de Génesis até Juízes.

Unidade 1 - Introdução à história da Bíblia - uma coleção de livros, transmissão dos textos e traduções;

Unidade 2 - Introdução à geografia das terras bíblicas, Levante, Crescente Fértil e Israel;

Unidade 3 - Introdução à história e cultura pré-clássica I - Mesopotâmia e Levante;

Unidade 4 - Introdução à história e cultura pré-clássica II - Egito e Palestina;

Unidade 5 - Introdução à cultura material e à arqueologia;

Unidade 6 - Ambiente natural das terras bíblicas, flora e fauna e a vida no campo;

Unidade 7 - Génesis 1 até 10 no contexto do Médio Oriente antigo;

Unidade 8 - Abraão, Génesis 11-25 e o contexto geográfico e histórico;

Unidade 9 - Isaac, Jacob e José, Génesis 25-50 e o contexto da história antiga;

Unidade 10 - Êxodo 1-12, Israel e a saída do Egito, à luz do Egito antigo;

Unidade 11 - As leis do Pentateuco à luz de tratados e leis do Médio Oriente antigo;

Unidade 12 - Os livros de Josué e Juízes e os cananeus e filisteus;

Unidade 13 - O livro de Rute, Israel, estrangeiros e a vida social.

2º Semestre - Do início da monarquia até ao Novo Testamento;

Unidade 14 - I Samuel, sacerdote, profeta e pastor, a vida na sociedade;

Unidade 15 - II Samuel, o reinado de David à luz da situação geopolítica;

Unidade 16 - I Reis, os negócios e construções de Salomão;

Unidade 17 - O contexto político e social do reino dividido;

Unidade 18 - A superpotência da Assíria nos textos bíblicos;

Unidade 19 - A conquista da Babilónia, o exílio e a política tolerante da Pérsia;

Unidade 20 - A história e cultura greco-romana na Palestina e o Novo Testamento;

Unidade 21 - A situação política e cultural na Judeia na época do Novo Testamento;

Unidade 22 - Os evangelhos e a vida rural na Galileia na época de Jesus;

Unidade 23 - A cidade de Jerusalém e os estrangeiros de todo o mundo em Atos dos Apóstolos;

Unidade 24 - O Império romano e as viagens de Paulo e

Unidade 25 - Representação do mundo bíblico hoje e perspectivas para o futuro:

- Visita de estudo a um sítio arqueológico romano em Lisboa;
- Visita de estudo ao museu arqueológico de Odrinhas, Sintra e
- Viagem de estudo à Israel, facultativo, consoante o interesse.

Conclusões parciais

Baseado na parte teórica e nas entrevistas, foram apresentadas nesta parte três propostas para o ‘Sector Animação Bíblica e Cultural’ da Sociedade Bíblica. A primeira proposta é para o ensino escolar, a segunda para multiplicadores e a terceira para o público geral interessado. Estas propostas de intervenção necessitam de ser discutidas numa equipa multidisciplinar da Sociedade Bíblica.

As atuações que visam os professores e os alunos do ensino básico e secundário são: a formação contínua para docentes, a exposição e a aula. A ação de formação para professores precisa de ser apresentada num centro de formação e seguidamente ser aprovada e acreditada pelo ‘Conselho Científico-Pedagógico de Formação Contínua’. Uma exposição móvel do género ‘uma expedição pelo Mundo Bíblico’ requer um processo de apreciação, projeção, execução e avaliação. A organização de recursos materiais e humanos é um aspeto importante a considerar. As entidades responsáveis pela Educação Moral e Religiosa Católica e Evangélica devem ser envolvidas na planificação e promoção da formação. Manifestamente, uma ação deste âmbito tem que ser viável e operativa.

No curso de formação com excursões e viagens de estudo para multiplicadores, o planeamento, o financiamento e a execução precisam de ser aprofundados. É igualmente importante aprender através da experiência, fazer as avaliações e melhorar os cursos a seguir. Deve estudar-se a hipótese de estabelecer uma parceria com uma entidade de ensino superior e a possibilidade de acreditação académica.

O curso livre ‘A Bíblia e o seu contexto geográfico, histórico, arqueológico e cultural’ é uma oferta para pessoas interessadas que queiram melhorar os conhecimentos e entendimentos acerca do mundo bíblico. Deve estudar-se a possibilidade de realizar esta formação noutras partes do país, para além de Lisboa.

Atuações no âmbito do mundo bíblico são um elemento recente na Sociedade Bíblica. A organização necessita de ponderar esta nova orientação tanto no nível estratégico – direção, como ao nível operativo - execução e de dar a devida prioridade às intervenções do mundo bíblico, nos vários níveis organizacionais. O recrutamento e a formação de pessoas competentes na área do mundo bíblico é um fator chave para a realização destas intervenções e da sua sustentabilidade. A articulação com outras entidades competentes nos domínios da história e da cultura bíblicas é essencial neste processo.

Conclusão

O presente trabalho de projeto analisou o problema ‘o Mundo Bíblico visto de hoje’. Na primeira parte, foram aprofundadas dimensões conceptuais e teóricas dos contextos da Bíblia, na segunda parte investigaram-se algumas representações do mundo bíblico na atualidade, e na terceira parte foram projetadas determinadas respostas de intervenção desenhadas a partir da investigação concretizada.

Ao longo da compilação do trabalho, as três partes têm estado em articulação. Lacunas de conhecimento nas comunidades educativas levaram-me a aprofundar os assuntos teóricos do mundo bíblico e motivaram-me a dar ênfase nas respostas nestas áreas. A fundamentação metodológica da pesquisa recebeu orientação: da historiografia que lida com o mundo antigo; do carácter interdisciplinar dos contextos bíblicos; da mnemotécnica bíblica; de modelos de instituições e sugestões de multiplicadores da atualidade, tanto em Portugal como em Israel e de diretrizes formativas do sistema educativo nacional.

A característica geral da problemática girou em torno do princípio básico da interpretação de literatura ‘o contexto explica o texto’. Assim sendo, as metodologias assumidas das três partes do trabalho eram distintas: primeiro, no estudo dos diferentes aspetos do mundo bíblico, aplicaram-se os métodos usados em história, numa perspetiva interdisciplinar; segundo, entrou-se no campo da pesquisa empírica das ciências sociais, optando por metodologias que visaram perceber o problema; seguidamente procurei encontrar orientações em trabalhos idênticos existentes e por fim foram planeadas atuações para a animação bíblica e cultural da Sociedade Bíblica.

A questão abordada na primeira parte relaciona-se com as amplas matérias que os textos bíblicos expõem. Ao longo dos livros da Bíblia aparecem descrições do espaço geográfico, da história, do ambiente natural, da vida diária, da economia e das relações humanas. Este conjunto de contextos é designado “mundo bíblico”. Ou seja, os contextos com os quais os textos bíblicos se interligaram e no tempo no qual sucederam; os espaços nos quais ocorreram; os povos e culturas com os quais se articularam; o ambiente natural no qual estavam inseridos e a vida diária na qual as pessoas existiram. Estes conteúdos bíblicos entram na esfera da história, arqueologia, geografia, ciências naturais e outras disciplinas. Ainda é de notar que os assuntos que ocorrem nos textos bíblicos não se deixam enquadrar num tema central.³⁹¹ Pesquisas sobre as vias de comunicação nas terras bíblicas contribuem para a perceção geopolítica e as ligações e atividades comerciais que existiram. Uma leitura atenta sobre es-

³⁹¹ Evidentemente, não foi esse o propósito dos escritores e redatores destes textos antigos.

trangeiros, emigração e imigração traz luz acerca da integração e convivência de etnias, questões muitas vezes negligenciadas em estudos bíblicos. O excuro sobre a memória no contexto bíblico ilumina a contribuição dos textos da Bíblia para a historiografia. É necessário enfatizar que o encontro com as ‘terras bíblicas’ traz novas compreensões para o estudo do contexto bíblico, especialmente na geografia-topografia, na arqueologia e no estudo do ambiente natural. Desta forma, o mundo bíblico faz parte da ‘história e cultura universal’ e é uma memória e um patrimônio que precisa ser lembrado. O estudo da história e cultura da Bíblia é interdisciplinar, pois este saber articula-se com questões históricas, geográficas e culturais. Os muitíssimos temas que os textos bíblicos apresentam, ultrapassam um estudo convencional. A tarefa de descrever o mundo bíblico iria assumir dimensões enciclopédicas e está fora do alcance de um trabalho final de mestrado. Enfim, pela sua natureza multidisciplinar era apropriado falar de mundos bíblicos. Pessoalmente, tem sido um grande ganho e privilégio poder ‘viajar’ e aprofundar novos saberes ligados à história.

Na segunda parte, investigaram-se representações do mundo bíblico em comunidades educativas. Pesquisar sobre o mundo bíblico na atualidade, revelou-se uma tarefa difícil que pode ser comparada com um trabalho arqueológico em terreno desconhecido, cheio de fatores ainda não descobertos. Deixando a metáfora da arqueologia, estou consciente da falta de preparação para a realização de pesquisa no campo das ciências sociais e da sua análise. Contudo, foram efetuados esforços para perceber algumas representações do mundo bíblico na sociedade atual. As lacunas verificadas nos alunos novos são sobretudo nas competências geográficas e na natureza da literatura bíblica. Realizaram-se entrevistas com pessoas chave e examinou-se alguma literatura não acadêmica que aborda a problemática em estudo. Constatou-se que os livros mais valiosos que abordam temas da história e cultura bíblica são aqueles nos quais as disciplinas de estudos bíblicos, história, arqueologia e pedagogia se articulam. Analogamente, atuações também têm que ser multidisciplinares.

Na terceira parte projetaram-se intervenções que procuraram responder ao desafio ‘mundo bíblico, que fazer com esta memória?’. O mundo da Bíblia tem um grande potencial para tornar-se uma matéria de interesse da atualidade. O contexto bíblico é de natureza multidisciplinar e é nesta área que as atuações têm que acontecer. No entanto, para melhorar o conhecimento do mundo bíblico é necessária uma intervenção integrada em vários níveis. Ações no meio escolar necessitam duma formação contínua para docentes do ensino básico e secundário, assim como de materiais concretos. Neste âmbito, foi projetada uma ação de formação sobre o mundo bíblico. Esta atividade foi delineada conforme as exigências legais para uma formação contínua acreditada pelo ‘Conselho Científico-Pedagógico de Formação Contínua’.

O público-alvo são professores de Educação Moral e Religiosa Católica e Evangélica, assim como de outras disciplinas, nomeadamente História e Geografia. Pois são os docentes que educam e formam as novas gerações. Faz parte da ação de formação a execução de uma exposição nas respetivas escolas, assim como a realização de aulas sobre o mundo bíblico. A realização da exposição ‘uma expedição pelo Mundo Bíblico’ será um ponto alto na vida da escola e da localidade, pois envolverá várias disciplinas, professores, alunos e toda a comunidade escolar. As atividades realizadas apelarão vários sentidos dos participantes e visitantes, porque a mnemotécnica bíblica tem que ser concreta e prática. Constatou-se que ensinar a geografia das terras bíblicas, sem conhecer o terreno, não é fácil. De facto, é fundamental proporcionar um encontro com o território. As novas tecnologias, como filmes, possibilitarão este contato. A realização deste projeto educativo integrado exige uma formação sólida, preparação e empenho na realização da equipa envolvida. A Sociedade Bíblica na sua atividade principal de produção e divulgação de literatura assumirá um papel essencial. Serão intervenções exigentes, porém compensatórias.

O curso com viagens de estudo para multiplicadores é uma resposta concreta à carência constatada e visa a instrução de pessoas que são capazes de multiplicar os conhecimentos adquiridos. O alvo é a aquisição de competências na história e cultura bíblica. A formação proposta de multiplicadores proporcionará uma visão ampla dos contextos da Bíblia. Será uma abordagem multidisciplinar de estudos bíblicos, história, arqueologia, cultura, geografia-topografia e meio ambiente. Será desenvolvida a capacidade de articular textos com os seus contextos. Será enfatizada a compreensão panorâmica da história e cultura pré-clássica do Médio Oriente Antigo e da história e cultura greco-romana. Achados arqueológicos serão contextualizados. A vivência no terreno e o contato com a flora e fauna serão importantes. Pois, pode-se estudar a literatura bíblica em todo o mundo, porém conhecer pessoalmente o contexto *in loco* será a especialidade desta expedição. A viagem à Israel proporcionará também o contato com o mundo atual do Médio Oriente.

O curso livre será uma oferta formativa para um público mais geral, pois também catequistas e professores de escola dominical e outros interessados merecem ter um conhecimento alargado do mundo da Bíblia.

As intervenções projetadas neste trabalho de projeto estão também abertas para um público não universitário. No entanto será importante manter o contato com a formação e a investigação académica. Pois uma atuação sustentável necessita de formadores com formação superior.

Neste trabalho de projeto foi estudado o tema ‘Mundo Bíblico visto de hoje’, no entanto em futuros estudos era importante alargar a pesquisa acerca das representações do mundo bíblico. Especialmente ao nível universitário, pois muito matéria foi produzida sobre a literatura bíblica e os respetivos contextos no meio académico português. Estas áreas não foram abordadas no presente trabalho. Portanto, o tema mundo bíblico tem potencial para futuras investigações.

O percurso percorrido ao longo do presente estudo é extenso e as matérias expostas são abrangentes, porém o tema ‘mundo ‘bíblico visto de hoje’ é consistente. No entanto, admito que ao longo da elaboração destas páginas, estive frequentemente à procura do ‘caminho a seguir’ e experimentei o que quer dizer entrar em terrenos novos, ainda não conhecidos. É legítimo questionar se a presente pesquisa se encaixa no âmbito dos objetivos de um trabalho final de mestrado em História. Para a objetividade moderna o mundo bíblico parece ser demasiado amplo e diferenciado. Contudo, sendo o presente estudo também uma abordagem sobre a antiguidade oriental, este trabalho de projeto vai, com a sua diversidade ao encontro da tarefa multidisciplinar. Ao encontrar-me no final do trajeto, olhando para trás e avaliando o estudo, admito que se podia ter encurtado caminhos e ter deixado questões e excursos de lado. No entanto, para o caminhante são os trilhos menos diretos e os desvios que o levam à descoberta de paisagens mais fascinantes e inesperadas.

Concluindo, afirmo que o presente trabalho de projeto se tornou numa verdadeira aventura, de Lisboa, numa das regiões mais ocidentais do antigo *Imperium Romanum* até ao Levante, um dos territórios mais orientais do *Mare Nostrum*. Lugares distantes, porém da mesma herança histórica e cultural. O mundo bíblico revelou-se como um portal do conhecimento para o mundo antigo e simultaneamente para o presente. A nossa civilização está fundada em dois pilares, o clássico e o bíblico e a nossa memória cultural necessita de integração e universalidade para poder enfrentar o futuro. O diálogo entre o Ocidente e o Oriente continua a ser substancial para a sustentabilidade das civilizações. O mundo bíblico, sendo ponte entre culturas, pode e deve dar o seu contributo civilizacional. Entretanto, é necessário continuar a investigar a história bíblica, integrar a sua herança cultural e procurar vias de inovação no ensino e na comunicação deste saber.

Fontes e Referências Bibliográficas

I Fontes

1. Bíblias, edições críticas

Bíblia Hebraica Stuttgartensia

Karl, Ellinger; Wilhelm Rudolph e Adrian Schenker (eds.), Stuttgart, Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

Novum Testamentum Graece

Eberhard Nestle [et. al.] (eds.), Stuttgart, Deutsche Bibelgesellschaft, 1993.

Septuaginta

Alfred Rahlfs (ed.), Stuttgart, Deutsche Bibelgesellschaft, 1979.

2. Bíblias, traduções em português

Bíblia

(tradução de João Ferreira de Almeida, segunda edição revista e atualizada), Barueri, Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

A Bíblia de Jerusalém

São Paulo, Edições Paulinas, 1986.

a Bíblia para todos

(edição comum), Lisboa, Sociedade Bíblica, 2011.

Bíblia Sagrada

Lisboa [et. al.], Difusora Bíblica, 2000.

A Bíblia Sagrada

(traduzida por João Ferreira de Almeida, edição revista e corrigida), Lisboa, Sociedade Bíblica, 1986.

3. Literatura clássica

Cícero

“De Oratore II”, *De Oratore I, II*, (E. W. Sutton tradução inglês) Cambridge, Heinemann, Harvard 1942, pp. 196-479.

Hesíod

Theogony, (M.L. West editor e comentário), Oxford, At the Clarendon Press, 1971, texto pp. 113 e 145, comentário pp. 174 e 411.

Platão

“O Banquete”, *Apologia de Sócrates, Críton e Banquete*, (Maria Teresa Schiappa de Azevedo tradução, introdução e notas), Oeiras, Edições 70, 2010, pp. 101-209.

Plato

“Symposium”, Plato, *III Lysis, Symposium, Gorgias*, (S. R. Lamp, tradução para inglês) London, Heineman, 1967, pp. 73-245.

II Bibliografia geral

1. Obras de referência

BICKERMAN, Elias

“Makkabäerbücher I und II”, *Paulys Realencyclopädie der Classischen Altertumswissenschaft*, Geroge Wossowa (ed.), München, Alfred Druckenmüller Verlag, 1928, vol. 27.1, pp. 779-797.

“Cronologia”

Atlas Bíblico - Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, James B. Pritchard (diretor principal), José Nunes Carreira (ed. port.), Lisboa, Edições Zairol, 1996, pp. 15-23.

“Dan”

Archäologisches Bibellexikon, Avraham Negev (ed.), Neuhausen-Stuttgart, Hänssler-Verlag, 1991, pp. 99-100.

“O Desenvolvimento da Bíblia”

Atlas Bíblico - Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, James B. Pritchard (diretor principal), José Nunes Carreira (ed. port.), Lisboa, Edições Zairol, 1996, pp. 132-133.

“A Economia no Reino de Salomão”

Atlas Bíblico - Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, James B. Pritchard (diretor principal), José Nunes Carreira (ed. port.), Lisboa, Edições Zairol, 1996, pp. 82-83.

“Egito e Canaã”

Atlas Bíblico - Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, James B. Pritchard (diretor principal), José Nunes Carreira (ed. port.), Lisboa, Edições Zairol, pp. 314-321.

“A Fauna e a Flora no Levante”

Atlas Bíblico - Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, James B. Pritchard (diretor principal), José Nunes Carreira (ed. port.), Lisboa, Edições Zairol, 1996, pp. 60-61.

“Geografia Histórica e Arqueologia”

Atlas Bíblico - Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, James B. Pritchard (diretor principal), José Nunes Carreira (ed. port.), Lisboa, Edições Zairol, 1996, pp. 188-191.

“Geser”

Archäologisches Bibellexikon, Avraham Negev (ed.), Neuhausen-Stuttgart, Hänssler-Verlag, 1991, pp. 153-156.

‘Gezer’, “Sítios e Personagens do Mundo Bíblico”

Atlas Bíblico - Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, James B. Pritchard (diretor principal), José Nunes Carreira (ed. port.), Lisboa, Edições Zairol, 1996, pp. 233-234.

GILCHRIST, Paul R.

“תּוֹלְדוֹת (toledot), gerações, nascimento”, *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*, Laird R. Harris; Gleason L. Archer Jr; Bruce K. Waltke (eds.), São Paulo, Vida Nova, 1998, p. 621.

“Guézer”, “Sítios e Personagens do Mundo Bíblico”

Atlas Bíblico - Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, James B. Pritchard (diretor principal), José Nunes Carreira (ed. port.), Lisboa, Edições Zairol, 1996, pp. 233-234.

“Judá no Período Helenista. Domínio Egípcio em Judá - Reino dos Ptolomeus”

Atlas Bíblico - Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, James B. Pritchard (diretor principal), José Nunes Carreira (ed. port.), Lisboa, Edições Zairol, 1996, pp. 142-143.

KOEHLER, Ludwig e BAUMGARTNER, Walter

Lexicon in Veteris Testamenti Libros, Leiden, E. J. Brill, 1958, p. 1005.

‘Megiddo’, “Sítios e Personagens do Mundo Bíblico”

Atlas Bíblico - Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, James B. Pritchard (diretor principal), José Nunes Carreira (ed. port.), Lisboa, Edições Zairol, 1996, p. 266.

“Origens da Humanidade e do Mundo”

Atlas Bíblico - Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, James B. Pritchard (diretor principal), José Nunes Carreira (ed. port.), Lisboa, Edições Zairol, 1996, pp. 308-313.

“Projectos das Cidades - A Ordem Hierárquica”

Atlas Bíblico - Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, James B. Pritchard (diretor principal), José Nunes Carreira (ed. port.), Lisboa, Edições Zairol, pp. 120-121.

“O Reino de Herodes”

Atlas Bíblico - Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, James B. Pritchard (diretor principal), José Nunes Carreira (ed. port.), Lisboa, Edições Zairol, 1996, pp. 156-157.

“Relações entre a Bíblia e a História Mundial”

Atlas Bíblico - Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, James B. Pritchard (diretor principal), José Nunes Carreira (ed. port.), Lisboa, Edições Zairol, 1996, pp. 106-107.

“Roma no Oriente”

Atlas Bíblico - Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, James B. Pritchard (diretor principal), José Nunes Carreira (ed. port.), Lisboa, Edições Zairol, 1996, pp. 150-151.

“Seminómadass na Orla do Deserto”

Atlas Bíblico-Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, James B. Pritchard (diretor principal), José Nunes Carreira (ed. port.), Lisboa, Edições Zairol, 1996, pp. 322-343,

“A Terra”

Atlas Bíblico - Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, James B. Pritchard (diretor principal), José Nunes Carreira (ed. port.), Lisboa, Edições Zairol, 1996, pp. 58-59.

“Zakar”

Theologisches Handwörterbuch zum Alten Testament, Ernst Jenni e Claus Westermann (eds.), München [et. al.], Kaiser [et. al.], 1971-1976, vol. 2, p. 574.

2. Obras gerais

AHARONI, Yohanan

“The General Setting”, *The Land of Bible*, London, Burns & Oates, 1979, pp. 3-20.

“The Land of Many Contrasts”, *The Land of Bible*, London, Burns & Oates, 1979, pp. 21-42.

“Roads and Highways”, *The Land of Bible*, London, Burns & Oates, 1979, pp. 43-63.

ALDER, Barbara e BROK den, Barbara

“Porträts”, *Die perfekte Ausstellung. Ein Praxisleitfaden zum Projektmanagement von Ausstellungen*, Bielefeld, transcript Verlag, 2012, pp. 91-186.

ALEXANDRE Júnior, Manuel

“Conclusão”, *Hermenêutica Retórica*, Lisboa, Alcalá, 2004, pp. 237-239.

“Hermenêutica geral. Princípios gerais de interpretação”, *Manual de hermenêutica bíblica*, Lisboa, [s. n.], 2002, pp. 74-144.

“Para uma Hermenêutica do texto retorico e literário”, *Hermenêutica Retórica*, Lisboa, Alcalá, 2004, pp. 196-236.

“Redescoberta da Hermenêutica Retórica”, *Hermenêutica Retórica*, Lisboa, Alcalá, 2004, pp. 133-178.

ASSMANN, Jan

“Einleitung“, *Das kulturelle Gedächtnis. Schrift, Erinnerung und politische Identität in frühen Hochkulturen*, München, C. H. Beck Verlag, 2002, pp. 15-25.

“Erinnerungskultur. Vorbemerkungen“ *Das Kulturelle Gedächtnis. Schrift, Erinnerung und politische Identität früherer Hochkulturen*, München, Beck, 2002, pp. 29-34.

“Ethnogenese als Steigerung der Grundstrukturen kollektiver Identität“, *Das kulturelle Gedächtnis. Schrift, Erinnerung und politische Identität in frühen Hochkulturen*, München, C. H. Beck Verlag, 2002, pp. 144-160.

“Religion als Erinnerung: Das Deuteronomium als Paradigma kultureller Mnemotechnik“, *Das kulturelle Gedächtnis. Schrift, Erinnerung und politische Identität in frühen Hochkulturen*, München, C. H. Beck Verlag, 2002, pp. 212-228.

“Vorbemerkung. Fallstudien“, *Das kulturelle Gedächtnis. Schrift, Erinnerung und politische Identität in frühen Hochkulturen*, München, C. H. Beck Verlag, 2002, pp. 163-166.

BELL, Albert A.

“Sumário“, *Explorando o Mundo do Novo Testamento*, Belo Horizonte, Editora Atos, 2001, pp. 5-8.

BERG, Horst Klaus e WEBER, Ulrike

“Zu diesem Buch“, *So lebten die Menschen zur Zeit Jesu. Freiarbeit Religion, Materialien für Schule und Gemeinde*, Stuttgart, Calwer Verlag, 2007, p. 5.

“Zum Aufbau des Materials“, *So lebten die Menschen zur Zeit Jesu. Freiarbeit Religion, Materialien für Schule und Gemeinde*, Stuttgart, Calwer Verlag, 2007, p. 13

BRAUDEL, Fernand

“O Mar“, *O Mediterrâneo: O Espaço e a História*, Lisboa, Teorema, 1987, pp. 35-57.

“A Terra“, *O Mediterrâneo: O Espaço e a História*, Lisboa, Teorema, 1987, pp. 11-31.

CARMO, Hermano Duarte de Almeida

“Técnicas de Observação“, Hermano Duarte de Almeida Carmo e Manuela Malheiro Ferreira, *Metodologia da Investigação: Guia para Auto-Aprendizagem*, Lisboa, Universidade Aberta, 1998, pp. 87-116.

CARREIRA, José Nunes

Outra face do Oriente - o Próximo Oriente em relatos de viagem, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1997.

Por terras de Jerusalém e do Próximo Oriente, Mem Martins, Europa-América, 2003.

“Elementos Estruturais do Programa”

Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, Lisboa, Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2007, pp. 29-44.

“Enquadramento geral”

Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, Lisboa, Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2007, pp. 13-27.

CATROGA, Fernando

“Recordação e esquecimento”, *Memória, História e Historiografia*, Coimbra, Quarteto Editora, 2001, pp. 13-35.

ESTEP Jr., James Riley

“Christian Education in 18th-19th Century Europe”, James Riley Estep Jr, (ed.), *The Heritage of Christian Education*, Joplin, College Press Publishing, 2003, pp. 12.1-12.14.

HILBRANDS, Walter

“Exkurs: Formengeschichte”, Manfred Dreytza, Walter Hilbrands, Hartmut Schmied, *Das Studium des Alten Testaments. Eine Einführung in die Methoden der Exegese*. Wuppertal, R. Brockhaus Verlag e Giessen, Brunnen Verlag, 2002, pp. 97-99.

HOUTSON, James

“A Bíblia e o seu ambiente”, *O mundo da Bíblia*, David Alexander e Pat Alexander (eds.), São Paulo, Paulinas, 1986, pp.10-21.

Impressões do Oriente

[catálogo da exposição], de Eça de Queiroz a Leite de Vasconcelos / textos de Luís Manuel de Araújo, Luís Raposo, José Pessoa; fot. Sofia Torrado, Tânia Olim, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, 2008, pp. 40-44.

“Introdução Geral”

a *BÍBLIA para todos* (edição comum), Lisboa, Sociedade Bíblia de Portugal, 2009, pp. 19-21.

ISSERLIN, Benedikt Sigmund Johannes

“Geographie: Das Land und seine Ressourcen“, *Das Volk der Bibel: Von den Anfängen bis zum Babylonischen Exil*, Mainz, Verlag Phlipp von Zabern, 2001, pp. 20-41.

LONG, Philips V.

“Old Testament History: A Hermeneutical Perspective”, *A Guide to Old Testament Theology and Exegesis*, Willem A. Vangemeren (ed.), Grand Rapids, Zondervan, 1999, pp. 83-99.

LOURENÇO, João Duarte

“Contextualização da Palestina no Médio Oriente”, *História e Cultura Bíblica. I - Do Império de David ao Exílio da Babilónia*, Lisboa, [s. n.], 2007, pp. 7-19.

-
- “O Mundo Político do Período Intertestamentário”, *O Mundo Judaico em que Jesus viveu*, Lisboa, Universidade Católica Editora, 2005, pp. 19-49.
-
- “As vias de comunicação, regiões e cidades da Palestina”, *Guia Bíblico e Cultural da Terra Santa*, Lisboa, Universidade Católica Editora, 2008, pp. 77-117.
- MEIER, Christian
“Die Entstehung der Historie”, *Geschichte - Ereignis und Erzählung*, Reinhart Koselleck e Wolf-Dieter Stempel (eds.), (Poetik und Hermeneutik, vol. 5), München, Wilhelm Fink Verlag, 1973. pp. 251-305.
- MERRILL, Eugene Haines
“Old Testament History: A Theological Perspective”, *A Guide to Old Testament Theology and Exegesis*, Willem A. Vangemeren (ed.), Grand Rapids, Zondervan, 1999, pp. 65-82.
- NOTH, Martin
“Inhalt”, *Die Welt des Alten Testaments. Einführung in die Grenzgebiete der Alttestamentlichen Wissenschaft*, Berlin, Alfred Töpelmann, 1962, pp. IX-XV.
- POSCHESCHINK, Gerald
“III Erste Schritte: Die Planung eines Forschungsprojekts”, *Empirisch Forschen: Die Planung und Umsetzung von Projekten im Studium*, HUG, Theo Hug e Gerald Poscheschnik (direção), Konstanz, UVK Verlagsgesellschaft, 2010, pp. 71-98.
- POSNER, Roland
“Kultursemiotik”, *Konzepte der Kulturwissenschaften*, Ansgar Nünning e Vera Nünning (eds.), Stuttgart, Verlag J. B. Metzler, 2003, pp. 39-72.
- RAMOS, José Augusto
“O Espaço do Tempo, segundo o Judaísmo”, *Cultura, Revista de História e Teoria das Ideias. Ideia(s) de Tempo*, Lisboa, Centro de História das Culturas da Universidade Nova de Lisboa, vol. XXIII / 2006, IIª Série, pp. 233-258.
- RAPHAEL, Chaim
“The Two Traditions: the Hebraic and the Hellenic”, *Literature and Western Civilization*, volume I - The Classical World, David Daiches e Anthony Thorlby (eds.), London, Albus Books, 1972, pp. 487-517.
- SCHOTTROFF, Willy
“Ergebnis“, *‘Gedenken’ im Alten Orient und im Alten Testament: Die Wurzel Zakar im Semitischen Sprachkreis*, Wissenschaftliche Monographien zum Alten und Neuen Testament, Günther Bornkamm, Gerhard von Rad (eds.), vol. 15, Neukirchen-Vluyn, Neukirchener Verlag, 1967, pp. 339-341.
- SCHÜRER, Emil
“Hilfswissenschaften“, *Geschichte des jüdischen Volkes im Zeitalter Jesu Christi*, Leipzig, J. C. Hinrichs’sche Buchhandlung, 1890, vol. I, pp. 9-25.

SETERS van, John

“Conclusions”, *In Search of History: Historiography in the Ancient World and the Origins of Biblical History*, Winona Lake, Eisenbrauns, 1997, pp. 354-362.

“Introduction”, *In Search of History: Historiography in the Ancient World and the Origins of Biblical History*, Winona Lake, Eisenbrauns, 1997, pp. 1-7.

STAUBLI, Thomas

“Klima und Landschaft“, *Biblische Welten: Ein Bildatlas*, Stuttgart, Deutsche Bibelgesellschaft, 2000, pp. 4-5.

SCHWANITZ, Dietrich

“Panorâmica Geral”, *Cultura: Tudo o que é preciso saber*, Lisboa, Dom Quixote, 2004, pp. 17-21.

TAVARES, António Augusto

“A Arqueologia como Fonte Histórica”, *As Civilizações Pré-Clássicas - guia de estudo*, Lisboa, Editorial Estampa, 1980, pp. 55 -62.

“Economia Antiga, apesar das dúvidas“, *Economia e História Antiga*, Lisboa, Editorial Presença, 1987, pp. 9-13.

“As fontes”, *Civilizações Pré-Clássicas*, Lisboa, Universidade Aberta, 1995, pp. 353-359.

“Os Hebreus - O meio ambiente”, *Civilizações Pré-Clássicas*, Lisboa, Universidade Aberta, 1995, pp. 339-351.

“O meio ambiente”, *Civilizações Pré-Clássicas*, Lisboa, Universidade Aberta, 1995, pp. 343-351.

“Prefácio“, *Economia e História Antiga*, Lisboa, Editorial Presença, 1987, pp. 7-8.

“O território e os habitantes”, *As Civilizações Pré-Clássicas - guia de estudo*, Lisboa, Editorial Estampa, 1980, p. 114.

VELDEN van der, Adrian Schouten

“Kapklippschliefer“, *Tierwelt der Bibel*, Stuttgart, Deutsche Bibelgesellschaft, 1992, p. 126-127.

“Syrischer Braunbär“, *Tierwelt der Bibel*, Stuttgart, Deutsche Bibelgesellschaft, 1992, pp. 144-145.

VIEWEGER, Dieter

„Archäologische Pionierarbeit in Palästina“, *Archäologie der biblischen Welt*, Göttingen, Vanderhoeck & Ruprecht, 2006, pp. 36-40.

“Der Name”, *Streit um das Heilige Land*, München, Gütersloher Verlagshaus, 2011, pp. 23-25.

“Namen“, *Archäologie der biblischen Welt*, Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 2006, pp. 77-81,

“Wo spielte sich alles ab?“, *Archäologie der biblischen Welt*, Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 2006, pp. 75-86.

WESTERMANN, Claus

Teologia do Antigo Testamento. São Paulo, Paulinas, 1987.

ZOHARY, Michael

“Der Mensch der Bibel und seine Umwelt“, *Pflanzen der Bibel*, Stuttgart, Calwer Verlag, 1983, pp. 11-49.

3. Publicações eletrónicas

British Library

“Dead Sea Scrolls”, <http://www.bl.uk/learning/cult/sacredbooks/religiousbooks/jewish/deadsea/deadseascrolls.html>, [consult. 12 de agosto de 2013].

British Museum

“Visiting / Floor plans and galleries”, http://www.britishmuseum.org/visiting/floor_plans_and_galleries/ground_floor.aspx, [consult. 12 de agosto de 2013].

Conselho Científico-Pedagógico de Formação Contínua

<http://www.ccpfc.uminho.pt>, [consult. 7 de agosto de 2013].

École Biblique & Archéologique Française de Jérusalem

<http://www.ebaf.edu>, [consult. 1 de junho de 2013].

German Protestant Institute of Archaeology in the Holy Land

<http://www.deiahl.de/history.html>, [consult. 22 de maio de 2013].

Israel Bible Society

<http://www.biblesocietyinIsrael.com>, [consult. 5 de Junho de 2013].

MILLARD, Alan Ralph

“The Old Testament and History: Some Considerations”, *Faith and Thought*, n.º 110.1, 2, 1983, pp. 34-53. Disponível em <http://www.faithandthought.org.uk/content/F&T110%201983%20Alan%20Millard%20The%20Old%20Testament%20and%20History.pdf>, [consult. 28 de agosto de 2013].

Nazareth Village

<http://www.nazarethvillage.com>, [consult. 20 de agosto de 2013].

Sociedade Bíblica em Portugal

<http://www.sociedade-biblica.pt>, [consult. 7 de agosto de 2013].

United Bible Societies

“Bible Lands as Classroom”, <http://www.thebibletranslator.org/index.php?q=content/bible-lands-classroom-8-dvd-series>, [consult. 8 de agosto de 2013].

ZWICKEL, Wolfgang

“Die Erforschung des Klimas in Palästina in den letzten 10000 Jahren”, *Welt und Umwelt der Bibel*, n.º 4, Stuttgart, Bibelwerk, 2007. Disponível em https://www.bibelwerk.de/sixcms/media.php/169/WUB_407_Weihnachten_Rep.pdf, [consult. 8 de Março de 2013].

Apêndices

I Resultados dos questionários sobre o Mundo Bíblico

1. Resultados dos questionários dos alunos do 2º ciclo da Paróquia de São Miguel de Sintra.

Legenda: M= masculino, seguido do número de respostas assinaladas.

As respostas certas estão a **negrito**.

Sobre a leitura de textos bíblicos:	Nunca	As vezes	Frequentemente
Costumo ler textos bíblicos:		M 2	M 2
Utilizo um atlas ou mapas para perceber onde aconteceram as histórias bíblicas:	M 1	M 2	
Procuro entender em que época decorre a história bíblica:			M 3
Na leitura de textos bíblicos:	Não	Mais ou menos	Sim
Estrangeiros e pessoas de outros povos fazem parte das histórias e são importantes:			M 3
Acho que plantas, animais, comida e outros factos da vida diária são uma parte importante dos textos:		M 2	M 1
Sobre o conteúdo de textos bíblicos:			
A primeira história na Bíblia fala sobre:	O povo de Israel: M 1	A Criação: M 2	O nascimento de Jesus:
O segundo livro da Bíblia começa a contar que o povo de Israel:	Foi para o Egito: M 1	Esteve em Israel: M 1	Esteve no Egito: M 1
Israel encontra-se na costa do Mar Mediterrâneo mas faz parte do continente asiático	Certo: M 2	Não certo: M 1	Não sei:
Jesus nasceu em:	Nazaré	Belém: M 3	Jerusalém
‘Messias’ e ‘Cristo’ querem dizer: ’	Filho de Deus: M 2	O Ungido: M 1	Têm significados diferentes:
No Antigo Testamento, a Páscoa lembra a saída do povo de Israel do Egito:	Não: M 1	Sim: M 1	Não sei: M 1
No Novo Testamento, na altura da Páscoa, Jesus foi crucificado e depois ressuscitou da morte:	Não:	Sim: M 3	Não sei:
Um dos Evangelhos menciona que o seguinte Imperador romano reinou na altura do nascimento de Jesus:	Tibério:	Não menciona nenhum Imperador:	Augusto: M 3

Os textos bíblicos foram originalmente escritos em:	Latim: M 2	Hebraico, Aramaico e Grego: M 1	Português antigo:
A palavra 'Bíblia' quer dizer:	Livro: 0	Palavras divinas: 0	Escritura sagrada: 0
Sobre o ensino da Bíblia			
Aprendi mais sobre a Bíblia e o seu Mundo: mais: (xxx), mais ou menos (xx), menos (x)	Em casa: 5 cruces:	Na Igreja: 7 cruces	Na Escola / EMRE: 4 cruces
O ensino mais interessante que já tive sobre a Bíblia e o seu mundo, foi: (por exemplo teatro, musical, campo de férias, exposição etc.)	Foi: Teatro, Exposição		Na (Escola, Igreja, ou ...)
Outras sugestões de como animar o ensino sobre a Bíblia:	-		

2. Resultados dos questionários dos alunos do 2º ciclo da Igreja Evangélica de Sintra em Mem Martins

Legenda: M= masculino, seguido do número de respostas assinaladas.

As respostas certas estão a **negrito**.

Sobre a leitura de textos bíblicos:	Nunca	As vezes	Frequentemente
Costumo ler textos bíblicos:		M: 3	
Utilizo um atlas ou mapas para perceber onde aconteceram as histórias bíblicas:	M: 1	M: 1	M: 1
Procuro entender em que época decorre a história bíblica:		M: 3	
Na leitura de textos bíblicos:	Não	Mais ou menos	Sim
Estrangeiros e pessoas de outros povos fazem parte das histórias e são importantes:	M: 1		M: 1
Acho que plantas, animais, comida e outros factos da vida diária são uma parte importante dos textos:			M: 3
Sobre o conteúdo de textos bíblicos:			
A primeira história na Bíblia fala sobre:	O povo de Israel: M: 1	A Criação: M: 1	O nascimento de Jesus: M: 1
O segundo livro da Bíblia começa a contar que o povo de Israel:	Foi para o Egito: M: 1	Esteve em Israel:	Esteve no Egito: M: 1

Israel encontra-se na costa do Mar Mediterrâneo mas faz parte do continente asiático	Certo:	Não certo:	Não sei: M: 3
Jesus nasceu em:	Nazaré	Belém: 2	Jerusalém
‘Messias’ e ‘Cristo’ querem dizer: ’	Filho de: Deus: M: 2	O Ungido:	Têm significados diferentes:
No Antigo Testamento, a Páscoa lembra a saída do povo de Israel do Egito:	Não	Sim: M: 2	Não sei: M: 1
No Novo Testamento, na altura da Páscoa, Jesus foi crucificado e depois ressuscitou da morte:	Não: M: 1	Sim: M: 2	Não sei:
Um dos Evangelhos menciona que o seguinte Imperador romano reinou na altura do nascimento de Jesus:	Tibério: M: 2	Não menciona nenhum Imperador:	Augusto: M: 1
Os textos bíblicos foram originalmente escritos em:	Latim: 1:	Hebraico, Aramaico e Grego: M: 1	Português antigo: 1
A palavra ‘Bíblia’ quer dizer:	Livro: M: 2	Palavras divinas:	Escritura sagrada: M: 1
Sobre o ensino da Bíblia			
Aprendi mais sobre a Bíblia e o seu Mundo: mais (xxx), mais ou menos (xx), menos (x)	Em casa: 1 cruz	Na Igreja: 6 cruces	Na Escola / EMRE: 2 cruces
O ensino mais interessante que já tive sobre a Bíblia e o seu mundo, foi: (por exemplo teatro, musical, campo de férias, exposição etc.)	Foi: Campo de Férias		Na (escola, igreja, ou ...): Igreja
Outras sugestões de como animar o ensino sobre a Bíblia:	Não responderam		

3. Resultados dos questionários dos alunos da Escola Dominical da Igreja Evangélica de Sintra, em Mem Martins, compreendidos na faixa etária dos 13 aos 17 anos, aproximadamente, que corresponde ao 3º Ciclo e Secundário

O questionário foi preenchido por duas alunas do sexo feminino e três alunos do sexo masculino.

Legenda: M= masculino, F= feminino, seguido do número de respostas assinaladas.

As respostas certas estão a **negrito**.

Sobre a leitura de textos bíblicos:	Nunca	As vezes	Frequentemente
Costumo ler textos bíblicos:		M 1	F 2, M 2
Utilizo um atlas ou mapas para perceber onde aconteceram as histórias bíblicas:	F 1; M 1	F 1; M 2	
Procuro entender em que época decorre a história bíblica:		M 3	F 2;
Na leitura de textos bíblicos:	Não	Mais ou menos	Sim
Estrangeiros e pessoas de outros povos fazem parte das histórias e são importantes:		F 1;	F 1; M 3
Acho que plantas, animais, comida e outros factos da vida diária são uma parte importante dos textos:		F 1; M 1	F 1; M 2
Procuro primeiro entender o que significou o texto para os leitores originais e depois busco entender o significado para hoje:		F 1; M 1	F 1; M 2
Sobre o conteúdo de textos bíblicos:			
A primeira narrativa na Bíblia fala sobre:	O povo de Israel	A Criação F 2; M 3	O nascimento de Jesus
O segundo livro da Bíblia começa a contar que o povo de Israel:	Foi para o Egito F 2, M 3	Esteve em Israel	Esteve no Egito:
Por “Crescente Fértil” entendo as áreas geográficas seguintes:	Israel e Egito	Israel e Síria	Mesopotâmia, Síria, Israel e o Egito: F 2; M 2
David reinou sobre Israel:	ca. 1500 a. C.: F 1	ca. 1000 a. C.: F 1; M 2	ca. 700 a. C.:
David teve muitas batalhas com:	Assírios:	Egípcios:	Filisteus: F 2; M 2
O profeta Jeremias viveu durante a invasão dos babilónios mas foi levado para o Egito:	Sim:	Não:	A primeira parte é correta, mas ele nunca foi para o Egito: F 1; M 3
A ordem cronológica certa dos grandes Impérios que reinaram no Médio Oriente antes de Jesus Cristo é:	Babilónios, Assírios, Gregos e Persas: M 1	Gregos, Babilónios, Persas e Assírios:	Assírios, Babilónios, Persas e Gregos: F 2; M 2

Um dos Evangelhos menciona que o seguinte Imperador romano reinou na altura do nascimento de Jesus:	Tibério: F 2; M 1	Augusto:	Não menciona nenhum Imperador: M 1
Os textos bíblicos foram originalmente escritos em:	Latim:	Português antigo:	Hebraico Aramaico e Grego: F 2; M 3
A palavra 'Bíblia' quer dizer:	Livro: F 1; M 2	Palavras divinas: M 1	Escritura sagrada: F 1
O ensino mais interessante que já tive sobre a Bíblia e o seu mundo, foi: (por exemplo teatro, musical, campo de férias, exposição etc.)	Foi: -		Na Igreja: F 2; M 1
Outras sugestões de como animar o ensino sobre a Bíblia	-		

4. Resultados dos questionários realizados pelos alunos do 2º Ciclo, 6º ano de escolaridade, cerca de 11 e 12 anos de idade, na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica

Preencheram o questionário 3 alunas e 4 alunos.

Legenda: M= masculino, F= feminino, seguido do número de respostas assinaladas.

As respostas corretas estão a **negrito**.

Sobre a leitura de textos bíblicos:	Nunca	Às vezes	Frequentemente
Costumo ler textos bíblicos:	F 1; M 2	F 1; M 2	F 1;
Utilizo um atlas, ou mapas para perceber onde aconteceram as histórias bíblicas:	F 3; M 2	M 2	
Procuo entender em que época decorreu a história bíblica:	M 2	F 3; M 1	M 1
Na leitura de textos bíblicos:	Não	Mais ou menos	Sim
Estrangeiros e pessoas de outros povos fazem parte das histórias e são importantes:	M 2	M 1	F 3; M 2
Acho que plantas, animais, comida e outros factos da vida diária são uma parte importante dos textos:	M 1	F 2	F 1; M 3
Sobre o conteúdo de textos bíblicos:			
A primeira história da Bíblia fala sobre:	O povo de Israel: M 2	A Criação: F 3; M 2	O nascimento de Jesus:

O segundo livro da Bíblia começa a contar que o povo de Israel:	Foi para o Egito: F 3; M 3	Esteve em Israel:	Esteve no Egito: M 1
Israel encontra-se na costa do Mar Mediterrâneo mas faz parte do continente asiático	Certo: F 1; M 3	Não certo:	Não sei: F 2; M 1
Jesus nasceu em:	Nazaré:	Belém: F 3; M 4	Jerusalém M
‘Messias’ e ‘Cristo’ querem dizer: ’	Filho de: Deus: F 1 M	O Ungido: M 1	Têm significados diferentes: F 1; M 2
No Antigo Testamento: a Páscoa lembra a saída do povo de Israel do Egito:	Não: M 2	Sim: F 2; M 1	Não sei: F 1; M
No Novo Testamento, na altura da Páscoa, Jesus foi crucificado e depois ressuscitou da morte:	Não:	Sim: F 2; M 3	Não sei: F 1
Um dos Evangelhos menciona que o seguinte Imperador romano reinou na altura do nascimento de Jesus:	Tibério: F 1; M 3	Não menciona nenhum Imperador:	Augusto: F 2
Os textos bíblicos foram originalmente escritos em:	Latim: M 1	Hebraico, Aramaico e Grego: F 3; M 2	Português antigo: M
A palavra ‘Bíblia’ quer dizer:	Livro:	Palavras divinas: F 1; M 1	Escritura sagrada: F 2; M 1
Sobre o ensino da Bíblia			
Aprendi mais sobre a Bíblia e o seu Mundo: mais: (xxx), mais ou menos (xx), menos (x)	Em casa: F 5 cruces M 2 cruz	Na Igreja: F 3 cruces; M 1 cruces	Na Escola / EMRE: F 5 cruz. M 6 cruces
O ensino mais interessante que já recebi sobre a Bíblia e o seu mundo, foi: (por exemplo teatro, musical, campo de férias, exposição etc.)	Foi: Teatro: F 1; Filme: F 1; Visita de estudo: F 1 Aula: F 1 Música na missa: F 1, Acantonamento: M 1		Na Escola: F 1, Igreja F 1; M 1 Casa: F 1
Outras sugestões de como animar o ensino sobre a Bíblia:	M: Teatro sobre a Bíblia, visita de estudo;		

5. **Resultados dos questionários realizados pelos alunos do 3º ciclo, do 7º ano de escolaridade, com idades compreendidas entre 12 e 15 anos, da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica**

Preencheram o questionário 3 alunos (masculinos = M, seguido do número de respostas assinaladas.). As respostas corretas encontram-se a **negrito**.

	Nunca	Às vezes	Frequentemente
Costumo ler textos bíblicos:	M 1	M 1	M 1
Utilizo um atlas, ou mapas para perceber onde aconteceram as histórias bíblicas:	M 2		M 1
Procuro entender em que época decorre a história bíblica:		M 2	M 1
Na leitura de textos bíblicos:	Não	Mais ou menos	Sim
Estrangeiros e pessoas de outros povos fazem parte das histórias e são importantes:		M 2	M 1
Acho que plantas, animais, comida e outros aspetos da vida diária são uma parte importante dos textos:		M 1	M 2
Procuro primeiro entender o que significou o texto para os leitores originais e depois procuro entender o significado para hoje:	M 1		M 1
Sobre o conteúdo de textos bíblicos:			
A primeira narrativa na Bíblia fala sobre:	O povo de Israel: M 1	A Criação: M 2	O nascimento de Jesus:
O segundo livro da Bíblia começa a contar que o povo de Israel:	Foi para o Egito: M 1	Esteve em Israel: M 1	Esteve no Egito: M 1
Por “Crescente Fértil” entendo as áreas geográficas seguintes:	Israel e Egito	Israel e Síria	Mesopotâmia, Síria, Israel e o Egito: M 3
David reinou sobre Israel:	ca. 1500 a. C.:	ca. 1000 a. C.: M 1	ca. 700 a. C.: M 1
David teve muitas batalhas com:	Assírios:	Egípcios: M 1	Filisteus: M 1
O profeta Jeremias viveu durante a invasão dos babilónios mas foi levado para o Egito:	Sim:	Não	A primeira parte é correta, mas ele nunca foi para o Egito: M 3

A ordem cronológica correta dos grandes Impérios que reinaram no Médio Oriente antes de Jesus Cristo é:	Babilónios, Assírios, Gregos e Persas: M 1	Gregos, Babilónios, Persas e Assírios: M 2	Assírios, Babilónios, Persas e Gregos:
Um dos Evangelhos menciona que o seguinte Imperador romano reinou na altura do nascimento de Jesus:	Tibério:	Augusto: M 2	Não menciona nenhum Imperador: M 1
Os textos bíblicos foram originalmente escritos em:	Latim: M 1	Português antigo:	Hebraico Aramaico e Grego: M 2
A palavra 'Bíblia' quer dizer:	Livro	Palavras divinas: M 1	Escritura sagrada; M 2
O ensino mais interessante que já recebi sobre a Bíblia e o seu mundo, foi: (por exemplo teatro, musical, campo de férias, exposição etc.)	Foi: Sobre Jesus, o amor de Deus, uma exposição		Na Escola: M 1 Na Igreja: M 2
Outras sugestões de como animar o ensino sobre a Bíblia	Desenhos na Bíblia		

6. Resultados dos questionários realizados pelos alunos do 2º Ciclo, na disciplina de Educação Moral e Religiosa Evangélica

No segundo ciclo, ou seja, 5º e 6º anos de escolaridades, faixa etária compreendida entre os 10 e os 13 anos de idade, o questionário foi preenchido por nove alunas inscritas e uma assistente e quatro alunos inscritos e dois assistentes.

Legenda: M= masculino, F= feminino, seguido do número de respostas assinaladas.

As respostas corretas encontram-se a **negrito**.

Sobre a leitura de textos bíblicos:	Nunca	Às vezes	Frequentemente
Costumo ler textos bíblicos:	M 1;	F 8; M 5	F 2;
Utilizo um atlas ou mapas para perceber onde aconteceram as histórias bíblicas:	F 3; M 4	F 4; M 2	
Procuro entender em que época decorreu a história bíblica:		F 5	F 4
Na leitura de textos bíblicos:	Não	Mais ou menos	Sim

Estrangeiros e pessoas de outros povos fazem parte das histórias e são importantes:		F 3; M 1	F 7; M 5
Acho que plantas, animais, comida e outros aspetos da vida diária são uma parte importante dos textos:	M 1	F 6; M 2	F 4; M 2
Sobre o conteúdo de textos bíblicos:			
A primeira história da Bíblia fala sobre:	O povo de Israel: F 1; M 1	A Criação: F 9; M 4	O nascimento de Jesus:
O segundo livro da Bíblia começa a contar que o povo de Israel:	Foi para o Egito: F 4	Esteve em Israel: M 2	Esteve no Egito: F 6; M 3
Israel encontra-se na costa do Mar Mediterrâneo mas faz parte do continente asiático	Certo: F 6; M 3	Não certo:	Não sei: F 3; M 4
Jesus nasceu em:	Nazaré: F 2	Belém: F 6; M 6	Jerusalém M 1
‘Messias’ e ‘Cristo’ querem dizer: ’	Filho de: Deus: F 8; M 3	O Ungido: F 1	Têm significados diferentes: F 1; M 1
No Antigo Testamento: a Páscoa lembra a saída do povo de Israel do Egito:	Não F 4; M 1	Sim: F 3; M 1	Não sei: F 3; M 4
No Novo Testamento: na altura da Páscoa, Jesus foi crucificado e depois ressuscitou da morte:	Não: M 1	Sim: F 7; M 2	Não sei: F 3; M 3
Um dos Evangelhos menciona que o seguinte Imperador romano reinou na altura do nascimento de Jesus:	Tibério:	Não menciona nenhum Imperador: F 3; M 3	Augusto: F 4; M 2
Os textos bíblicos foram originalmente escritos em:	Latim: F 1; M 4	Hebraico, Aramaico e Grego: F 8; M 0	Português antigo: M 1
A palavra ‘Bíblia’ quer dizer:	Livro: F 1	Palavras divinas: M 1	Escritura sagrada: F 9; M 5
Sobre o ensino da Bíblia			
Aprendi mais sobre a Bíblia e o seu Mundo: mais: (xxx), mais ou menos (xx), menos (x)	Em casa: F 16 pontos M 4 pontos	Na Igreja: F 21 pontos; M 12 pontos	Na Escola / EMRE: F 17 p M 8 pontos

O ensino mais interessante que já recebi sobre a Bíblia e o seu mundo foi: (por exemplo teatro, musical, campo de férias, exposição etc.)	Foi: Teatro: F 7; M 3 Filme: F 2; M 1 Visita de estudo: F 1	Na Escola F 4, Igreja F 7; M 2 Casa F 2; M 1
Outras sugestões de como animar o ensino sobre a Bíblia:	F: exposições, teatro, campo de férias e jogos; M: jogos sobre histórias e leitura	

7. Resultados dos questionários realizados pelos alunos do 3º Ciclo, 7º ano de escolaridade, com idades compreendidas entre 12 e 15 anos, na disciplina de Educação Moral e Religiosa Evangélica

O questionário foi preenchido por 2 alunas e 4 alunos.

Legenda: M= masculino, F= feminino, seguido do número de respostas assinaladas.

As respostas corretas encontram-se a **negrito**.

	Nunca	As vezes	Frequentemente
Costumo ler textos bíblicos:	M 1	F 2, M 2	M 1
Utilizo um atlas ou mapas para perceber onde aconteceram as histórias bíblicas:	M 3	F 2; M 1	
Procuro entender em que época decorreu a história bíblica:	M 1	F 2, M 2	M 1
Na leitura de textos bíblicos:	Não	Mais ou menos	Sim
Estrangeiros e pessoas de outros povos fazem parte das histórias e são importantes:		F 2; M 1	M 3
Acho que plantas, animais, comida e outros aspetos da vida diária são uma parte importante dos textos:		M 2	F 2; M 2
Procuro primeiro entender o que significou o texto para os leitores originais e depois procuro entender o significado para hoje:	M 2	F 1; M 1	F 1; M 1
Sobre o conteúdo de textos bíblicos:			
A primeira narrativa na Bíblia fala sobre:	O povo de Israel:	A Criação: F 1; M 3	O nascimento de Jesus: M 1
O segundo livro da Bíblia começa a contar que o povo de Israel:	Foi para o Egito: F 2, M	Esteve em Israel: M 3	Esteve no Egito: M 1
Por “Crescente Fértil” entendo as áreas geográficas seguintes:	Israel e Egito: M 2	Israel e Síria	Mesopotâmia, Síria, Israel e o Egito: M 2

David reinou sobre Israel:	ca. 1500 a. C.:	ca. 1000 a. C.: F 2; M 3	ca. 700 a. C.: M 1
David teve muitas batalhas com:	Assírios: M 1	Egípcios: F 1	Filisteus: F 1; M 2
O profeta Jeremias viveu durante a invasão dos babilónios mas foi levado para o Egito:	Sim: M 1	Não: F 1, M 1	A primeira parte é correta, mas ele nunca foi para o Egito: F 1; M 2
A ordem cronológica certa dos grandes Impérios que reinaram no Médio Oriente antes de Jesus Cristo é:	Babilónios, Assírios, Gregos e Persas: F 1, M 2	Gregos, Babilónios, Persas e Assírios: F 1, M 2	Assírios, Babilónios, Persas e Gregos:
Um dos Evangelhos menciona que o seguinte Imperador romano reinou na altura do nascimento de Jesus:	Tibério:	Augusto: F 1, M 2	Não menciona nenhum Imperador: F 1, M 2
Os textos bíblicos foram originalmente escritos em:	Latim: F 2, M 1	Português antigo: M 1	Hebraico Aramaico e Grego: M 2
A palavra 'Bíblia' quer dizer:	Livro; M 2	Palavras divinas:	Escritura sagrada: F 2, M 2
O ensino mais interessante que já recebi sobre a Bíblia e o seu mundo foi: (por exemplo teatro, musical, campo de férias, exposição etc.)	Foi: Teatro M 2		Na Escola: F 1, M2 na Igreja: F1, M 3
Outras sugestões de como animar o ensino sobre a Bíblia	Fazer jogos: M 1		

II Bibliografia para aulas e atividades sobre o Mundo Bíblico

1. Livros

Atlas Bíblico - Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira

Lisboa, Edições Zairol, 1996, (obra bastante cara, porém encontra-se em muitas bibliotecas).

BEAUMONT Mike

Compreender a Bíblia, Prior Velho, Paulinas Editora, 2008.

CONNOLLY Peter

A Vida no Tempo de Jesus de Nazaré, Editorial Verbo, 1988.

DONEY Meryl

Como a Bíblia chegou até nós, Coimbra, Gráfica de Coimbra, 1994.

GRAVES, Sue

O que é a Bíblia, Lisboa e Coimbra, Sociedade Bíblica de Portugal e a Gráfica de Coimbra, 2003.

Jesus no seu Tempo

Lisboa, Selecções do Readers's Digest, 1988.

LANGLEY, Myrtle

Bíblia Factos e Curiosidades - Mini-Enciclopédias, Cacém, Texto Editora, 2000.

O Grande Atlas da Bíblia

Marcus Braybrooke, Felicity Cobbing, James Harpur (eds), Coimbra e Fátima, Gráfica de Coimbra e Difusora Bíblica, 2001.

PEREGO, Giacomo

Atlas didático da Bíblia, Lisboa, Paulus Editora, 2007.

ROCK Lois

A Bíblia no seu Tempo, Lisboa, Sociedade Bíblica de Portugal, 2012.

SERAFINI, Filippo e PEREGO, Giacomo

ABC dos Mapas Bíblicos, Lisboa, Paulus Editora, 2007.

TUBB, Jonathan N.

Terras da Bíblia: Descubra a história da Terra Santa - a sua geografia e as antigas civilizações - Enciclopédia Visual, Lisboa, Editorial Verbo, 1992.

VAMOSH, Miriam Feinberg

A Vida diária no tempo de Jesus, Braga, Editorial Franciscana, 2003.

2. Filmes em formato DVD

Rute Amor e Fidelidade

nº 8 da série Histórias do Antigo Testamento - A Bíblia em Animação, Pedroso, Fubu Editores, 2005, (este filme de 24 minutos narra a história da Rute e é indicado para o 2º ciclo).

O Fazedor de Milagres

Lisboa, Lusomundo Audiovisuais, 2004, (este filme de 87 minutos, aborda a história e o contexto da vida de Jesus de Nazaré é indicado para o 2º ciclo, porém se o contexto histórico, geográfico e cultural for aprofundado, também terá interesse para o 3º ciclo).

A vida diária no tempo de Jesus

Or Yehuda, Doko Entertainment, 1999, (o filme de 90 minutos trata em 34 capítulos temas da história, cultura e religião do Novo Testamento, falado em brasileiro. Tem interesse para o 2º, 3º Ciclo e Secundário).

O Mundo perdido da Terra Santa

National Geographic, Lisboa, Lusomundo Editores, 2002, (filme de 54 minutos que documenta os animais da Bíblia e a preservação da fauna na atualidade, indicado para o 2º, 3º Cíclo e Secundário).

O Túmulo perdido de Herodes

National Geographic, Lisboa, Lusomundo Editores, 2009, (é uma reportagem do trabalho arqueológico realizado nas diferentes construções do grande rei. O documentário mostra os sítios arqueológicos de Masada, Herodium, Cesareia e o Templo em Jerusalém, projeta as construções do rei construtor e recria muitas cenas da altura, 50 minutos. Indicado para o 3º Ciclo e secundário).

3. Mapas didáticos

A Palestina da altura do Novo Testamento

Lisboa e Fátima, Difusora Bíblica, [s. d.].

Encruzilhada da História- Mediterrâneo Oriental

Suplemento da National Geographic, Dezembro 2008.

